



Obras completas de M. Teixeira-Gomes

Regressos

Miscelânea

Carnaval Literário

Londres Maravilhosa

e Outras Páginas Dispersas

 Obras completas de M. Teixeira-Gomes

Regressos

Miscelânea

Carnaval Literário

Londres Maravilhosa

e Outras Páginas Dispersas

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO



Obras completas de M. Teixeira-Gomes

Regressos

Miscelânea

Carnaval Literário

Londres Maravilhosa

e Outras Páginas Dispersas

Volume III

Coordenação

José Alberto Quaresma

Nuno Júdice

Prefácio

Helder Macedo

Imprensa Nacional
é a marca editorial da **INCM**

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.
Av. de António José de Almeida
1000-042 Lisboa

impresnacional.pt
loja.incm.pt
facebook.com/ImprensaNacional
instagram.com/impresnacional.pt
editorial.apoiocliente@incm.pt

Reservados todos os direitos,
de acordo com a legislação em vigor.
© José Alberto Quaresma e Nuno Júdice
© 2022, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.



Conceção gráfica
Imprensa Nacional-Casa da Moeda
Edição
Diogo Morais Barbosa
Revisão
Filipa Oliveira
Paginação
Gráfica 99

Fontes tipográficas
Títulos Tribute | Frank Heine | 2003 © Emigre
Texto Minion Pro | Robert Slimbach | 1990 © Adobe Fonts



1.ª edição: dezembro de 2022
ISBN: 978-972-27-3062-4
Depósito legal: 502914/22
Edição n.º 1025791



Imagem da contracapa: Manuel Teixeira-Gomes (c. 1910), fotografia,
Officinas Photographicas, Lisboa. BNP Esp. N46/cx. 40

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

PREFÁCIO

M. Teixeira-Gomes: a imaginação da memória

Recordar e imaginar são processos mentais muito semelhantes. Ambos incidem sobre o que não está a acontecer. As obras de M. Teixeira-Gomes incluídas neste volume situam-se num espaço ambíguo entre a imaginação e a memória. O texto que dá título ao conjunto designado como *Londres Maravilhosa* data de 1905, vinte anos antes do exílio durante o qual escreveu não só outros textos incluídos nessa coletânea mas também *Regressos*, *Miscelânea* e *Carnaval Literário*. Estes situam-se num presente sem previsão de futuro, enquanto que a Londres recordada em 1905 contém em si a expectativa de continuidade numa vida ainda por viver. Por exemplo, a quase surreal descrição das cabeleiras das mulheres inglesas exibidas em montras na Regent Street é uma deriva entre a visão erótica e a consumação do desejo. Mas em 17 de dezembro de 1925, Teixeira-Gomes partiu para um exílio que seria até ao fim da vida em 18 de outubro de 1941, com oitenta e um anos, solitariamente instalado num impessoal quarto de hotel em Bougie, na Argélia. Foram anos em que imaginação e memória se fundiram numa nova qualidade: a imaginação da memória.

Quase todos os textos recolhidos em *Regressos* foram redigidos cinco ou seis anos depois do início do exílio e reportam-se a mais de trinta anos antes, mas estão escritos como se o tempo não tivesse passado. São crónicas ou conversas de um antes, a acontecer agora: encontros com amigos, comentários sobre escritores, políticos, aristocratas, mulheres mais interessantes do que os maridos, viagens em Portugal, impressões do país

de onde partiu como se nele ainda estivesse. Por vezes deliciosamente irónico, em saudável má-língua, sempre encontrando um pormenor significativo, *Regressos* é um livro de convívio fácil, bem-disposto, e por isso tanto mais perturbador porque sem distância ou nostalgia. Como se estivesse mais próximo no tempo de *Londres Maravilhosa* do que de *Miscelânea* e *Carnaval Literário*. Estas duas coletâneas incluem cartas, especulações filosóficas e reflexões autobiográficas que emparceiram com as melhores obras literárias de Teixeira-Gomes e são fundamentais para o entendimento não só do exilado tempo presente da sua escrita mas também das múltiplas vidas que ele havia vivido de escritor, de político, de sensualista cidadão do mundo.

Em *Miscelânea*, numa carta de 1927, caracteriza a sua nova vida no exílio como a de um ressuscitado: «Saí de Portugal sem um livro, sem um papel, sem um apontamento ou nota; nada que, de longe ou de perto, recordasse o antigo literato ou político: abri na vida uma página perfeitamente em branco [...] olho para o céu, para o mar, para as montanhas, para a paisagem com a encantada curiosidade de um ressuscitado. [...] Vou consumindo, à semelhança de certos animais que hibernam, a própria enxúndia [...]. Note que eu era sonâmbulo em pequeno, e sempre tive, acordado, facilidade de desassociar a inteligência da sensibilidade. [...] O desdobramento da própria personalidade, em ator e espectador, posso-o provocar a meu bel-prazer; e sem o menor esforço, nos passeios solitários, se me arma o teatro da alma, o pano sobe, e a representação começa.» E noutra carta do mesmo ano, dirigida ao seu camarada literário António Patrício, torna implícita uma equivalência da sua situação à de Cartago, que já não existe na «paisagem onde o lugar persiste». Ele é o lugar que persiste, ressuscitado como ator e espectador no seu «teatro da alma».

O memorialismo de Teixeira-Gomes vai de par com o alucinatório e com o fantástico, e ambos com o seu entendimento dos mitos como «perenemente atuais», numa inter-relação que também aponta para a significação mais profunda de obras suas de aparência convencionalmente literária e de factual ou transposta referência autobiográfica: Perséfone em *O Sítio da Mulher Morta*, Galateia em *Maria Adelaide*, o alucinatório e o fantástico em *A Cigana*. Teixeira-Gomes, nessa carta a António Patrício, interpreta o desencontro de Orfeu e Eurídice no inferno como um conflito entre a realidade e a memória que relaciona a uma situação factual ocorrida consigo e que «dava para uma linda novela que só teria o defeito

da verdade parecer inverosímil». A verdade que pareceria inverosímil acontecera numa factual Sevilha quando, passados muitos anos sem ver a mulher que tinha sido o grande amor da sua vida, percebeu que ela estava sentada atrás de si num cinema e, sem se voltar, fugiu espavorido. E explica: «Quando os deuses, compadecidos das súplicas de Orfeu, lhe permitiram que fosse às furnas do inferno buscar a sua adorada Eurídice, disseram-lhe: “mas não te voltes para a ver porque a perdes”. E como é que a perdia; e como é que a perdeu? Achando-a tão mudada de feições e de expressão que já não parecia a mesma Eurídice que amara.» Disto também se depreende que a veracidade desse amor se transformara numa memória imaginada que, à semelhança de uma alucinação, corresponde ao que lá não está. Sendo assim, noutra carta a António Patrício, relaciona a sua «infetível memória visual, a que nunca fotografia alguma se pôde comparar», com ocorrências alucinatórias que tinha tido, comentando que «[e]m determinados espíritos a alucinação nunca significou sintoma de loucura; para eles, *ver* é simplesmente *imaginar* com intensidade. Nesses espíritos as ideias tomam facilmente a representação ou existência objetiva.»

Essa carta, datada de 1930, é também notável pelas relações que estabelece entre o erotismo, a representação da nudez nas artes visuais e o sentimento de totalidade recordado da infância, quando o seu jovem corpo nu mergulhava no tumulto das ondas: «Dentro de água, os membros soltos no líquido móvel e cristalino, pulsava-me o coração com tão seguro ritmo como se nele ecoasse a pulsação da vida universal...» Como entendida por Teixeira-Gomes, a sexualidade humana visa a uma holística experiência de «harmonia cósmica», que não pode excluir a representação estética dos corpos mas que não deve confundir-se com lubricidade: «Para aqueles a quem falta, na composição do sentido estético, a intuição da nudez pudica, não há conceção possível da carne sem lubricidade. Um efebo nu é sempre, no seu entender, espetáculo só apreciável a sodomitas. O corpo humano aparece-lhes compartilhado em zonas castas, impudicas e escandalosas.» A fundamental diferença entre lubricidade e sexualidade já havia sido sugerida, numa carta datada de 1928, num vívido contraste entre o Marquês de Sade e Santa Teresa de Jesus, quando caracteriza a alma do «patético Marquês» como «um infernal pocilgo fechado em açucenas e coberto de violetas» e a alma de Santa Teresa como um húmido poder vaginal capaz de se renovar a si próprio: «A alma de Santa Teresa! Oh misteriosa e recôndita flor de coral vermelho, que por si só seca e humedece!...»

Esta arrojada associação do amor místico à regenerativa sexualidade feminina corresponde ao sentimento de harmonia cósmica recordado da infância nas ondas do mar. O deleite narcísico pelo seu corpo juvenil iria incluir a apreciação estética de corpos sem distinção de género porque não divididos em zonas castas, impudicas ou escandalosas. Mas foi no feminino que o espelho de Narciso se transformou nos corpos do desejo.

Carnaval Literário é designado como «2.^a parte de *Miscelânea*» e, numa «Advertência preliminar», o Autor escreve: «Tão fielmente retratado me vejo neste livro que o ofereço aos meus amigos, como bilhete de despedida... para o outro mundo.» Esse fiel autorretrato inclui textos com um tipo de memorialismo semelhante ao praticado em *Londres Maravilhosa* e em *Regressos*; outros estão mais próximos da especulação filosófica do que do memorialismo e teriam podido ser organizados como ensaios; mas todos eles são relacionáveis tanto à temática de *Miscelânea* quanto à sua obra mais convencionalmente literária. Destes ressaltam os comentários sobre o «freudismo» e as manifestações do subconsciente e do inconsciente na mente racional. Em *Miscelânea* tinha escrito, numa referência irónica à sua «hibernação»: «Reabsorvida a própria enxúndia, entrevejo ainda a utilização do inconsciente. É o tesouro do literato que pretende ser genuinamente moderno: escutar o inconsciente e apanhar-lhe as “surpresas”. Pode suceder, porém, que eu encontre o inconsciente ainda mais pobre e árido do que o consciente[...]». O facto, no entanto, é que a mente racional de Teixeira-Gomes — para quem «*ver é simplesmente imaginar com intensidade*» — não precisou das surpresas do inconsciente para ser «genuinamente moderna». Certamente Teixeira Gomes não foi menos moderno do que o vinte e oito anos mais novo Fernando Pessoa no seu «drama em gente». Fernando Pessoa escreveu como vários para ser ele próprio; Teixeira-Gomes escreveu como se ele próprio fosse vários. O seu «teatro da alma» também inclui as obras de ficção escritas no exílio. Entre elas o conto *A Cigana*, sobre a alucinação de corpos intermutáveis, que antes de ser incluído nas *Novelas Eróticas* era uma carta a António Patrício, como outras publicadas em *Miscelânea*; e a novela *Maria Adelaide*, datada de dois anos antes de *Carnaval Literário*. O narrador de *Maria Adelaide* — um «cavalheiro medianamente culto, mas exuberante de vida física» — desumaniza uma jovem mulher reduzindo-a à mera fisicalidade. «É obra que só um velho conseguiria produzir», comenta Teixeira-Gomes numa carta de 1937 sobre a génese dessa obra, incluída em *Londres Maravilhosa*. Mas, até o que nessa ficção literária

possa coincidir com anteriores comportamentos do cultíssimo autor, o comportamento do ficcionado narrador seria a representação crítica de um «eu-próprio-outro» à luz do que, quase ao mesmo tempo, o mesmo autor escreveu em *Carnaval Literário* sobre a desumanização das mulheres.

No fiel autorretrato que disse ser *Carnaval Literário*, Teixeira-Gomes não só recorda a sua aliança com as marginalizadas sufragistas quando foi para Londres como o primeiro representante diplomático da marginalizada República portuguesa, mas também faz uma reflexão sobre a situação da mulher nas sociedades contemporâneas que, pelo seu radicalismo, seria um manifesto feminista se já então houvesse o que hoje se entende por feminismo. Partindo do pressuposto de que «antes da idade “patriarcal”» tinha havido uma «idade “matriarcal”, durante a qual se lançaram as grandes bases da civilização... altruísta», considera que «[o] facto, porém, é que no período patriarcal as mulheres passaram tratos de polé, e causa admiração que se não concertassem mais cedo para obter regalias e direitos iguais aos dos homens [...] uma das consequências de maior alcance social, a esperar da independência da mulher, fundada na sua educação científica, é que ela possa escolher o momento mais favorável para o exercício (digamos assim) da maternidade, produzindo, portanto, seres viáveis e menos perigosos, e corrigindo de algum modo a indiferença criminoso do homem, o qual, sífilítico, tuberculoso, alcoólico, etc., procria a trouxe-mouxe, sem se preocupar com os possíveis resultados funestos do seu desleixo.» E, de uma perspectiva que remete ao que havia sugerido, em *Miscelânea*, sobre o encontro de si próprio na sexualidade feminina — e portanto em sentido oposto ao redutor comportamento masculino representado em *Maria Adelaide* —, acrescenta: «Quanto a mim [...] a consequência principal da superioridade da mulher, e da sua libertação, consiste em dar ao amor maior intensidade; a mulher fácil, a mulher escrava só incita à mera satisfação do desejo sexual [...]».

A obra de M. Teixeira-Gomes não pode ser parcelada em compartimentos estanques. Vista no seu conjunto, como cumpre fazer, é uma inovadora construção literária para a qual ainda não havia — e porventura continua a não haver — designação adequada. O memorialismo criativo — a imaginação da memória em *Londres Maravilhosa*, *Regressos*, *Miscelânea* e *Carnaval Literário* — é o cimento que unifica a sua prodigiosa diversidade.

Helder Macedo







N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

REGRESSOS

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Reverter à nossa própria terra, de memória, e sem outro auxílio além do precário interesse que deriva da renovação caprichosa de velhas sensações pitorescas, e isso quando vivemos longe, em ambiente de costumes e cenário muito diversos, e nos referimos particularmente a povoações ou sítios vistos de fugida, constitui uma espécie de «exotismo às avessas».

Vamos fazer a experiência desse novo, ou ainda mal explorado género literário, e como este começo de primavera, na região enevoadada onde me encontro, seja mais desconsolado e frio do que um rigoroso inverno português, lembrarei certa Semana Santa, assoalhada, quase tórrida, embora caísse no princípio de abril, de que passei três dias em Évora, cidade que nunca visitara nem tornei mais a ver.

Eu vinha do Algarve e atravessara essa parte da serra, desarborizada e erma, que prepara bem o viajante para os descampados alentejanos.

O sol aquecia a planície, que reverberava um calor tão intenso como no verão mais húmido e molesto. A largos intervalos as pardas azinheiras de tosca ramada, espalhadas pelo solo adusto e gretado, mais realçavam a monotonia da paisagem. Apareceram por fim os primeiros campos de searas reverdecidas, a mitigar a já fastidiosa impressão de aridez quase desolada, e até noite fechada o comboio correu pelos trigais.

Por toda essa longa jornada, numa linha férrea que parece não servir povoado algum — tal é a distância a que se encontram as povoações dos

lugares, habitados mas invisíveis, que lhes dão o nome —, Beja ganha foros de maravilha.

E na verdade, ou recortando a movente silhueta sobre o mamelão que a sustém ao centro da infinita campina de esmeralda, ou, a caminho da Cuba, vista através de um ralo olival, com o casario branco apinhado ao amparo da sua formidável torre esquinada, Beja deixa uma impressão de burgo majestoso que se não esquece.

Chego a Évora de noite. Há uma extensa avenida que leva da estação à cidade, passando ao lado de uma igreja ou grande ermida torreada e arquetetada em leixão, como os castelos de rochas naturais que se encontram em certas praias do oceano.

A cidade parece incomparavelmente mais vasta e interessante do que será na verdade. Percorro-a a pé, lentamente.

A Praça de Sertório com os seus altos edifícios que a noite pode tornar imponentes, as suas arcadas que a alargam e sob as quais as lojas se iluminam irregularmente; a fonte monolítica a que o murmúrio da água corrente dá «movimento real»; depois, a colunata do átrio de S. Francisco, estofada de profundíssimas trevas e ampliada monumentalmente; um palácio, ou uma portada colossal de sumptuosíssimo palácio incompleto; alguns conventos de enorme fachada, começando em graves linhas jesuíticas e acabando em fantásticas voltas rococó; o Templo de Diana na sua graciosa e perfeita harmonia e, logo ao lado, a mole maciça da catedral dão à cidade, vista assim, de noite e por quem pela primeira vez lhe pisa as ruas, um prestígio raro aguçando e exaltando a curiosidade.

Ao dia seguinte, de manhã cedo, após muita hesitação, entre se seria ou não preferível ater-me às impressões da véspera e regressar a casa pelo primeiro comboio, decidi-me a sujeitar as minhas esquisitas visões noturnas à prova solar.

Fui direito à catedral. Fachada que lembra a da Sé de Lisboa: sem grande carácter, portanto, mas ostentando, a vedar-lhe o vestíbulo, uma grade de ferro fundido, debuxada no gótico dos mausoléus brasileiros, que, na sua exorbitância, é sem dúvida a coisa mais detestavelmente feia que seja possível imaginar.

Arquitetura românica e restauração interna que encheu as juntas das pedras de cimento caído. A capela-mor modificada no gosto de Mafra.

O coro semelhante ao de Belém, com algumas figurinhas de movimento justo, na silharia, e uma bela cimalha de cabeças de efeito.

Nenhumas pinturas — visíveis — que prendam a atenção.

O claustro devastado e soterrado mas melancólico, todo ervado e vegetando braviamente. Um tronco seco de árvore colossal reverdecido de hera...

A Praça de Sertório vista à luz crua do sol perde, naturalmente, o aspeto sugestivo que a noite lhe prestava, e a fonte monumental e monolítica resolve-se num balaústre desproporcionado, se não ridículo.

Mas a Igreja de S. Francisco melhora. O pórtico ou vestíbulo, mais curioso ainda de dia, com os seus arcos ogivais, os dos lados de arábica ogiva túmida, sobre enfeites manuelinos.

Interior, de uma só nave, majestoso. Ao lado direito uma série de painéis dando um «Caminho da Cruz» género flamengo italianizado, anterior ao Rubens.

Capela dos Ossos: de elegantes proporções e feita de indústria a não repugnar no seu macabro embrechado de tíbias e crânios.

Um troço de arcaria sobre colunas geminadas rememora a existência do claustro que devia ser vasto e airoso.

Livros há a cuja leitura se fica eternamente reconhecido, não tanto pelo prazer literário — digamos artístico — que nos causaram, como pela sua imediata e evidente influência na nossa atividade espiritual. Dir-se-ia que eles possuíam o oculto fermento sem o qual todas as nossas faculdades permaneceriam paradas, estéreis ou inúteis.

Guardadas as devidas proporções, a fachada da Igreja da Graça produziu-me efeito semelhante.

Eu andava cansado de tanto casarão velho, maçudo e mais ou menos apalaçado, que atulha a cidade, quando se me deparou a Igreja da Graça. Que agradável extravagância a que lhe assentaram aos cantos da cimalha aquelas duas figuras nuas e gigantescas de granito, de pernas pendentes, ao lado de absurdas esferas e empunhando barras de ferro. E como é que o seu belo mas estranho movimento não destoa no conjunto da arruinada frontaria!

Isto me preparou para o resto do dia; a arcaria do aqueduto de Sertório, que segui fora da cidade, recortada na sua elegância de frágil e interminável brinquedo, pareceu-me admirável, e o Templo de Diana uma

coisa única. Este constitui, no entanto, a evocação perfeita do mundo que melhor podia contrastar com a Évora jesuítica, tristonha e inquisitorial de que toda a cidade ressuma recordações palpitantes.

Deviam arejá-lo para lhe facilitar o efeito de divina simplicidade, perdido ou diminuído, ali, pela bruteza do muro da praça próxima e das construções cúbicas e tupidas que o cercam e abafam.

Mas o que seria excelente era levá-lo para algum dos pequenos promontórios gregos do mar do Algarve — Ponta do Altar ou a Ponta da Piedade —, onde o ambiente cristalino e cerúleo lhe restituiria cabalmente o seu peculiar encanto.

Visitamos o Convento dos Loios que pertence à casa Cadaval e está ocupado por um colégio de meninos destinados, sem dúvida, à vida espiritual. Entramos à igreja que é de razoáveis proporções, com uma só nave e as paredes revestidas de grandes panos de azulejo azul e branco, representando quadros de muito agradável composição.

Em uma antiga capela, à direita da entrada principal, encontramos duas belíssimas lâminas tumulares, de bronze, cobrindo sepulturas da família Melo. São feitas de três pedaços, mostrando a primeira sepultura uma dama de corpo inteiro, deitada entre campanilos e dosséis de arquitetura gótica, e a segunda uma espécie de colcha de floreado arabesco.

Há mais túmulos no templo, mas singularmente mesquinhos em relação à categoria dos mortos que encerram e que são em grande número de estirpe realenga.

As nobres e ilustres famílias portuguesas pouco ou nada cuidavam da parte monumental dos respetivos panteões. Por indiferença histórica? Por falta de recursos financeiros? Provavelmente por mera inconsciência estética. Mas é certo que os heróis não tinham mãos a medir quando se tratava de peitar os cronistas oficiais, conseguindo que lhes levassem os nomes à posteridade enramados de loiros. Assim é que a história pátria nos serve tanta vez gato por lebre...

Dentro do claustro há que reparar na porta manuelina da casa do capítulo, de um desenho ousado e harmonioso.

Dos Loios voltamos à Sé para ver os paramentos. São na verdade riquíssimos — brocado de ouro na maioria — mas nada curiosos ou extraordinários pela composição ou pelo estilo.

Mostram-me com excessivos encarecimentos um terno pintado a suco de flores por um frade pacientíssimo. Era um frade que não fora tocado pela graça da humildade...

Todos estes paramentos do faustoso tempo de D. João V, pintados a suco de flores ou cosidos em oiro mociço, lembram-me a linguagem pomposamente vazia que transmite ao público espanhol a árida inspiração dos seus poetas académicos.

Passamos uma hora no Passeio Público, oásis de verdura e flores, delicioso de frescura e sossego na calma estival que envolve a cidade. Toca a banda militar, com notável afinação e concerto, e um brio especial que atribuímos à nossa presença, pois nos encontramos sozinhos a escutar-lhe o reportório.

Deste modo se foi chegando a hora de jantar.

No meu hotel havia uma criada que se chamava Sancha e outra cujo nome esqueci mas que parecia uma talha de azeite ambulante: nasciam-lhe os exorbitantes quadris dos sovacos e como os braços curtos se lhe arredondassem no ar, empenhada constantemente em compor a trunfa com as manitas de coelho, era a perfeita reprodução da antiga talha com asas.

À mesa, um alferes impertinente, com a sua eterna camisa de punhos vermelhos a assanhar-lhe a elegância do uniforme, e um general alcachinado, gemebundo, gourido, imagem viva do «Senhor da Cana» fardado, e condenado perpetuamente a sentar-se sobre a coroa de espinhos.

Dão-nos vinho de «Pera Manca», de flavor subtil, e umas intensas cabidelas de molho espesso, aveludado, quase pecaminoso. O general comia vorazmente e, sendo o primeiro a servir-se dessas cabidelas arquiépiscopais, enchia um profundíssimo prato de sopa, atacando a terrina com ambas as mãos, a direita armada do colherão e a sinistra do garfo com o qual destramente espiolhava os bocadinhos mais delicados das miudezas. Depois vinha a empreitada de passar tudo aquilo ao bucho, com muitos suspiros abafados, mas levando-a ao cabo com tal consciência que até mastigava os ossinhos e enxugava o prato com miolo de pão. E era bonito vê-lo seguir com rigorosa inspeção os demais hóspedes que tomavam cabidela, dardejando olhares de severíssima repreensão sobre aqueles que tiravam porções copiosas.

Depois do jantar, como suceda que procuremos um banco na Praça Gil Vicente, para descansar das fadigas do dia, e quando relembramos o

reportório da banda militar, outras harmonias nos chegam aos ouvidos e nelas julgamos reconhecer a arte de um terceto de tocadores de feira que encontráramos por outras paragens.

Rabeca, viola e guitarra, tangidas nervosamente por três boémios pitorescos, de grenha inculta e aspeto diabólico, verdadeira multiplicação de um Paganini de espécie ínfima, se bem que apaixonada e ardente ainda.

Vamos verificar a nossa suspeita e de facto confirmamo-la topando numa viela próxima o grupo de estranhos virtuosos. Dão uma serenata às hetairas do bairro. Duas delas, à porta do bordel, levantam as cortinas de paninho branco num gesto simétrico e gracioso; vestem corpetes vermelhos e têm o cabelo negro e luzidio. Escutam extáticas e melancólicas. Outras odaliscas alinham-se e olham bovinamente dos dois lados da rua e das suas cabeleiras oleosas desprendem-se eflúvios de ranço mas longinquamente perfumados a bergamota.

Invade-nos também certa tristeza e pensando nessa época maravilhosa em que a mocidade inexperiente e entusiástica transpõe as portas da arena, onde a espera o cortejo de vícios — todos mascarados de alegria, quando não simulam as próprias virtudes —, felicitamos a juventude eborense ao constatar que a tentação não revestia ali aparências irresistíveis...

No outro dia levanto-me cedo e mal-humorado, desejando ver o tesouro da Sé e sabendo por informações fidedignas que a rivalidade dos seus chaveiros, cónegos A e B, torna a operação difícilima. Contamos, para levar a melhor, com a nossa velha e provada experiência da gente da Igreja, mas a perspetiva de figurar nalgum conto inédito de *Hissope* dispõe-nos pessimamente e tudo se ressentir desse estado de espírito.

Com o pensamento colhido pela imagem imprecisa mas irritante dos dois cónegos rabugentos mais se acentua a atmosfera desprazível da cidade; na véspera vira amiúdo finos perfis de moreníssimas ciganas e muitos olhos castanhos, meigos, cismadores, como só os têm as portuguesas; nessa manhã, entre gente feiíssima, multiplicavam-se os clérigos negroides e pançudos, que iam para as funções da Semana Santa; e até os cavalos que uns soldados mazorros passeavam à rédea diante do quartel pareciam esparvoados e grotescos.

Entre à sacristia e o primeiro dos chaveiros que encontrei foi o cónego B — anafado e verdadeiramente cónego em seu aspeto e ademanes. Pôs dificuldades: devia acompanhar o arcebispo à estação, mas talvez depois do

meio-dia pudesse comparecer, sendo indispensável que aprazássemos para a mesma hora o outro chaveiro, cónego A, com quem, redondamente e sem pejo o declarava, se não entendia.

Cónego A — género macerado e caduco — ali presente, condescende porém — sem dúvida para contrariar o colega — em mostrar já o tesouro. Entreolham-se com eclesiástica ferocidade e cónego B, perante a minha insistência, cede.

Vimos, sobre alta peanha, uma cruz recamada de esmaltes e pedrarias; o famoso cálix de oiro mociço, com o pé, todo em volta, coberto de pequenas cartelas, representando cenas da Paixão, em relevo e delicadissimamente cinzeladas; depois a custódia e o báculo de prodigiosa ornamentação manuelina.

Agradecemos, oferecemos o nosso fraco préstimo e deixamos os cónegos A e B de chave em punho, entreolhando-se raivosamente e tão irreconciliáveis como os havíamos encontrado.

Nós, à saída da Sé, reconciliámo-nos com a vida remirando o Templo de Diana. Num templo pagão reside, definitivamente, o principal interesse desta cidade...

Curiosa confusão: as linhas altas da Sé com as suas ameias, o zimbório gótico e o campanário vistos através da colunata rítmica.

Do parapeito do terraço onde o templo assenta espraia-se a vista pelo campo, infinito panorama fechando nas ondulações de umas longínquas serras azuladas onde sobressai, aguda, a elevação de Évora-Monte.

É monótona e triste a cor do vastíssimo e escuro manto que ali cobre essas terras portuguesas por excelência, manto feito de montados de azinho e sobro, com manchas plúmbeas de olivais disseminadas no verde de escassas searas.

Vai-se à Casa Pia — antigo Colégio dos Jesuítas e Universidade — tornejando umas construções imponentíssimas — muralhas, baluartes e conventos sobrepostos — parte restauradas, parte em ruínas.

É enorme, extensíssima, essa edificação da renascença filipina que envolve um claustro de proporções também prodigiosas. E a igreja nua é do mesmo estilo, igualmente vasta e fria — frígida.

Ao lado esquerdo do cruzeiro, numa espécie de pórtico toscano, o túmulo destinado ao cardeal-rei D. Henrique e na parede um quadro de boa pintura da escola de Zurbarán, representando Santa Isabel sentada.

Conservo de toda esta mole arquitetónica certa impressão de grandioso que não é desagradável. Esse estilo geométrico, dispensando ornamentações supérfluas, tem um carácter definitivo que tranquiliza. Lembra as figuras de rija têmpera, dificilmente acessíveis ao desespero e sobretudo incapazes de assoalhar as suas mágoas íntimas. É reservado e é forte. Na arquitetura raramente se encontra o equivalente desses artistas da palavra escrita, que juntam à firmeza do estilo certa petulância de expressão.

Eu admiro o estilo jesuítico. De resto, o meu temperamento nada tem de depreciativo: admiro de preferência e facilmente... Isso me dispõe, na vida corrente, a receber com alegria e curiosidade todas as novidades, mesmo as mais abstrusas. Compreendo mal a desconfiança invencível e sistemática de algumas criaturas inteligentes e cultas por tudo quanto é novo. Dir-se-ia que não há renovação possível nas manifestações estéticas, nos padrões da arte, e que as belezas tornadas clássicas, por séculos de ininterrupta consagração, não começaram também por ser novas e agressivas para o gosto que as precedeu...

O museu está instalado no edifício da biblioteca, compreendendo as «obras de pedra» nos baixos e no primeiro andar uma grandíssima sala, suficientemente alumiada, atulhada de trapalhadas e tendo ao meio uma vitrine corrida onde se expõem, a par de coisas preciosas, bordados a missanga, cafres e familiares.

Pelas paredes uma espantosa série de quadros inverosimilmente horrorosos, mas entre eles várias pinturas interessantes:

— Um Frans Hals, evidentemente na sua última e larguíssima maneira. Já muito deteriorado, mostrando que o apreço em que outrora o tiveram, comprovado pela riqueza da moldura primitiva, não o impôs aos cuidados das gerações modernas. Representa, em meio busto, um homem de cara enrugada, bigode arriçado e alourado, cabelo grisalho, de grande chapéu negro como o corpete onde o cabeção de linho branco sobressai. Colorido e expressão admiráveis, conservando intactos a cara, o cabelo e a gola;

— Belo retrato de síndico flamengo, saudável e pacífico personagem, chapéu alto como nos «paneiros» do Rembrandt. Provavelmente um Van der Helst;

— *O Menino entre os Doutores*, bellissima obra da escola de Bruges, com a Virgem, no alto do quadro, estupefacta perante os prodígios do filho;

— Perfeito retrato, corpo inteiro e tamanho natural, de magistrado espanhol, vestido de negro com farta gargantilha branca. A cor do rosto esmaecida; expressão finíssima que acentua o realismo da fatura. O desenho, o modelado, as sombras do fundo fazem lembrar o Velázquez;

— Retrato de D. Sebastião, corpo inteiro. Cabeça imensa, olhos mortíços, faces pintadas a carmim e buço arruivado que punge. É quase a reprodução de uma figura de cera;

— *No Gelo*, cena holandesa, curiosíssima pelo relevo e movimento das figurinhas que a animam;

— Possível Murillo: *Cristo Carregando com a Cruz*;

— Com as iniciais C M E — e a minha memória reteve-as porque são as mesmas de alguém que durante muitos anos me açambarcou a alma — sobre madeira já muito carunchosa, uma pintura com tonalidade de «fresco» representando o amortalhar do Cristo, trabalho alemão, original e vigoroso, especialmente no grupo que sustém Maria desmaiada;

— Ainda um retrato de frade velho, de grande barba branca em leque e agudíssimo olhar azul...; e talvez muitas outras obras de merecimento que, naquela babilónia, escapam a uma perfunctória e única inspeção.

Na vitrine o famoso tríptico de esmalte de Limoges, representando no quadro central o episódio da lançada de Longuinhos. Ao lado deste prodígio de translucidez e arte um boné caseiro bordado a ouro, oferecido a Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara — perpetua o respetivo letreiro.

A meio da sala o pendão do Santo Ofício, tão fresco e natural como na hora em que deixou de servir, solta o seu grito sangrento de damasco retinto de púrpura.

Museu arqueológico — o das pedras: destroços interessantes do Convento do Paraíso, mausoléu em mármore branco e duas curiosíssimas colunas quadrangulares; portada manuelina de bela e arrojada forma; quatro perfis de sábios gregos em medalhões, etc.

O conservador recém-chegado e descontente com o lugar faz gala da sua profunda ignorância...

Neste pequeno e leve ensaio de «exotismo às avessas» esgotei todo o meu arquivo de lembranças eborenses, mas afigura-se-me ele já tão insignificante, pela forma e pelo assunto, que em comparação do tempo

que levou a «pensar» me deixa na situação da célebre noiva de Panoias, a qual, como é sabido, levou também três dias e três noites a enfeitar-se e veio para a rua embrulhada num capacho...

Londres, 1916

ALCOBAÇA

As notícias que os jornais me trazem a estas paragens de exílio — de resto muito suportável exílio, seja dito com vista aos invejosos — da festa que o poeta Lopes Vieira imaginou e realizou, em memória dos amores de Pedro o Cru e Inês de Castro, junto aos seus próprios monumentos funerários, avivam-me as recordações, já um tanto ou quanto esvaecidas, de algumas horas passadas, anos idos, no Mosteiro de Alcobaca.

Tentaremos fixar essas recordações, dando assim seguimento ao ensaio iniciado com o capítulo dedicado a Évora.

Mas não o faremos sem primeiro louvar o poeta, que nos seus empreendimentos revela tão extremado gosto artístico e literário como é rara e prodigiosa a sua tenacidade em dar-lhes cumprimento.

E diremos também um pouco da nossa melancolia por nos encontrarmos tão alheios, sentimentalmente, aos altíssimos entusiasmos que descobrem...

Mesmo àqueles que nunca fizeram versos pesa dolorosamente o sentirem-se decaídos da idade da poesia para a da prosa. Há na mocidade um natural e inspirado murmúrio suavíssimo, que os anos emudecem, convertendo-o em sequência de formas raciocinadas cuja secura se não disfarça com enfeite algum.

Mas é na idade da prosa, talvez, que melhor se aprecia e saboreia — seja-nos isso consolação — as aventuras poéticas da juventude, todas envoltas em ilusões iriadas, reverberando o fogo da esperança e a

ansiedade amorosa, com as labaredas do desejo ainda fisicamente e facilmente apaziguável...

Para alcançar Alcobça parava-se na estação do Valado e tomava-se, irremediavelmente, um carroção enorme que, por ser domingo de mercado, no dia em que dele me servi, ia cheio de labregos. Esse vastíssimo carro, aberto dos lados, com oito ou dez bancadas paralelas, regurgitava de gente dura e possante, que, em mangas de camisa e jaqueta ao ombro — tresandando a terrum, com uns longes de cheiro de pero —, brandia os varapaus em atitudes guerreiras.

A vozearia que soltavam, a agitação hostil das aguilhadas, as nuvens de poeira soalhada que nos envolviam, tudo concorria para dar à cena o carácter desordenado e pitoresco de uma surtida de bárbaros que encontrou monção favorável aos seus intuitos.

No imenso terreiro que precede o adro da igreja despejou o carroção, tumultuariamente, os seus inquietos passageiros, no meio duma turbamulta de campónios que os festejaram dignamente, com abraços de quebrar costelas e gritos de feras.

Escapuli-me como pude e dirigi-me à igreja, que conservava ainda aberta a porta principal.

Atravessando a correioira detive-me um instante a contemplar o espetáculo sempre interessante dessa parte das feiras.

Um cigano retinto, barbado, de feições envilecidas, e envelhecidas, as compridíssimas pernas metidas em esfrangalhadas calças de corte andaluz, fazia trotar um burrico lazarento, mas de tão minguada estatura que os pés do cavaleiro, calçados de alpercatas brancas e meias cor-de-rosa, se encolhiam para não roçar na lama.

Logo adiante, outro da mesma tribo, mas novo ainda, fazia valer, num círculo de lavradores, as qualidades de um potro realmente elegante e fino. A mão do cigano, comprida, nervosa, estreita, de um moreno que o sol doirava, ia correndo pelo pescoço sedoso e suado do cavalo, afagava-lhe a anca, apalpava-lhe o peito, coleando-se tão cingida ao modelado do animal, que mais parecia um artista na ânsia de aformosear as linhas da sua obra, boleando-lhe os músculos, ritmando-lhe as curvas...

A igreja do Mosteiro de Alcobaça é dos mais nobres e elegantes exemplares de arquitetura que tenho visto — e tenho visto muitíssimos; se não todos, os melhores que existem.

Nobre, elegantíssimo e sóbrio.

De majestoso efeito, na singeleza quase severa das suas linhas, a grande nave central dilata-se e ascende, sem demasias de ornamentação, numa profunda curva puríssima onde parece caber, ainda melhor que na vastidão da abóbada celeste, toda a expansão religiosa que celebrasse o panteísmo.

Compreende-se bem, ali, que a ogiva se não originasse na mera intersecção de duas linhas materiais, procurando inéditos motivos arquitetónicos, mas simbolizasse a prece da humanidade agradecida ao bem da vida.

Não são as mãos postas; é a crença religiosa na unidade universal da vida que encontrou a adequada forma de se exteriorizar, fechando sobre si o espaço infinito, sem lhe cercear a incomensurável aparência.

Não se distrai a atenção pelas naves laterais, adrede escuras e estreitas, servindo somente ao desafoço das arcadas e colunas onde descansa a abóbada central. Assim isolada e profunda a portentosa nave amplia-se espiritualmente, absorvendo-nos por completo a imaginação e despreendendo-nos, por momentos, ao menos, de toda a preocupação terrestre...

Releio a passagem antecedente e convenho em que lhe possam taxar o lirismo de algum ressaibo retórico.

Fica tal como está, não encontrando maneira de atingir o «sublime», digno da obra que um arquiteto de génio autêntico concebeu, traçou e levantou.

Devia de ser maravilhosa a sua arte!

Para aumentar a impressão de leveza imaginou ele, aqui, uns estreitíssimos colonelos que, em relevo, nos feixes principais das colunas, e nascendo-lhes, sem base, ao terço da sua altura, as acompanham até à abóbada, soltando-se delas para irem morrer na ogiva do céu, o qual parecem ser sóis a suster.

E como ficou inverosimilmente suspensa, no seu espantoso vazamento aéreo, a obra de pedra que a luz invade, jogando com a magia fugitiva das sombras, das penumbras, do claro-escuro, por entre as linhas serenas e firmes das arcarias!

E porque não haja aqui, a exemplo do que sucede na quase totalidade das catedrais góticas, coro ou capela no cruzeiro, que impeça a vista, ou corte a perspectiva da nave no seu conjunto, a sua vastidão reveste-se de incomparável imponência.

E na cor o tempo tonalizou mais subtilmente a grande harmonia primitiva...

De memória lhe reduzo infinitamente as proporções e toda a construção, que eu vejo agora a meu lado, sobre a mesa onde trabalho, fica ainda imensa, graciosa e perfeita, no seu burilado de relicário.

E agora compreendo melhor o sentido dessas imagens de santas medievais, de fluida gracilidade, que sustentam nas pontas dos dedos afusados, e parece que as estão mostrando com gestos miudinhos, reduções completas de colossais basílicas, ou de cidades acasteladas e torreantes.

Seria confiar estultamente na minha memória — embora ela tenha em certos casos o poder fotográfico — se fosse agora dar pormenores dos túmulos de Pedro e Inês, que uma capela lateral ao cruzeiro encerra. Mesmo a relação muito perfunctória do que eles contam — conquanto eu levasse talvez mais de uma hora no seu enlevado exame — teria o perigo de não corresponder à verdade objetiva.

Guardo a impressão de uma obra genuinamente gótica, com o lavrado tosco, mas imaginoso, representando cenas de inspiração dantesca, onde há figuras de tal forma ingénuas que frisam pelo bizantino. Outras cenas ali há também que evidentemente me parecem lúbricas...

O conjunto é de uma acabada elegância, de um perfeito equilíbrio.

Mas os anjos que, no coroamento, cercam as estátuas jacentes dos dois amantes não são anjos, são verdadeiros demónios, atirando-se àqueles corpos de pedra para os espedaçar e agarrando-se-lhes com tal frenesi que só do inferno...

Outros túmulos há ainda na mesma capela, simples caixões de pedra, nus de ornamentação; apenas um ou dois cobertos de arabescos; um, sobretudo, não sei de que menino infante, envolto em desenhos da Alhambra.

Deviam tirá-los dali, desafogando o recinto que pertence exclusivamente, em nome da arte, da poesia e da lenda, à glória de dois amantes desgraçados.

A igreja não tem alfaias: tudo levaram os franceses, segundo a tradição portuguesa das sacristias, satisfeitas com tal explicação, na ignorância benévola de que ainda hoje os antiquários nacionais arrecadam, ou mercadejam com estrangeiros, sem que se averigue a forma como profanamente entraram na posse de tanta preciosidade de origem eclesiástica.

Mas a verdade é que as nossas igrejas, em comparação das dos outros países latinos, nunca tiveram extraordinária abundância de alfaias, sobretudo nos grandes períodos artísticos, e às que existiam nos seus tesouros, as mais raras e apetecidas, não foi preciso a intervenção dos franceses para lhes dar descaminho: bastou a gente de casa...

Não há pois alfaias dignas de nota na igreja de Alcobaça, mas há, dispersas por todos os cantos, grande quantidade de esculturas em barro cozido e colorido, barbaramente iluminadas muitas, outras encantadoras, decorativas, ou realistas, ou ingénuas, e sempre com intensa vida.

Era para desejar que algum dos nossos mais conspícuos e autorizados críticos de arte as estudasse e acudisse a impedir-lhes a destruição completa, a qual me pareceu próxima.

Mas eu faço esta observação sem saber se realmente já apareceu benefício que empreendesse tão generosa campanha; se o houve, daqui lhe envio as minhas saudações, à mistura com a expressão do meu reconhecimento.

No grupo da *Morte de S. Bernardo*, obra capital e de elevado estilo — já muito deteriorada —, os anjos que, formando retábulo, cercam a Virgem, quatro tocando instrumentos de música, dois que ajoelham a seus pés, e outros dois, os corpos colgados na volta da abóbada, lhe seguram a coroa de oiro, são dignos — ou julguei-os assim — de figurar em qualquer museu de fama.

Há mais, como disse, dessas esculturas de barro cozido e algumas de real valor estético, especialmente nas capelas da abside.

Ao fundo da sacristia imensa — é sabido que em Alcobaça tudo foi talhado em insólitas proporções — no Santuário, entre o sem-número de bustos que encerravam no peito, na face ou no crânio, as venerandas relíquias do convento, deparei com a profana, mimosa cara de uma rapariga de fartos cabelos negros soltos, apartados ao lado e enfeitados de laços cor-de-rosa, tão viva, tão sorridente e garrida, que pesaroso a deixei, prisioneira daquela legião de mártires barbaçudos, alguns dos quais, mesmo degolados, a pareciam mirar concupiscentemente...

Será necessário ajuntar que essa lindíssima menina também era de barro e leva um nome de santa que esqueci?

Talvez ela ainda lá esteja esperando o Perseu que a há de transportar para o... Palácio das Janelas Verdes.

O mosteiro, que se visita com interesse, pois a sua descomunal grandeza não exclui profusão de detalhes engenhosos e artísticos, servia então de caserna a um regimento de cavalaria.

O contraste que resultava da correspondente animação guerreira, em recinto destinado pela piedade a santas, silenciosas meditações; o rinchar dos cavalos, o tinir das esporas, o arrastar das espadas pelos claustros sonoros, em um dos quais — comparável na vastidão às praças públicas das cidades populosas — metade do regimento aproveitava esse domingo lavando a roupa na funda ribeira que o atravessava; tudo se concertava para dar ao turista a impressão dum alvoroço importuno, mas que engendra vida palpitante, a par da morte irremediável de um passado que não volta, embora cada pedra do colossal edifício o esteja ressuscitando.

E para o clarim, que obsequiosamente me deram por guia, da escola positivista, só crente em experimentações e tradicionais, populares narrativas, cada uma dessas pedras, cada cela, cada abóbada, cada galeria, tudo, no infinito monumento, se delineou e levantou para satisfação da tripa fradesca; tudo rescende ainda aos fumos das vitelas, que em número de cinquenta, com outros tantos leitões, os santos padres diariamente deglutiam. Servia-lhes de adega a parte térrea do convento; nos altos achavam-se instaladas as fábricas de conservas; dormiam a sesta na biblioteca — bem arejada, com efeito, ampla e fresca —; salgavam os cevados no carneiro — não perguntei se o dizia com segunda intenção; iam arrotar, por fim, para a igreja...

Eu não ousava atalhar a tarimbeira mangação porque, em boa verdade, lá estava a cozinha faraónica, onde primeiro me levara, que dava direito suficiente a divagações por tão picarescos exageros...

Não se poderia imaginar sala mais adequada a festas régias, brilhantes e sensuais como as havia na corte de Luís XV, do que a biblioteca, então dormitório de uma companhia de destemidos cavaleiros, tal como a vi, sem livros, sem estantes, mas com os estuques preciosos e doirada varanda de estilo rococó, elegantíssima, que, suspensa a meio das paredes, lhe corre em volta, ainda intacta.

Religioso, evocativo, o claustro de D. Dinis; sombrio e quase bizantino na galeria inferior e infloridas as arcadas superiores num sistema de harmoniosas curvas abertas na pedra escura. Naquele recinto silencioso, ainda respeitado pelos bárbaros, pronto se embebe a alma de clementes imaginações, e sonha-se com a vida consoladora, embora impossível, que às nossas penas trouxessem os exaustos, passados remédios.

Foi ali mesmo que, durante a festa de Lopes Vieira, soaram na quietação da noite os acordes patéticos da mais sentida das sonatas de Beethoven...

Londres, 1917

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Eu já celebrei algures a grande «alegria de partir», após longa demora em sítio que o tempo tornou aborrecido, e que a mocidade inquieta vai pouco a pouco reputando insofrível cárcere.

A decisão de partir quebra logo o amodorramento melancólico da alma entenebrecida; rasga-se o horizonte sobre visões aliciadoras; já o próprio cenário detestado ressurgue nos aspetos que a distância tornará saudosos e até o aperto do coração que adivinha o tormento pela ausência de quem fica requinta o prazer de partir...

Foi nessa disposição de espírito que muitas vezes deixei a mais amável e suave paisagem que talvez exista no mundo. E para quê? Para colher pequenas sensações, rápidas e efémeras, mais fugazes do que reflexos do poente em concha húmida.

Mas foram sempre as sensações que preferi...

As fortes sensações, que os heróis avidamente procuram, para se levantarem num pedestal de evidência, obrigam a perseverar nas atitudes nobres; exteriorizam tudo em convenções decorativas, e fomentam a ambição da «Glória», que é o mais pérfido veneno da vida íntima.

Somos nós que queremos projetar uma grande sombra sobre o mundo, perdendo assim o gozo que ele nos proporciona, se nos fizermos simples e ingénuo espelho das suas infinitas imagens...

Parti, e, como sempre, sacudindo com a poeira dos sapatos, sobre a terra abandonada, os cuidados e as amarguras que julgara haver padecido ali.

E, como sempre, dormi no caminho o sono do justo, embalador e murmurante, de quem se transporta ao sabor da vagarosa corrente dum ribeiro cristalino.

Acordei no Poceirão. É um nome vulgar: Poceirão. Nada romântico e ainda menos poético. Mas acordaram também no campo, em volta, os pinheiros-mansos, familiares, em rebanhos, que arredondavam à luz da madrugada a copa oval.

Era numa calma, tépida e fragrante manhã de junho.

Estou no Pinhal Novo olhando para um jardim em miniatura, com três palmeiras-anãs pegadas a ovado canteiro de gerânios e craveiros; com a asa a mais lembro-me de ter visto um cesto igual, arranjado para o benefício de certa bailarina.

Não ousou acreditar que Palmela seja assim pitoresca e minaz, alcançadora e acastelada na serra negra, tal como a vejo agora. O meu sono foi tão profundo, tão pasmado que, sem dúvida, ainda reverbera sobre a natureza a irrealdade dalgum sonho esquecido.

Chegámos ao Barreiro e embarcámos para a travessia do larguíssimo Tejo. Como é extraordinária e desusada, ali, a paisagem! A direita, a terra baixa e rasa adianta-se, à flor de água, balizada pelos grossos cilindros dos moinhos de vento, tudo parodiando um canto de Dordrecht, na sua doce atmosfera luminosamente húmida e perlada. Na margem esquerda o vasto espelho de água quebra-se de encontro aos alcantis de argila ruiva, que lhe tingem de vermelho a cristalina transparência; são altos cortes, a pique, abrindo em pequenas enseadas e sustentando um pinhal cerrado, que de longe parece cobrir inteiramente a terra de veludo. É o contraste de verde e púrpura da costa da Ligúria.

Mas a grande, a esplêndida fantasia, que vai muito além desses arredos de paisagem holandesa ou italiana, é Lisboa, ao fundo, ferida obliquamente pelo sol nascente, a galgar montes sem fim, entre penumbras levíssimas de névoa rosada, e faiscantes rutilâncias de oiro, levando a desordem do seu interminável casario, até perder de vista, quando já o fumo em que se esvai pousa nas longínquas esteiras da água luzente.

Não menos curiosas, pitorescas e variadas, as figuras de alguns passageiros do vapor.

Devia fotografar-se o velhinho que ia ao meu lado, de uma espécie de velhinhos que «não são nada», pequenino, tranquilo, muito senhor de si, no seu vestuário quase sórdido, parecendo dizer com o leve menear da cabeça: «eu não sou nada, porque não aparento coisa nenhuma, mas tenho lá em casa muito boas libras em oiro que valem por tudo».

Defronte, e de pé, pois que nenhum lugar lhe parece suficiente para acomodar a imensa roda do seu sobretudo alvadio, aguenta-se, num bambolear de plantígrado, um senhor daqueles que dizem sempre e a cada instante: «cavalheiro»; e no banco da popa, uma trindade majestosa de damas escuras, bordadas a vidrilho, todas igualmente gordas, barbadas e desdenhosas, parece derramar um suor de contas negras sobre o *vulgum pecus* que a cerca.

Muitos magnates de Beja, de Serpa, de Évora, de incontestável, forçosa importância, os toicinhos do cachaço caídos na gola do casaco, divididos em grupos simpáticos, ali mesmo vão fazendo e desfazendo regedores e deputados, exilando escrivães de fazenda, trucidando amanuenses.

Recordo a figura de uma senhora idosa, de aspeto simples, toda vestida de cinzento, sem enfeite algum, o olhar perdido em íntima absorção, braços caídos ao longo do corpo e as mãos unidas no regaço sobre um farto molho de rústicas gramíneas, matizado de papoilas vermelhas.

Mas o pasmo universal causou-o uma outra dama, que apareceu na tolda quando o vapor atracava ao cais. Alta, magra, hirta e com um nariz de tão desaforadas dimensões que tinha todo o ar de ser coisa de ocasião, pois mal se conceberia que alguém lograsse o hábito de mover-se livremente com semelhante apêndice. E era de cavalete. Instintivamente os passageiros abriram alas ao rosto fenomenal que ela, impávida e sozinha, transportou para terra.

É certo que na mocidade a audácia não conhece limites, mesmo quando nos propomos resolver problemas essencialmente dependentes do saber e da experiência. Assim acalentava eu o projeto de ir lecionar um velho poeta (o maior do seu tempo, e que fora a vida inteira ludíbrio de especuladores solertes) sobre a forma prática, e infalível, de se libertar dos seus enredadores.

Mas a felicidade de deambular livremente, e sem destino, por uma grande cidade, toda armada em cicloramas como é Lisboa, solicitava-me

com tal insistência que pronto esqueci o que reputara obrigação moral e pus-me a flunar.

A súbita transição de um lugarejo provinciano, cheio de fisionomias conhecidas, inevitáveis, fotografadas na memória em todos os seus aspectos, para uma cidade populosa abre o espírito ao gozo da surpresa que, nos primeiros dias, nasce do mais insignificante espetáculo.

Um galego curto e forte, andando lentamente, ajoujado sob o volume enorme da sua pacotilha, e soltando, a espaços, um pregão quase doloroso: Atlas ambulante; a teoria de varinas, de cinta estreita e seios erguidos, que airoso desfila ao longo dos ânditos asfaltados, onde os pés descalços poisam com incomparável leveza; e essa cabeça que repentinamente se volta, de cabelo encarapinhado, feições transtornadas, com uma fulguração pávida no olhar; pura obra de arte...

E as velhíssimas, desfeitas madamas, que na sua ruína ainda se enfeitam com louçanias da mocidade, julgando-se perfeitos epílogos de beleza; e o pintalegrete, que não possui mais qualidades além do rosto bem-parecido, mas isso mesmo bastando à sua glória, pois o torna desejado e querido de ambos os sexos...

E coisa também de pasmear que é aqui, como em todas as capitais de países pobres, o fabuloso luxo das farmácias!...

Mas começaram os encontros com literatos, única espécie animal com que tenho mantido relações — e ainda bem! — na capital lusitana.

Cumprimentos; paragem, aproximação de camaradas desconhecidos, e logo uma discussão longa e assanhada... Por via de regra o literato português discute sempre zangado, e é profissionalmente irónico. Espreme as ironias com uns cascalhados risos, à mistura, que se coalham perfeitamente. E como o literato terrestre, é maledicente. Vinha logo à balha a vida dos colegas ausentes, num estendal de crónica libertina, esforçando-se cada qual por provar, no que respeita a si próprio, que é pessoa decente, confessada e comungada.

Esses encontros levaram, naturalmente, pela boca da noite, à visita aos cafés, onde estacionavam alguns muságetas de maior nomeada.

Apresentações, cumprimentos, perlengas...

«Mal iria a quem trova se lhe tomassem todos os versos por História» — diz o Castilho no seu ensaio sobre Anacreonte.

Nas feições, ou nas expressões, dos nossos escritores de agora, em prosa ou verso, pouco se lhes pode descobrir que seja reflexo verdadeiro

de seus sentimentos reais, ou dos lances de suas verídicas vidas. Compõem-se e disfarçam muito.

Enquanto os literatos da geração de Camilo levavam uma existência desregrada, apregoando ao mesmo tempo os sãos princípios da moral cristã, os da presente geração — a de 1880 —, pregando máximas subversivas de toda a organização social, praticam vida de exemplares pais de famílias, e disciplinam-se muito voluntariamente, nas fileiras da burocracia.

Mas tais contrastes sempre se deram em gerações subsequentes, e observam-se mesmo em tempos muito remotos, de anoitecida memória...

No cenáculo de que me aproximei, dera-se começo à habitual tarefa de insuflar espírito novo, e conveniente, aos diversos ramos da Arte; todos entrançaram, de improviso, um pensamento inédito na grinalda da renascença intelectual; e entre libações de aguardente de cana, ali se decidiu categoricamente do futuro das letras pátrias e... universais.

Um dos muságetas, cujo nome eu reputava respeitável, mas que não recebera dos meus companheiros atenção suficiente, separou-se do grupo, e foi tomar assento numa banca próxima, de onde nos ficou olhando entre arrogante e desdenhoso.

Inquiri, ingenuamente, da sua capacidade artística e intelectual, e logo outro muságeta sentenciou: «Pretenso filósofo: é um espírito de pouquíssima superfície e profundidade nula...»

Sentia-me fatigado e sonolento. Sobre o conceito, a que aplaudi, fiz as minhas despedidas, já resolvido a evitar novos encontros literários, e adiando a leção prática, destinada ao velho poeta, decidi ir espaiar ao dia seguinte para Sintra.

Chuviscava, e tudo, na manhã esbranquiçada, tinha um ar parado. As largas ondulações do terreno, em volta de Lisboa, sucediam-se nas suas curvas lentas e graciosas. Ao extremo dos vales mais fundos, uma que outra vez, o Tejo aparecia, quieto e despolido. Rescendiam docemente os pomares das quintas nobres, cujas edificações apalaçadas aumentavam de volume, na luz suave que as envolvia. Os arcos formidáveis do aqueduto emolduravam quadros duma tonalidade calma. O verde dos vinhedos esmaecia, sem que a púrpura das papoilas, que nalguns pontos os invadiam, gritasse ou destoasse.

O terreno fez-se mais áspero, pedregoso e abrupto, e entrámos em Sintra, já sem chuva, mas com uma luz igual, e como que peneirada do céu,

afagando as linhas, sem sombras nem penumbras. É o dia ideal para excursões em região montanhosa.

Sem mais detenções pus-me a caminho da Pena, o castelo a que é justo ligar o nome de D. Fernando, num halo de esplendor.

Muitas vezes ouvi aos meus patrícios desdenhar dessa obra fantástica; porque é híbrida a sua arquitetura; porque é teatral; porque faliu no seu intento; porque... Mas eu nunca vi obra igual no mundo inteiro, e julgo que ter aproveitado semelhante paisagem, para levantar um palácio que parece completá-la, bastaria à glória de qualquer artista verdadeiro.

O castelo é o altíssimo remate de agudas, negras penedias, sobre as quais correm ainda as ameias árabes das primitivas fortificações, e donde, nos intervalos de gigantescos monólitos, rompe a fartíssima vegetação de árvores colossais. A cada passo a vista mergulha num tanque de verdura perfumada e fresca, tecida com magnífica opulência.

Longa foi, e deliciosa, a ascensão, perdendo-me pelas veredas estreitas e serpentinadas, retrocedendo, a cada momento, em busca da estrada real, para me orientar; escutando o murmúrio das fontes, e alargando a vista, quando o horizonte se dilatava, e se desfazia em azul-pálido. Que seja para o mar ou para a terra, casando-se com o céu, por esses caminhos tortuosos, cada volta descobre vales profundíssimos, perspectivas infinitas.

Levou-me duas horas o idílico, solitário passeio, numa atmosfera acariciadora, impregnada da fresca humidade dos musgos vetustos, que aveludam os blocos de granito, e amimam o tronco das velhíssimas árvores; levou duas horas quase de êxtase seráfico, possível de atingir aos corações profanos, no grande conúbio da natureza...

Despertei à voz do guarda, que, ao transpor a grade do parque, me intimou, com singular brutalidade, a despojar-me dos dois lindíssimos cravos malferidos, comprados a vintém cada um, na Tabacaria Neves, e que eram ornamento e orgulho da minha jaqueta.

Era a ordem... e para todos.

Nunca notícia alguma conhecida, de tirania particular ou histórica, dessas, tiberinas, que acendiam em chamas a indignação dos poetas, e armavam a sátira de látegos inclementes, irritou alguém tão profundamente, como a mim essa estúpida proibição de entrar num parque levando uma flor na lapela do casaco.

Pensei em retroceder. Mas fora o próprio D. Fernando quem dera a ordem ainda respeitada. Fora o mesmo que criara essa obra, para mim de exaltada beleza: o Castelo da Pena.

E lembrei-me da sua derradeira e tremenda desgraça, o cancro imundo a roer-lhe a face, arregaçando-lhe as pálpebras, esculpindo-lhe uma carranca de monstro, quando o coração apoleado, consciente de todas as torturas, apodrecia, bacorinhando a custo, na ânsia dos finais desenganos, a repulção universal de tudo quanto o cercava e era desejável, belo e novo...

Sentado num dos seus bancos, no terraço que dá para a Cruz Alta, mágico panorama por onde, certamente, e inúmeras vezes, ele alongava a vista deliciada, a minha indignação converteu-se em piedade, reconstituindo ali mesmo a sua grande miséria, a sua dolorosa putrefação...

Como descrever, com minudências toleráveis, este incomparável castelo; a forma, a portentosa arte, com que o velho gótico do antigo mosteiro se entrançou em fantasias de desenho árabe; como da boceta recamada de esmaltes, que é o pequeno claustro, se lançaram essas pontes, que parecem sustidas no azul do céu; como se sobrepuseram as arrendadas galerias internas, e se abriram os amplos terraços, sobre perspectivas quase irreais, à comparação das quais Monserrat e Taormina empalidecem; como, trespassando-a de luz e de azul-celeste, se lhe deu unidade, a essa imensa construção, feita de tão diversos elementos, e ali se fixou, no cume da agudíssima e romântica penha, para dar guarida aos ciclones e aos astros errantes!...

Terminou a visita na capela, ao entardecer; detive-me a contemplar o grande retábulo de jaspe que fica junto à janela; dava-lhe de lado a claridade, já esmorecida, apanhando o grupo principal: um dos pés do Cristo morto, solto da penumbra e repassado de estranha luz, tomara os mais mimosos tons de carne viva.

Se pudesse caber erudição em esboço tão singelo como este que aqui vou delineando, eu citaria o que desse formosíssimo retábulo diz Frei Heitor Pinto, dando conta de uma romaria, no século XVI, ao Mosteiro de Nossa Senhora da Penha, mas sempre registarei a sua apreciação capital: de «maravilhoso artifício».

Voltei a Sintra por outros caminhos, por outros atalhos atapetados de fetos, tão serpentinos e tão ocultos na sombra do arvoredo como aquele por onde subira.

Perto da vila uma velha quinta despertou-me a atenção, pela nobreza das árvores desmedidas que lhe povoam o grande jardim, encobrendo ou disfarçando as escafeladas alvenarias da habitação. Entre essas árvores, aquela que sustenta, no declive da encosta, o pano mais alto do valado (que ali toma proporções de muralha) e, depois de vencer a largura da estrada, se divide em troncos espantosos, agarrando monólitos com as tremendas garras, e espalhando-se até quase ao meio do profundo vale, é uma árvore religiosa, solta das entranhas da terra para saudar o céu, que espaneja com a farta ramada imensurável.

A luz declinara a mais e mais, ensombrecendo vales e barrancos, mas doirando ainda as colossais chaminés do Palácio Real, sobre a vaga e movimentada arquitetura em que assentam.

Ainda li nomes de ruas de apropriado pitoresco: «Rua da Corcova», «Escadinhas do Biramonte»; comi queijadas e bebi a água cristalina de uma fonte pública, e serenado, contente, regresssei a Lisboa na intenção de seguir no dia seguinte para Mafra, ou para onde quer que fosse, que não oferecesse o risco de me embrulhar na citadina literatura de café...

Londres, 1916

A BATALHA

Efetivamente, ao dia seguinte, madrugando com louvável esforço, embarquei para Mafra, cuja estação distava muito do povoado e exigia o serviço de uma diligência para o alcançar.

Dessas remotas excursões pelo nosso país, ficou-me a convicção (errónea, sem dúvida) de que os traçados ferroviários evitavam, quanto possível, aproximar-se das povoações, deixando margem a que também florescesse a tração animal...

Envergonhar-me-ia hoje de repetir as minhas primitivas impressões de Mafra. Os esbanjamentos do senhor D. João V, com freiras e frades, doíam-me então como se me tivessem causado prejuízos pessoais e direitos e a mancha do beatério destingia sobre os monumentos da sua criação, empanando-lhes o efeito e graça estética.

Pus-me a rir dos santos colossais que, no átrio da igreja, parecem debater-se num furioso pé de vento.

O interior da basílica, de tão harmoniosas proporções, deixou-me mais frio do que os mármorees que lhe ornaram os altares. E o mesmo sucedeu ao percorrer o infindável edifício, os seus vastíssimos pátios, as escadarias majestosas, os intermináveis corredores. Para cúmulo, um cavalheiro de lunetas de oiro, que limpava os faraónicos candelabros de metal amarelo, quando eu entrei à igreja, e se me ofereceu para executar nos célebres carrilhões uma peça adequada, desencadeou em um deles, sob o título de variações sobre a Lucrecia Borgia, o mais tremendo charivari a que os

meus ouvidos se sujeitaram até agora. E não o fez de graça, mas sim mediante espórtula, designada de antemão, que não foi pequena. Os carrihões são dois, e, explicava ele, feitos um em *Anvers* e o outro em *Antuérpia*...

Encontrei consolação no velho jardim abandonado, por onde arrastava os seus faustuosíssimos roçagantes um sem-número de pavões...

Anda-me bastante confuso na memória — e não admira: isto foi há meio século — o itinerário que segui ao deixar aquela Versailles monástica. Tudo se me apresenta agora de fugida, e em colorida, mas algo esbatida e baralhada fita de cinema. Lembra-me que passei um domingo nas Caldas. Era dia de mercado, onde se expunham, em brilhante parada, grande profusão de bojudas bilhas de um profundo verde-escuro, e alguidares vidrados, com a cor e o brilho do topázio. Fui à pequenina igreja plateresca do histórico hospital; assim como estava nesse festivo domingo, com as suas colgaduras de damasco carmesim, figurava um coche de gala, para demandar o céu das freiras, levando um carregamento de alados anjinhos buliçosos, a manducarem trouxas de ovos.

Passei ao lado da Óbidos acastelada. As muralhas parecem de pura lava rija; o recorte, as arestas, e o dentado das ameias, tão finos e acabados, como se por ali tivessem andado a lima e o buril. É imponente sem perder certo ar de brinquedo. Veem-se torrejando assim, no reverso de algumas medalhas da Renascença, as cidadelas dos grandes *condottieri*. Diante de Óbidos souu-me aos ouvidos o nome ruidoso de Segismundo Pandolfo de Malatesta...

O Pinhal de Leiria cerrava fileiras na planície cercada de outeiros, pelos quais tomavam posições vários destacamentos de pinheiros miúdos. Dir-se-ia que tudo ali se dispunha para um grande combate, esperando as reservas que povoam os montes o momento propício, para descer à planície e reforçar o grosso do exército...

Encontrei-me em Leiria com uma temperatura senegalense. O casario branquejava, faiscava, qual meda de sal-gema, amontoado no bolso da desmedida manta onde caiu, e cujas pontas se seguram nos cerros, as mais altas sob a pesada mole da Sé e as pitorescas ruínas do castelo.

A Sé, vasta construção de três naves, com belas proporções, pilares quadrados e lisos, fechos manuelinos nas abóbadas, era uma gruta de incomparável fresquidão: o mergulho num sorvete. Duas mulheres do campo

rezavam com fervor diante da capela-mor, ajoelhadas, o tronco envolto numa espécie de saia azul-ferrete, presa no pescoço, que lhes servia de capa, e cujas pregas, caídas até ao chão, reproduziam o gracioso arranjo das figurinhas funerárias de barro de Tarento. Mas pouco durou o quadro doloroso. Uma delas, grácil rapariga de pés nus, quando se levantou e caminhou, airosa e leve, direito à porta escancarada, por onde a luz jorrava, resplandeceu como aparição pagã, e todo o templo se iluminou de alegria e riso...

Não fosse o castelo português e andaria a sua lenda na boca dos trovadores do mundo inteiro. Há-os mais românticos e imaginários, nas serras da Escócia ou nas margens do Reno? É uma ruína de milagroso conjunto, mostrando ainda a sua fortaleza e desvendando trechos de luxuoso alcáçar: régia vivenda medieval típica, preparada para a defesa na guerra, e para os festejos na paz.

Não sei porquê, pois nenhum pecado graúdo me roía na consciência, eu trazia o espírito inquieto, assustado... Já em Mafra, os lenços vermelhos das lavadeiras, no fundo verde desboto de um canal, me tinham alvorotado, como se fossem manchas de sangue. A noite nas Caldas fora de tormentosa insónia; levantara-se vento, que gemia, plangente, como se fugisse, rasteiro, por estreito caminho semeado de abrolhos. E de manhã muito cedo, passou-me rente com a janela um inumerável rebanho de cabras, cuja presença eu mais adivinhava do que sentia. Os animais, silenciosos e subtis, como que se escapuliam a algum perigo, denunciando-se apenas, a intervalos, pelo som cavo do leve e fortuito embate dos chifres...

Tomara-me a alma uma quase obsessão de terror; a preocupação por um possível desastre que impedia sobre mim, e obstaria a que eu chegasse à Batalha... A Batalha! Decerto o velo de oiro não acendeu no ânimo dos argonautas cobiça maior do que a minha, espiritual, de lhe penetrar os sagrados e místicos arcanos... Era a minha primeira romaria, e logo ao mais puro panteão das glórias pátrias, onde eu presumia achar, esculpido em pedra, o canto que falta aos *Lusíadas*, e que seria o mais belo!

O cocheiro ou dono da carrinhola, com quem ajustei o transporte de Leiria à Batalha, aproveitou a ocasião para estrear os machinhos, manhosos e reguingosos, que comprara na véspera, na feira de Alcobaça. Terrível foi, e perigosíssima, a luta em que se envolveram aqueles três animais,

o maior de todos, o cocheiro, não poupando bordoadas aos outros dois, que se pegavam a cada instante, ou, na melhor harmonia, se punham a recuar para os aterros da estrada, os quais, afortunadamente, eram poucos e baixos. Nos intervalos destas perrarias, soltavam-se em tão desenfreado galope, que me joeiravam os ossos dentro da malfadada traquitana.

Sempre com o credo na boca, e tremendo como varas verdes, conseguí despejar-me aparentemente intacto, já noite cerrada, na vila da Batalha, à porta do Hotel Fernando.

Mas em que disposição de espírito eu me acolhi ao quarto, vasto e sombrio, aonde me levaram, e onde a luz da vela que me alumia só parecia servir para mover sombras e evocar espectros! Ali dentro a noite fez-se singularmente escura, e taciturna, e profunda. Como em poço de silêncio se lhe despenhavam os raros ruídos que soavam, ou vinham da montanha próxima, raros, apressados, e sem eco...

A Providência, porém, amerceou-se dos meus tormentos, reais ou imaginários, e dormi muitas horas seguidas, um desses sonos de chumbo que reparam os nervos mais desafinados. A rescendência de um rosário de limões verdes, que acompanhava a cimalha de castanho em que se apoiava o teto do meu quarto, devia ter colaborado nessa boa obra, porque ao despertar todo o meu espanto era de me não encontrar nos vergéis valencianos, por onde passeara em sonho. Sentia-me refeito e o espírito no perfeito «estado de graça» que requeria a visita à grande maravilha nacional: a igreja da Batalha.

Vinha rompendo a manhã. Corri logo à janela do meu quarto: é manuelina e único vestígio, creio, que existe no povo da secularização desse estilo; dá para o corpo direito do convento, apanhando de escorço a frontaria e as linhas imaginosas da «capela do fundador».

Tão bem-disposto me achava, que diante da algo mesquinha portada principal do templo, embora lhe encontrasse falta de «vida», a capitulei de muito interessante, porque não desmanchava a harmonia, como que vaporosa — àquela hora matinal —, de todo o edifício, ao qual dei uma demorada volta, examinando miudamente todos seus aspetos e os pormenores da sua ornamentação, sempre com o pensamento na gloriosa nave do templo a que eu ia entrar.

Mas estava escrito que a minha iniciação nos augustos mistérios do monumento seria dolorosa...

Quando transpus a portada, ansioso por contemplar toda aquela mole de pedra, cavada em linhas aéreas de uma tão empolgante espiritualidade, o que vi foram espessas nuvens de poeira. Não havia ilusão possível; em vez das nuvens de incenso e mirra, era a lama vil dos caminhos, trazida para ali pelos labregos dos arredores, na festa da antevéspera, que uma legião de varredores agora levantava, em poeira negra e sacrílega, até às máximas alturas das abóbadas...

Recuei espavorido e sufocado; e buscando entre as cantarias esparsas no terreiro a que mais comodidade me oferecesse, nela me sentei, escondendo o rosto entre as mãos, ao sentir que as lágrimas irreprimíveis me afluíam aos olhos.

Eu tomara, evidentemente, uma atitude ultrarromântica de que tinha segura consciência, mas na qual persistia como se fosse refúgio adequado e derradeiro para a minha alma apoleada...

Estava nisto quando senti que me tocavam no ombro; erguendo os olhos deparou-se-me a figura de um velhote de expressão afável, que depois de me declarar a sua pena pela forma como eu fora recebido no templo (ele era o sacristão e assistira à miserável cena) se me ofereceu para mostrar o mosteiro.

Se havia no mundo monumento onde eu desejasse andar sozinho, era certamente a Batalha; mas sentia-me já vencido dos fados adversos, e entreguei-me nas mãos do benigno ancião, sem resistência nem vontade própria, e por ele conduzido empreendi a visita oficial.

Mas desfizera-se o «estado de graça» e eu ia seguindo e ouvindo o meu guia, não deixando escapar elogio ou reparo a que tacitamente não buscasse oposição.

Na imensa nave, idealmente nua, do majestoso templo, eu apontava a falta de ornamentos, quadros, retábulos, vitrais...

Andavam restaurando (raspando, barbeando, escanhoando) a capela do fundador, e procurava — aqui com certa razão —, nalgum raro resquício de pintura, reconstituir o que ela seria primitivamente, policroma e inflorada, tal o interior de esmaltado sacrário.

No claustro principal, as bandeiras manuelinas, que meteram nos arcos de recorte gótico, indignaram-me, sem perceber porquê, pois no fundo reconhecia que tudo se concertava numa aceitável harmonia.

Na sala capitular o meu guia contou-me — com assinalada arte — a história dolorosa de Afonso Domingues, sem de modo algum me comover.

Nas capelas imperfeitas, tudo me pareceu de inspiração sarracena, e o que mais celebrei foi que nunca as tivessem acabado...

Porém o que deveras me surpreendeu foi a solidez de toda a construção, as lajes formidáveis dos terraços que cobrem as abóbadas, a segurança dos coruchéus, as inumeráveis escadas de caracol cavadas engenhosamente no interior das paredes, etc. Acudiu-me, em comparação, que os Jerónimos são obra de fancaria; no tempo de D. Manuel os empreiteiros seriam menos escrupulosos...

Não me poupou o velho guia com as acostumadas lendas de paparotagem fradesca, mas contadas, atenuadas, com as meias tintas, os discretos retoques de um espírito, se bem que profundamente cético, feito na atmosfera das sacristias elegantes (ele servira na nunciatura) e moldado nas linhas de uma piedosa maledicência.

Com estes contos demos por finda a visita ao mosteiro, e entrámos no refeitório para descansar. É uma vastíssima sala, sem mais ornatos além de uns ténues filetes de pedra, que lhe cortam a monotonia das paredes, mas reproduz em colossais proporções os cofres góticos, de metal ou de marfim, onde na Idade Média as princesas arrecadavam as joias. Nele se juntaram deitadas, a esmo, no chão, as inúmeras figuras de pedra, que carcomidas pelo tempo, ou mutiladas pelos bárbaros — mas ainda com vida, nos gestos que esboçam —, necessitavam, segundo os restauradores sempre afirmam, imediata substituição, na portada principal, ou nos jazigos dos infantes. Há ali também um púlpito riquíssimo, cuja ornamentação excessiva perturba o conjunto tão simples e tão nobre da sala.

Ao fundo do refeitório estava um grupo, composto de um homem e duas senhoras, todos vestidos de negro, como se trajassem rigoroso luto, que logo de entrada me chamou a atenção, inspirando-me forte curiosidade. Ao ver-nos levantaram-se os três, dos fragmentos de esculturas onde se haviam sentado, com certo ar — pareceu-me — de quem fora surpreendido nalguma endrômina, e depois de trocadas poucas palavras a meia-voz, tornaram a sentar-se, deixando todos, ao mesmo tempo, cair os braços num gesto de desalento.

Enquanto dávamos a volta ao refeitório, e examinávamos o púlpito, não os perdia de vista, nem eles a nós; e este duelo mudo, de inspeção quase impertinente, decidiu-me a buscar poiso numa pedra, e aguardar a continuação de uma cena, à qual, sem saber porquê, eu previa desfecho estranho.

Vendo isto, novamente se levantaram, na determinação bem patente de sair, mas o homem, erguendo os olhos para a abóbada, e soltando frases que não percebi, tomou as companheiras pelos braços, e quase com violência levou-as para o mesmo sítio que haviam largado.

Depois, enquanto elas, resignadas, se acomodavam sobre as pedras, compondo as pregas dos vestidos, ele, abrindo um saco de mão, tirou um estojo, e do estojo os troços de uma flauta de ébano, que se pôs a juntar, com infindos e indescritíveis cuidados.

Era um cavalheiro de estatura meã, tipo «regordete», com os olhos assustadiços muito à flor do rosto, e as mãos sapudas, da alvura de massa de pão cru.

Levada a flauta aos lábios, ficou-se uns instantes, percorrendo com o olhar todos os recantos da arca imensa que era o refeitório, e de repente solta uma série de escalas, de notas tão calibradas e puras, numa linha tão rigorosamente contínua e igual, que instintivamente me pus a seguir os cordões de pedra que ornavam as paredes, como se a música os estivesse avivando, dando-lhes mais relevo. Essas escalas foram-se encurtando, direito ao ângulo em que a abóbada fecha, e depois, descendo em fios de pérolas, tomaram o andamento de uma ligeira marcha e próximo da porta atacaram uma «fuga» para se soltar pelo claustro...

Aí as «fugas» sucediam-se uma às outras ligadas por leves «alegros», e tendo suspenso o movimento da composição, com algumas notas destacadas, que indicavam uma pausa no canto do lavatório, daí se levantou, variado e brincado, acompanhando todo o poema de arabescos ascendentes, que, depois de colgar ao firmamento as derradeiras, transparentes, guarnições dos muros, remata em um altíssimo coruchéu de filigrana...

Um novo «alegro», subtil e velado, percorreu a sala capitular, e ansioso, quase ofegante, eu dizia para comigo: «vai entrar à grande nave da igreja; como será?...» Mas não o fez ainda. Umhas variações rendilhadas e ao mesmo tempo fortemente coloridas tentaram a restituição da capela do fundador ao seu primitivo esplendor cromático... Logo é que soou o «adágio» majestoso da sublime nave, em hossanas prodigiosas, que eram entoadas nos gorjeios de milhares de aves...

Depois, um bordado de «apogiaturas» sem solução estendeu-se sobre as capelas imperfeitas, e para findar outra «fuga» rápida, nervosa, definitiva, como eu nunca ouvira...

Assim terminou esse concerto mágico, que durara mais de uma hora. O flautista repôs no estojo, com gestos de mimo e carinho, o seu instrumento divino. As senhoras acudiram, solícitas, com grandes lenços, a limpar o suor que lhe escorria por todo o rosto. Então eu, num impulso irresistível, aproximei-me para exprimir o meu entusiasmo, a minha gratidão.

Já me juntara ao grupo e parecia que ninguém dava por mim. Enleado, para começar o meu cumprimento, pergunto ao flautista:

— O que tocou é do Bach?...

— Bach! — atalharam as duas senhoras em tom ressentido.

— Bach! — repetiu ele, sem me fixar, como se fosse um eco.

E logo: «Bach»... sim... talvez... podia ser...

— Vamo-nos embora, mano — instaram as senhoras; e tomando-o cada uma pelo seu braço, quase que o arrastaram para a porta, por onde desapareceram...

Bouzaréa (Celeste Hotel), 1928

O MUSEU DOS COCHES

A Luciano Freire

Esse polígono, em cujos ângulos se levantam o Palácio de Belém, a Torre do mesmo nome, os Jerónimos e a Ajuda, constitui verdadeiramente um campo sagrado, para os artistas e poetas portugueses.

O Palácio de Belém, com os seus terraços, o Jardim Le-Nôtre, a Sala das Bicas, o busto do Bernini, e os retratos do Columbano, que punha na arte oficial a mesma alma e paixão de todos os seus trabalhos, é uma das mais lindas e preciosas vivendas que existem, desafogada mas sem a vastidão vazia, nem a pompa enfadonha, peculiares das residências reais.

A Torre de Belém, a que o tempo deu o tom de marfim, e à luz do poente se embebe de mimosas reverberações de âmbar, tem toda a graça e o carácter de um palácio veneziano, ainda sujeito às linhas bizantinas. Na cidade dos Doges nenhum me lembro que a supere em delicadeza, harmonia e elegância.

Os Jerónimos realizaram a fantasia máxima do «plateresco» manuelino. Se no interior da igreja a ornamentação aflige por vezes — relevem-me o reparo — pelos excessos que recordam as composições de confeitaria, no claustro, ao ar livre, desabrocha e floresce com tal riqueza e pujança, que parece, com as suas múltiplas arcadas, apertando os braços numa ronda ciclópica, segurar, prender a abóbada celeste.

Não é o Palácio da Ajuda em nada inferior às majestosas construções suas contemporâneas, que a soberba real e imperial espalhou pela Europa. De uma nobreza fria, mas imponente, ostenta, no entanto, prodígios de

arquitetura, que lhe dão vida própria em muitos recantos. Falta-lhe uma escadaria, como por exemplo a de Caserta, para rematar dignamente a magnificência das suas proporções. Os seus salões, galerias e aposentos são esplêndidos; o recheio de alfaias, sobretudo em tapeçarias, tapetes e cerâmica oriental, preciosíssimo.

O círculo que encerrasse estes quatro monumentos abrangeria ainda outros espécimens valiosos, tal a perfeita e deliciosa igreja ou capela da «Memória»; e nos parques e jardins abandonados, muita estatuária decorativa de valor, especializando a singularíssima fonte monumental do antigo jardim botânico (do Brotero), que desgraçadamente se vai desmantelando, e talvez já esteja de todo em terra, se ainda lhe não acudiram.

Mas, engastada nos terraços do Palácio de Belém, está a pérola rara, única, sem equivalente em país algum: o Museu dos Coches.

Computando um dia o valor dos elementos mais apreciados e exímios do tesouro artístico universal, cheguei à conclusão de que concorriamos para a sua excelência, particularmente com três portentos: a Batalha, o Castelo da Pena e o Museu dos Coches. O último, porém, é único, repito, e nada se lhe compara. Em que pese a *nuestros hermanos*, eu não o trocava por vinte Armerias...

Quando apareceu em Portugal o *Almanach Hachette*, que logo foi recebido como um alcorão no seio das famílias onde havia quem arranhasse o francês, e sem demora sobrepujou em autoridade o venerando *Manual Encyclopédico*, o que sobremaneira nos encantou, lisonjeou e ensoberbecu, foi o seu decreto estipulando que nós possuíamos uma das sete maravilhas do mundo moderno. E essa raridade que, naturalmente, só podia ser obra francesa era, nem mais nem menos, a baixela «Germain», ou mais propriamente «Caffieri», do nome dos artífices em cuja oficina foi fabricada.

Sol que despontou; e o orgulho nacional não conheceu limites, à consciência de que lhe pertencia, exclusivamente, a propriedade de semelhante assombro.

Ofuscou o Nuno Gonçalves, eclipsou a «Custódia»; e as pessoas versadas em arte só falavam na «baixela» em voz baixa, levando a mão ao chapéu, se era na rua. Para muitos realistas ferrenhos, a «baixela» passou a sólido argumento de defesa monárquica; fora um Rei que a adquirira e legara (?) à Nação, e com esse argumento muitos republicanos embuchavam.

Durante a minha presidência não me faltaram remoques, e até insultos, porque nas grandes festas oficiais servia a «baixela» (e servia naturalmente por não haver outra melhor, pois nada me parecia de mais para comemorar dignamente as datas da República); porque servia a «baixela», correndo todos os riscos, desde a deterioração ao descaminho.

Entre parênteses, convém lembrar que a «baixela» se encontrava então, e julgo que se encontra ainda, num armazém das Necessidades, cujas janelas baixas dão para uma rua escusa, deserta, e só as protege uma grade que qualquer homem de boa vontade arromba, metendo-lhe os ombros.

Voltando porém aos riscos de deterioração e descaminho; as grandes peças não servem senão para ornamentar a mesa; ninguém lhes toca durante os banquetes; e as centenas de pratos, que tiveram constante uso no tempo da Monarquia, nada perdem no serviço a que foram destinados, antes ganham *patine*. De resto eles não têm, no lavrado e forma, coisa alguma que os distinga dos pratos mais vulgares, ou que lhes dê categoria de obras de arte.

Mas as grandes peças (terrinas, na quase totalidade) tão-pouco são esses primores universalmente encarecidos. Já não falo no gosto da composição, a meu ver detestável, com a profusão de cupidinhos e grinaldas de flores, que lhes deturpa as linhas, e lhes tira toda a dignidade indispensável à obra de arte concebida para metal. Refiro-me ao modelado desses cupidinhos, mole e mortiço, e à execução, que é grosseira; ficou por assim dizer quase no que deu a fundição, sem canseiras para o cinzelador. Alguns objetos de prata, dos Caffieri e da mesma data, conheço eu, que pertenceram a serviços de mesa, e estão hoje em museus ou coleções particulares, que nenhuma comparação podem sofrer com os da nossa baixela, de tal modo lhes são superiores em composição e lavrado. Porém não seria necessário ir tão longe para encontrar melhor; a obra fina dos nossos prateiros de então bastaria.

Vê-se que os franceses impingiram a D. João V, como reflexos do Rei Sol, uma grandíssima espiga, que encandeou a corte, e mais ou menos de outiva tem trazido os nossos amadores embaídos, muito especialmente após a sentença exarada no *Almanach Hachette*.

Será pois uma das sete maravilhas do mundo, mas eu, assim como não trocava o Museu dos Coches por vinte Armerias, ainda menos o fazia por mil baixelas Germain.

Todo este aranzel para mostrar o apreço que merece o Museu dos Coches!... É que para os nossos nacionais da elite, a baixela é suprema, e o Museu dos Coches não passa de simples curiosidade para distrair profanos.

Começa no edifício onde está instalado, cuja fachada, tão linda e preciosa, pelo seu desenvolvimento, pelo seu equilíbrio, e o quer que seja de modesto e recatado, isento de pompa ou enfatismo, só prende a atenção dos verdadeiros artistas.

Ao vê-la ninguém suspeita a vastidão da área que encobre.

E a arquitetura interior corresponde em graça, harmonia e singeleza ao pórtico da entrada: um espaçoso átrio; uma escadaria ampla e majestosa, de suavíssimo declive, que nos leva ao andar superior com a impressão de que não deixamos o caminho plano; ali, as salas bem dispostas e iluminadas, onde se exibem as coleções acessórias, de arreios, fardamentos e históricos trajos luxuosos; e em volta de todo o imenso recinto de um antigo picadeiro régio, uma galeria corrida, de onde se goza a visão de conjunto daquele fantástico esquadrão de churriões, seges de gala e berlindas, que hoje o ocupa.

É maravilhoso o espetáculo!, competindo na variedade, capricho e elegância da forma; na abundância e requinte dos ornamentos, que vão das simples miniaturas esmaltadas aos grupos de figuras de corpo inteiro e dimensões naturais; na sumptuosidade e valor do colorido; camarins e capelas móveis, a par de majestosos sarcófagos imperiais; o que logo ressalta de mais singular naquele arraial de quiméricas imagens deambulatórias, que ali parecem detidas por milagre, alinhadas por algum misterioso poder oculto, o que surpreende é a sua graça especial de brinquedos e que não rodem e desapareçam, a mandado da mágica varinha de condão que para ali os trouxe...

E tão acentuado é o seu carácter de artístico brinquedo, que bastam alguns minutos de contemplação para os ver reduzidos a inverosímeis proporções mínimas, e afigurar-se-nos possível escolher, entre aqueles preciosos bonitos de criança, os que mais nos agradem, para os repartirmos pelos nossos filhos, ou levá-los para casa para os pôr sobre as mesas da sala.

Mas vamos abaixo e comecemos o exame detido de cada uma dessas peças capitais, pela ordem que o catálogo indica e é cronológica: entramos

a uma progressão de encantamento e pasmo, tal é a invenção e arte que inspiraram e realizaram todos aqueles primores, onde (seja dito de passagem) os artífices nacionais em nada se mostram inferiores aos mais reputados estrangeiros.

Há uma exceção no brilho desta série de criações caprichosas: as linhas severas e a sóbria ornamentação, em simples pregaria sobre coiro, do churrião de Filipe II. É o vulto inicial; quase não tem sequência nem desenvolvimento nos coches que se lhe seguem, e compõem a sinfonia de grande orquestração de que ele constitui a austera abertura.

Sem pretender lançar-me a arrojados voos filosóficos, eu queria explicar donde vem o sortilégio que se desprende de tão estranha assembleia de esplêndidos espectros. Não basta admirar para que a alma plenamente se contente. É indispensável que o raciocínio confirme essa admiração, e eu não sei de trabalho mais saudável, e profícuo, e cabal, do que descobrir as razões que a motivam. Mas como é raro, e contingente, e penoso, em tantos casos, chegar a tal resultado!

Raciocinar a irresistível simpatia...

Até há pouco o critério servia-se demasiado do «senso íntimo» para emitir os seus juízos: isso caducou; o que não quer dizer que essa voz misteriosa não tenha valor, quando corresponde a um espírito superiormente culto.

A reputação de certas obras de arte, plásticas ou literárias, que no dizer dos antigos se fortalecia com a lima surda do tempo, não seria na grande maioria dos casos mera convenção? Para aferir o seu valor permanente, tornava-se indispensável relê-las e examiná-las em todas as épocas, e sempre com o critério do momento, a ver se realmente resistiam à idade. Quem é que o faz? São reputações aceitas, e consagradas pela autoridade dos mestres (ou pelo *Almanach Hachette*), que amiúdo nada valiam...

A beleza, ou o Belo, autênticos, verdadeiros, são de uma perpétua atualidade...

Mas o seu estudo, em si, não oferece campo à parte, independente da beleza intrínseca dos objetos estudados? Quantas coisas existem que, para o prazer da investigação, valem mil vezes mais rastreadas do que sabidas?

E o papel da sensibilidade pessoal na sua contemplação? Que fonte de perene gozo, numa tão larga entrevisão do passado, como a que ressuma

destes servidos coches, para as almas embebidas de infinitas e inapaziguáveis nostalgias!

Por eles se adivinha o apuro de elegância de certas cortes; o incomparável luzimento de certas funções; o contraste da miséria física e a sumptuosidade do luxo; a tragédia da servidão doirada...

Ainda agora, ao atentar bem na vida que levam os membros da sociedade elegante, na sua trabalhosa ociosidade, que os constringe a assistir às mil manifestações da moda, bem lhe iria o título que o bom Padre Bernardes dá a uma das suas narrativas morais: *Galé dos Mundanos*.

Isto, hoje. Mas naquelas pesadas, imponentes gaiolas de oiro e púrpura? Nalgumas então (e talvez as mais embelezadas) não as compõe um estilo formoso de seu natural; tudo ali são enfeites complicados, louçanias rebuscadas, e galas de grande espetáculo; assim a vida dos que delas usavam...

Mas por que labirinto me não vou eu metendo? E era de esperar que tal acontecesse. Quem é tão senhor da sua inteligência que possa, ao meditar sobre qualquer assunto, determinar de antemão «qual será a curva» que o seu pensamento descreverá?

E o resultado de tanto falso discretear é pobre: todos esses coches são obras de arte de um encanto que não diminuiu, antes aumentou pela irrefutável força de sugestão, que lhes vem de ter servido e figurado em cenas históricas de grande aparato, de que foram testemunhas e comparas, e que a sua presença basta para reconstituir.

Durante a minha presidência, sempre que a inquietação política se traduzia em tiros de peça, que a indispensável estratégia disparava sobre aquele polígono consagrado à arte, o que mais me preocupava e afligia era a sorte do Museu dos Coches.

Nos outros monumentos, por importantes que fossem os estragos, as reparações seriam possíveis e eficazes. Mas ali! Uma granada que estoirasse, a meio daquela assembleia de madeiras carunchosas, embora ainda florescentes pelos arrebiques da pintura e dos dourados, uma granada só bastaria para tudo pulverizar.

E a eventualidade de semelhante catástrofe perturbava-me os sonos.

Sonhei uma vez que, entrando no museu sozinho, pela calada de uma noite de luar, surpreendera os coches em animada e bem interessante conversa, na qual lembravam com saudade o seu passado, a relativa liberdade

que haviam gozado, os amores que tinham presenciado, os cortejos e festas em que tomaram parte, acabando por amargamente se lamentar pela vida de encerro que atualmente levavam (envenenada com os insólitos e alvares dichotes dos visitantes), e pelo risco das revoluções, e terminavam por declarar *una voce* que era necessário e urgentíssimo fugir.

Quem parecia dirigir a conspiração era o faustoso coche de D.^a Maria Benedita, cujas figuras mitológicas, soltas das pinturas, andavam numa roda-viva, levando e trazendo recados das outras seges.

E como eu dele me aproximasse ouvi distintamente vozes de raparigas:

— Este é que nos podia soltar — dizia uma.

— Este? — replicava outra —, isso sim; ele também está preso...

— Mais uma razão...

— Está preso pelos juramentos..., não sabe que as juras dos políticos também não são para crer...

E tudo desatou às gargalhadas.

— Mais respeito, minhas meninas, mais respeito — acordei eu dizendo, e também a rir.

Poucos dias depois, provavelmente ainda sob a impressão deste sonho, levantei-me da cama e aproximei-me da janela para ver o que se passava no pátio, onde julguei perceber não sei que estranho burburinho.

Eram os coches que se evadiam.

Tinham aberto a porta traseira do picadeiro, e rodavam, deslizavam mansamente, sem mais barulho que não fosse de vozes abafadas; e levando à frente o coche de D.^a Maria Benedita, dispunham-se em parada no terreiro do pátio.

Não havia lua; escuríssima estava a noite; no entanto eu via-os como se estivessem alumados por uma forte luz que deles próprios irradiava, sem que me escapasse pormenor algum das suas manobras e dos movimentos dos cavalos, cocheiros, lacaios e passageiros.

Mas coisa milagrosa: de todos os seres vivos que compunham aquela procissão, nenhum aparecia em carne e osso, com feições ou corpo material. Eram puras sombras, metidas em arreios, em librés, em fardas, em vestidos, das épocas mais diversas, e do mais diverso corte e guarnição. Fantástico! Moviam-se os arreios para puxar os coches; agitavam-se as luvas dos sotas e cocheiros brandindo os chicotes, retesando as rédeas; moviam-se os tricórnios dos lacaios nas cabeleiras empoadas; e no interior

dos coches agitavam-se as plumas dos toucados, rebrilhavam as joias e os bordados, moviam-se os vestidos, as mantilhas, os chapins, em termos concertados, mas sobre meras sombras de corpos ausentes.

Estranho, prodigioso espetáculo, refletia eu, metido já na cama; e o caso é que os coches fogem...

Com efeito (e agora começava-se a ouvir distintamente o rodar dos carros, vozes mais fortes de comando, o som de alabardas no chão empedrado), com efeito os coches evadiam-se, e o ruído que faziam não era sonho, era uma realidade irrefragável aos meus sentidos agora despertos...

Nisto bateram-me à porta do quarto.

— O que há? — perguntei.

Respondeu-me o meu secretário:

— O do costume... e o Governo pede a Vossa Excelência que vá para o quartel do Carmo, onde já se encontram todos os senhores ministros. Reforçaram a guarda do palácio e os automóveis estão à espera no pátio.

— Bem; já lá vou...

Nisto ouviu-se o primeiro tiro de peça, disparado, muito próximo, dum navio do Tejo...

Kairuan, abril, 1930

NO ALGARVE

O espaçoso triângulo, que na província algarvia abrange, ao sul e a sudoeste, toda a parte alcantilada da costa, e tem por vértice o Cabo de S. Vicente, é uma das mais húmidas regiões que existem no mundo, embora as chuvas ali sejam raras.

Varrida constantemente pelos ventos que atravessam o oceano, a sua vegetação alimenta-se em grande parte da lentura salobra que eles lhe fornecem, e tão saturada anda de sal, que basta uma tempestade do Sul, que traga para terra a poeira das espumas do mar, para queimar as figueiras e as vinhas, se já estão reverdecidas, deixando-lhes as folhas torricasadas, como se por lá tivesse passado um incêndio.

A disposição da costa, em curvas de voluptuoso desenho, e enfeitada de rochedos que se esbarrocam sem cessar, tomando aparências fantásticas, ora isolando-se pelo mar fora, em leixões de monstruosa forma, ora abrindo-se em fojos e grutas, que plagiam vastas catedrais e ruínas de castelos formidáveis; essa disposição e a cor dos elementos que se reuniram no argamassado das rochas, onde entram argilas de púrpura e saibros dourados, junto à luz especial que se coa da atmosfera sempre húmida, tornam esse canto de Portugal num alfofre de assuntos pictóricos, superior em riqueza e variedade aos mais inspiradores da própria Itália.

E no entanto ainda não houve artista algum que o aproveitasse dignamente.

Apareceu, é facto, um pintor de talento (não conheço estreia mais auspiciosa que a sua) a mostrar-nos o que poderiam dar em telas essas rochas e esse mar: o Falcão Trígono. E no Museu de Arte Moderna lá está a prova do que afirmo, nesse quadro de leixões prismáticos que parecem abrir as portas dum tesouro maravilhoso e inesgotável. Mas o artista não prosseguiu no caminho encetado. Alguns mestres, segundo ouvi, acharam aquilo insensato e dissuadiram-no de explorar o filão que descobrira. E aqui acode pensar na esterilidade da judiciosa rotina académica (mau grado o seu valioso cortejo de ponderados preceitos) a que se refere o Renan quando dizia: «Tout est fécond excepté le bon sens.» É talvez a generosa fecundidade do idealismo, de que dão provas tantos loucos teimosos, que através de certos filósofos e poetas nos tem aformoseado a vida...

Seja como for. Esse canto do mundo é terra morta para artistas e turistas.

Também, ainda mesmo que nele houvesse alguns monumentos que o reclamassem, quem diabo se atreveria a arrostar com a imundície das suas hospedarias e a infâmia das suas estradas. E os monumentos faltam por completo. De Sagres só ficou a peanha do grande infante, que é um ciclópico penedo cuja superfície parece ferver em borbotões, e não se percorre sem lá deixar as solas dos sapatos. E quem é que ali chega?

Foi lá uma vez, montado num burro, que os caminhos não dão para mais, foi lá o Barrès e depois calou-se... Ou no pouquíssimo que disse quase se mostrava envergonhado de ter empreendido tal jornada. Verdade seja que esse excelente Barrès não discreteava senão sobre assuntos já muito versados. E era, no entanto, um espírito ateniense, mestre na arte de «afirmar» no mais sensual dos estilos. Por contradição — ainda ateniense — preferiu à «cultura» de Atenas a «disciplina» de Esparta. (Eu suspeito que a sua preparação humanista e estética era fraca, e neste ponto não soube muito bem o que aventava.) Pois charnechas ainda mais espartanas que essas que levam ao Cabo de S. Vicente!...

Quantos séculos de História, de Tragédia e de Arte não são precisos, para dar perene atualidade a qualquer país, atraindo-lhe a atenção e a visita dos poetas e dos simples turistas, mesmo quando as condições de vida, pelas suas incomodidades, ali são tais que repulsam os mais corajosos e apaixonados artistas. Assim foi tanto tempo a Grécia moderna e a Ásia Menor. No Algarve, nem monumentos, nem reclamamos...

Passava eu uma vez, joeirado numa carrinha desmantelada, através de nuvens espessas de poeira ardente, na estrada de Albufeira a Pera (por Vale de Parra) e na sua máxima altura, junto ao cemitério, a pique sobre o mar, quando me ocorre que o sítio e o panorama eram ali comparáveis mas superiores à «Cappelletta dell'Addolorata» do Cabo Noli, pelo recorte nítido dos rochedos, e o longo espraiamento da água, e por alguma coisa mais de isolado, de suspenso, de cerúleo, que se não exprime satisfatoriamente...

E refletia: vão lá falar de Pera e de Vale de Parra, mesmo a portugueses cultos, sem que desatem logo a rir. Todos os nomes precisam de tempo e louvores para tomar peso. A casa principesca de Bouillon é exemplo magnífico. Imagine-se qualquer autor lusitano a armar, agora, uma tragédia no seio da família «Caldo da Panela». Louvor e intimidade, que dá a repetição frequente dos mesmos nomes e desvia do sentido primitivo para o que adquiriram na glória das grandes façanhas, ou nas estrofes das epopeias.

Porém na paisagem de uma região com nomes desusados ou ridículos, sem monumentos, nem hospedarias, nem estradas transitáveis, quem há que descortine belezas, se a contemplar através das duríssimas provas físicas a que é impossível furtar-se?

Arrosta-se com privações e trabalhos para visitar as ruínas de Nínive e de Balbek, ou os templos da Indochina, mas para ver um trecho de mar trivial, sem mais adorno além de alguns penedos coloridos, que se esboçam na areia fina?...

Assim se explica o anonimato dessa parte da costa algarvia, entre a Ponta do Altar e a Ponta da Piedade, que contém Lagos, Alvor e Portimão.

Portimão, onde eu nasci (vai já em três quartos de século) não se vê do mar: fica recolhida na bacia do Rio Arade, encostada quase às faldas da serra, que lhe serve de fundo, e tendo fronteira uma pitoresca aldeia, em forma de pirâmide, que se chama Ferragudo.

Estou convencido (não cesso de o repetir) de que, nesse trecho da costa algarvia, se realizou a conceção literária e pictórica da «paisagem grega», que mal se esboça, aqui e ali, nalgumas ilhas do Arquipélago, nos arredores de Nápoles, na Sicília e na Argélia.

Antes da indústria (aliás tão louvável e proveitosa) da conserva de peixe ter empestado essa região, era ela um paraíso para quem a sabia fruir. Mas para isso, além de certa disposição natural, tornava-se necessária a permanência em condições de relativo conforto, que permitisse

entrar à intimidade dos seus múltiplos e encantadores aspetos. Isso deu-se comigo, e tão na memória eles me ficaram, que por países diversos e longínquos me era fácil, quando a curiosidade ou a saudade me apertavam, reconstituir qualquer deles, com as mesmas linhas e cores, fosse qual fosse a estação do ano e a hora do dia a que me reportasse.

Este livro que tento agora escrever (e que provavelmente nunca terminarei), sendo de «Regressos» às impressões mais remotas da mocidade (ou às primeiras impressões de paisagens e monumentos revistos pela vida fora), colhidas no meu país, e lembradas longe dele, não podia deixar de incluir algumas páginas consagradas à minha terra natal. Como ali faltam os monumentos, diligenciarei evocá-la em paisagens. Mas terei eu ainda reminiscência bastante para o conseguir? Vamos experimentar...

Janeiro. — Extraordinário, este céu ao pôr do sol! Todo coberto duma colgadura de púrpura, que parece arrastar-se por cima da ponte, mas rasgada a espaços sobre um fundo longínquo de porcelana verde. O rio todo escorrendo em vivo sangue...

Na Praia da Rocha. — A atmosfera está tão cristalinamente, tão ete-reamente pura, que tudo parece pegado em esmalte: os rochedos, o mar, o céu; os campos; as manchas de translúcido sinople das alfarrobeiras; os riscos de saturnino *kaolin* das figueiras enramadas mas sem folhas; os laivos de *ripolin* ainda fresco das casas caiadas... E para a tarde, atravessando, mergulhando nas ruínas da costa, essa oblíqua luz de oiro, como só agora nela tenho reparado, assim viva e difusa... É o doirado de certos charões velhíssimos, japoneses. A serra, então, nos seus peregrinos, inverosímeis tons aveludados, é uma fantasia de lacas sobrepostas, até formar aqueles luzentes dorsos arredondados, e cavar por aqueles flancos, cheios de penumbrentas profundidades líquidas, grandes grutas de cristal negro...

Vi hoje as primeiras flores de amendoeira, na várzea da Quinta do Bispo. De amendoeira amarga seriam, pelo seu cor-de-rosa muito intenso, quase da flor da olaia. Purpurejavam por entre as musgosas, vetustas e tristonhas oliveiras, com um ar fugitivo, recatado e casto...

Esta súbita eflorescência, dum dia para o outro, duma árvore imensa, inteiramente despida de folhas, no fundo de tenebrosas ravinas, ou na encosta

pedregosa e estéril das charnecas, tal como sucede às amendoeiras, é, decerto, uma das grandes maravilhas da natureza. E de que modo florescem! Em cerrados cachos, em festões e grinaldas, em céus fechados de tendas rescendentes... Sem dúvida a natureza não tem manifestação mais estranha e fantástica da sua arte de mutações, e isso quando tudo em volta é desolação e abandono, mesmo no regelado coração do inverno...

Caminhamos contra o sol, cujos raios oblíquos transformam os cerros numa sucessão de vitrais inverosimilmente transparentes, dentro dos quais certas árvores «ardem». Àquela luz as amendoeiras de flores brancas parecem de cristal, e no derradeiro vale, todo cheio de luz condensada e estagnada, as amendoeiras de punicea florescia crescem, avultam, como prodigiosa vegetação de coral no fundo dum aquário.

Na Rocha. — Ao tempo chuvoso, ou aos últimos dias de chuva torrencial, sucedeu uma ventania formidável de noroeste, com um sólido céu de porcelana, sobre o qual correm legiões de monstros brancos velocíssimos. O ar lavado e glacial. O rio vem todo vermelho da cheia, e Ferragudo brilha como se a cal do casario ainda estivesse fresca. As ondas rebentam na praia em quase toda a extensão da costa, paralelas, eriçando cabeleiras nevadas, e rolando em espumas de clara de ovo batida. Vamos por cima da Rocha. Na Praia dos Castelos há um assalto de leões brancos, de imensas jубas soltas, avançando contra os rochedos que os rechaçam. A base da «Grande esfinge» é incessantemente batida das vagas que a submergem e, depois, baixando, escorrem-lhe ao redor, em cascata, formando uma peanha de cristal líquido. Para o lado de terra o campo, apesar da ventania, vive alegremente nas suas mil casinhas brancas, espalhadas sobre desenhos, curvas, ondulações idílicas. A Ponta de João de Ourém, ainda mais encarniçadamente batida pelas enormes vagas rebentadas, com os rolos de espuma a correr, sumindo-se debaixo dos leixões, e reaparecendo logo mais volumosas e irritadas. Os caminhos estão empapados de água, e à beira das rochas a cimalha parece por vezes negar passagem, ou ameaçar definitiva derrocada. Para além dos Castelos, os trechos argilosos da costa agitam-se em linhas e relevos mais agudamente dentados, com os panos de muralha arruinada mais carcomidos e desfeitos...

Sobre o verde tenríssimo das searas nascentes, as moitas de figueiras cinzentas, reduzidas à emaranhada e nua ramagem, tomam tons violetas, e a distância tornam-se vaporosas, como fumo azulado...

À noite, na ponte, com a lua cheia, o ar sereno, uma grande paz na água do rio, sossego no mar calado, e pequeninas nuvens, farrapos de caxemira branca, a deslizar brandamente no aveludado azul-celeste escuríssimo...

Do sítio dos Castelos: A Ponta do Altar, ao declinar do Sol, é uma rocha de legenda, de iluminura heráldica, de brasão, toda em oiro puro. Às outras rochas da barra, até à «praia grande», mistura-se-lhes o doirado com laivos de cinabre, deitados na argila, a par dos negros retalhos inconsistentes, que as anfractuosidades sem luz marcam. Mas a Ponta do Altar, lisa, íngreme, sem falhas, é um bloco de oiro. Doiradas também as rochas da fortaleza, à entrada da barra, mas têm os topos enferrujados, e ao amarelo dos seus veios saibrosos falta-lhe o espelhado e o polimento. O mar respira largamente, num ondeado igual, que se desfaz em leves babugens a rés da areia. Levantam-se as ondulações da vaga espaçadas, paralelas, como um estofado ondeado que se não rompe. As montanhas da serra parecem embaciadas, mas desenvolvem, sobre um céu puríssimo e levemente verdoso, a linha das suas cumeadas, arredondando-se-lhes os cabeços como se daqui se percebesse já alguma coisa da outra vertente. O Sol vai desaparecer, estampando o lado da barra de azul e oiro, com grandes tiras de esmalte brunido que a maré, ao escoar, deixa refletidas à borda de água, sobre a doirada e húmida areia lisa...

Dias há em que as serranias de Monchique se ampliam fabulosamente, perdem o relevo, conservando apenas o contorno, e abrem-se, cavam-se no céu como bocas de espantosas cavernas...

É na fluidez azulada, cerúlea, de certas paisagens italianas reproduzidas com realismo por alguns raros pintores idealistas que a luz banha hoje o vale do Vau, a vila alvinitente, as montanhas de veludo, e ao longo da costa os rochedos arquetetados em ruínas de castelos trazidos da Síria, ou das ilhas de Malta ou Rodes...

Após uma série extensíssima de dias agrestes, o tempo serenou e rebentaram as vinhas. Rebentaram também as figueiras, subitamente. Há três dias pareciam montões de lenha seca; hoje encheram-se de folhas que mal vão abrindo, como se enxames inumeráveis de borboletas verdes houvessem pousado na ramada nua. Essas borboletas verdes, quando lhes dá o sol, fazem-se, por transparência, em folhas de ouro, e refrangem a luz como espelhos móveis. O dia amanheceu de uma alegria estonteadora, com poeira morna pelos caminhos, que se repassa de eflúvios de primavera, exalados das ervas pisadas. As amendoeiras perderam as flores, mas vestem-se de folhagem levíssima, e levantam-se dentro das searas todas cobertas de seda branda e flocosa. À noite a lua tomou posse da terra, sem vento nem brisa, láctea. Neblina láctea é o que desvanece o horizonte. Sereníssima a noite, e o rio passa sob a ponte sem um murmúrio, um arrepio; dir-se-ia parado, desmaiado. Passeando percorro a ponte várias vezes. A imagem da Lua, sem tremulina, vai-me seguindo sobre a água, inteira, intacta, mas aos saltos. O silêncio é absoluto: o ar não tem ressonância alguma. Tudo emudeceu como num conto de fadas. Pouquíssimas estrelas no céu, e essas mesmas bêbedas de luar. A vila amortalhada em branco de neve. O farol da canhoneira reflete-se na água em profundíssima língua de fogo; na fábrica dos espanhóis outras luzes mergulham mais no coração do rio os seus fachos ensanguentados; e o farol da barra quase se apaga no horizonte, mas cintila na água como diamante. O silêncio é absoluto, impenetrável...

... Céus ácidos; manhãs frígidas com tintas de limão no horizonte; poentes saburrosos, empastados de papas moiras, a escorrer sangue de morcelas...

Na Rocha. Tarde fresca, viração do mar. Céu de um azul esbranquiçado com o horizonte coberto de névoas emplumadas, que mais avultam a poente. Por entre essas cinzentas plumas transparece o acobreado de outro céu, longinquamente, mais suspeitado do que visto. O mar calmo, metendo-se no céu sem divisória. A Ponta de João de Ourém desenha-se a distância fantástica; os leixões, pelo mar fora, brumosos, sem consistência; a serra toda de fumo. Os campos reverdecem no vasto e mole tapete das vinhas que a luz oblíqua doira; tapete listrado do vermelho do barro, ou do prateado fosco das areias, no terreno que a vegetação ainda não esconde por completo.

No mirante. Tarde desabrida, quase de inverno. O rio a vaziar, mostrando cabeços de marismas, e mais com jeito de água que se some do que água corrente. Em baixo, a tapada já quase toda no restolho, mas ainda com uma comprida tira de cevada madura, mancha de pelo em pele que se não acabou de tosquiar. Pelas depressões da costa mal se distingue o mar envolvido na neblina do horizonte. Ferragudo sujo, pardo. Porém a série de cicloides em que a margem do rio se arma até à Ponta do Altar, e já pelo mar dentro, de um vermelho mimoso, e todo o campo estofado em verdura toldada, escura, que melhor realça a alegria dos casinhotos caiados. As montanhas desapareceram: as serras altas; de modo que os contrafortes, as primeiras ondulações junto à vila, cerros de ordinário sem importância, tomam proporções grandiosas. A névoa enrolada marca por terra dentro o leito da ribeira de Boina; nas encostas de Arge as searas amarelecem em quadros irregulares, sobre fundos argilosos, quentíssimos de cor; e a seguir, as serras de Silves sucedem-se infinitamente, vaporosas mas desenhando, uma após outra, os seus sinuosos contornos. A poente uma grandíssima nuvem negra, de miolo afogueado, sobe devagar pelo cetim cinzento do céu, e vai lentamente encobrendo a vegetação dos campos no véu de fina chuva que desdobra. Condensa-se o crepúsculo. A noite anuncia-se, crescendo do mar, já tenebrosa, inescrutável, e por todos os lados o horizonte se ilumina de relâmpagos silenciosos...

Na Rocha: Nordeste rijo; céu diáfano; mar de calafrios, muito azul, e ao abrigo da costa a água gelada, em mesa de cristal, a aguentar os rochedos que separam as duas praias; o vale do Vau, de esmeralda clara, avivada pelos infinitos casinhotos brancos; as serras de vidro transparente; a Ponta da Piedade, imaterial...

Recordação: Dia de anos. Fomos passá-lo à casa do Vau, descemos à praia já quase sol-posto. Maré cheia. Em volta de nós as rochas recortam-se em gris, cercam-nos de perto, aguçando as pontas no fundo fulgurante do céu. Mas areias e rochas se fizeram de uma brancura virginal, e o mar parecia querer lambe-los os pés. Ao longe, os leixões da «praia das artes», alvos e leves como patachos com todas as velas ao vento. — Havia nela (a minha supersticiosa companheira), e sempre desperto, o receio pueril mas sincero do mar, fugindo-lhe como se as pequeninas ondas laminadas a pudessem sorver. «Mar, facas e fogo, é tudo quanto no mundo me mete mais medo», dizia amiúdo. E, entre maliciosa e desconfiada, olhando os

leixões, uns rasos com o mar, outros erguidos, muito agudos, repetia a pergunta de sempre: «Se as rochas também crescem.» — Subimos novamente ao «monte». Toda a «praia dos castelos», com as depressões da costa em calcário e argila, a arruinar-se como fortalezas desmanteladas, mergulhava na dulcíssima luz crepuscular. Não iria desaparecer, subitamente, aquele cenário de lenda fantástica? Acendiam-se as luzes pelos casinhotos sem número que povoam o campo. O farol da Ponta do Altar, com o brilho insistente e límpido de um astro, estrelava-se no mar negro e quieto. A «Via Láctea» movia-se mais vagarosa do que nunca, pelo céu doidamente polvilhado de rubis e diamantes...

Na varanda, sobre o rio:

A maré vai a mais de meia enchente. A luz é brilhante; o ar puro; o Sol declina, alumando obliquamente os alcantis da outra banda, penetrando profundamente a água azul do rio nos pontos onde a areia transparece, perto do dique, junto à coroa, ou na restinga do Estrumal, denuncia-a em laivos violetas, rosados de carne, vivos de esmeralda. Voga lentamente, direito a Ferragudo, demandando a barra, com as velas pandas, o *Cysne* verde, e toda enfunada, também, entra na bacia do rio a chalupa *Futuro*, pulcra e airosa. O vento presta-se a todas as derrotas: noroeste fresco, que já foi mareiro pela volta do meio-dia, tudo embalsamando com aromas do largo. Ferragudo amontoa-se numa brancura gorda, de gesso, despolida, e toda a margem revolta que se lhe segue refrange a luz que a morde em mil tons diferentes, ou a absorve pelas anfractuosidades côncavas em largos prismas doirados...

No mirante: Eu não saberia descrever nunca este pôr do sol, tranqüilo, sem acidentes, visto através das árvores que uma levíssima aragem agita. Estou voltado para a Rocha, na direção da Ponta da Piedade; a linha do mar fecha o horizonte, cortando o céu rosado num extenso, nítido, e perfeito arco de círculo. Um transparente vapor doirado envolve o poente; doirado que, na base, se desdobra em faixa verde-limão, e na altura se condensa em poeira de carmim. Do lado da terra o crescente da Lua, de pura opala esverdinhada, parece querer alcançar o Sol. Os lombos da serra, muito afastados do céu, tomam corpo, como vidro violeta ou roxo, que ao volver-se opaco revelasse a sua imensa espessura. Depois do sol-posto o céu inundou-se de açafão e púrpura, e o casario de Ferragudo toma

essas cores, casadas num tom geral de rosa-chá, que o rio espelhado reflete ainda mais mimosas.

As piteiras, quando deitam o palmito, e este floresce, tomam no interior das folhas a cor da púrpura desmaiada, que vai pouco a pouco escurecendo até ao sangue-de-boi. E as folhas em volta do palmito abrem e dobram-se completamente, com um lindo ar desfalecente, até morrer e secar...

O dia foi de sueste brando. Há muita poeira de neblina, esta tarde, no horizonte. Monchique é feita de cinzas, e de cinzas parecem as serras de Silves, e o mar de cinzas parece também. Mas o rio alisou-se em aço polido, e as colinas que o cercam brilham de verde doirado. O ar repassa-se de incomparável frescura; a tarde morre mais lentamente, mais silenciosamente, e ainda não é bem sol-posto já a tremulina da lua, sobre o mar tenebroso e quieto, arrasta até perder de vista a sua movente esteira de escamas luminosas...

Sol-posto: O vento leve, que ainda sopra do levante, vai trazendo para o ocaso rebanhos de pequeninas nuvens refulgentes que se desfazem sem demora; e assim as levíssimas ondulações do mar calmo, ao luar, trazem de longe, para terra, uns fios de lume que a areia da praia chupa.

Os curiosos poentes estivais, em que os crepúsculos têm fases mais luminosas que a própria tarde ao declinar do Sol, ou ao desaparecer o Sol; dir-se-ia que oculto o Sol o céu se incendeia, e ilumina a terra com redobrada luz...

Que perfeita e estranha imobilidade na perspectiva do rio, vista da ponte, esta tarde, ao poente! Imobilidade onde a vida não parou; onde a vida circula... Três lanchas de velas cheias, sem que sobre a mínima aragem, adiantam-se da Mexilhoeira; não se lhes percebe movimento algum, mas adiantam-se, deslizam. A água, ao longo do cais, vinha escorrida de tinturarias onde se fabricassem púrpuras cardinalícias. Leveza e ilusão. As mães passam com os filhinhos ao colo sem lhes sentirem o peso...

A caminho de Alvor. Como esta paisagem, tão minha conhecida, hoje me parece nova! Como tudo desperta e reveste inéditos aspetos! Olhos

que veem muito não veem nada. Olhos que pretendem ver tudo; mas de que serve isso se a alma não vibrar também... O que são agora, às três da tarde, as rochas sobrepostas de «João de Ourém», com o Sol inclinado, que as abrasa, a cair no mar cuja superfície enche de chamas. Fora daí o mar é um manto de seda azul, apenas e muito por igual repassado de branco. Um cardume de velas triangulares, brilhando como lâminas de facas, vai correndo direito à barra que ainda lhes fica longe. O corte dos rochedos que cercam a Praia do Vau arranja-lhes um colossal encanudado sem consistência onde o oiro alterna com tiras de púrpura. Há uma tão penetrante beleza neste dia, nesta luz, neste mar, nesta paisagem, que os meus nervos vibram de felicidade, na consciência de viver, do gozo que a vida causa, e tão funda é a sensação que experimento que os olhos marejam-se-me de lágrimas...

Pelo dédalo de atalhos que levam ao mar, sinuosos, e profundos, alguns, como barrancos, abundam, casados aos lentiscos e às piteiras, as esparregueiras bravas: os secos espinheiros. Em setembro cobrem-se de florinhas de cera branca, de perfume tão ativo que nada se lhes compara; agora, em dezembro, são verdadeiros fios de contas vermelhas, de um vermelho de coral da Pérsia, escuro e envernizado, dependurando-se por onde a outra vegetação lhes oferece arrimo.

Natal: Noite de levante frígido, anavalhando. Sobre a ponte. A Lua espelha-se na água com um verde-pálido cuja vista dá acidez ao vento. O rio, em Ferragudo e na pequena enseada do convento, coalhado de caíques arribados, que ardem todos com as chamas levantadas sobre o convés pelas companhas que preparam a ceia. Céu desmaiado, sem estrelas, com o luar a escorrer como um líquido sobre vidro...

Constantina, outubro de 1930

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

NO PORTO (1893)

Antes de procurar algum dos meus amigos dei uma volta pela cidade, que julgo ser, nas suas dimensões, a mais pitoresca do mundo. Há pequenos burgos acastelados em Espanha e na Itália, de composição talvez mais fantástica, mas não têm a variedade que a vastidão do Porto oferece, nem um rio correndo entre muralhas de penedos afeiçoados à marrã por ciclopes, nem a proximidade do mar sempre agitado, que além de lhe alargar o horizonte humedece-lhe a atmosfera, repassando-a de tons de pérola mimosíssimos.

Em certas manhãs os efeitos da neblina são incomparáveis; erguem-se muito mais alto os montes em que a cidade assenta; as igrejas, os edifícios públicos tomam proporções colossais, dominados pela Sé, e pelo palácio episcopal que parece a ampliação do Vaticano; o movimento nas pontes é de monstruosos vultos; em baixo, no rio, os saveiros abrem caminho pela cerração, tripulados por gigantes; e os barcos «rabelos», com as suas formas estranhas, as arrogantes proas de combate, dir-se-ia saídos do espetaculoso cenário de alguma epopeia, ou pelo menos conduzir o Lohengrino e o seu cortejo.

A Torre dos Clérigos, recortada e enfeitada como um desmedido círio de fabulosa romaria, assoma ao cimo da rua íngreme, ameaçando despenhar-se por ela abaixo, entre os rolos da névoa que a enchem.

Mas tudo reveste tão incerto aspeto, aparências tão pouco sólidas, que em certos momentos quase se espera que uma rajada de vento arrase e desfaça para sempre aquele quimérico espetáculo...

Nessa atmosfera de suaves cambiantes se atenua a rudeza do granito escuro das construções; e no tempo das camélias, que ali recamam, da base ao topo, verdadeiras árvores de tupida ramagem, a cada passo surgem trechos de iluminura persa. Nessa atmosfera, no cinzento do granito, a envernizada folhagem das camélias, os tons de rosa, de vermelho, de púrpura das suaves flores redobram de intensidade, e há momentos em que se diria que ardem.

Então como eu as vi mais de uma tarde, nos jardins do Palácio de Cristal, onde elas pululam e atingem enormes proporções; ao pôr do sol, com o céu todo doirado a servir-lhes de fundo, não há esmaltes de Damasco, nem pintura de Ispaão, ou porcelana da China que se lhes compare em sumptuosidade e graça.

Outra combinação frequente e de esquisito efeito são os panos de azulejo azul sobre o granito das paredes. Ao ar livre a pedra faz-se cor de pombo e casa-se maravilhosamente ao tom discreto dos azulejos; dentro de casa, nos claustros, nas igrejas, emoldura-os, dá-lhes relevo, e como que tira, desvia de si a luz para melhor os alumiar e colorir.

Terra pitoresca, o Porto, como nenhuma outra, repito, mas de contrastes delicadíssimos; e terra de muita flor, onde não há variedade de rosas que não atinja a perfeição ideal, assoalhando os seus encantos por todos os lados, nos jardins públicos e nos terraços das casas particulares, e daí descendo para a rua, ao alcance de quem passa, em mantos opulentíssimos de trepadeiras.

Eu ainda a conheci quando lá se cultivava com amor a fria dália de encanudado geométrico impecável, que era, diziam, o emblema da gratidão, e que desapareceu completamente numa combinação híbrida que tanto pode ser crisântemo como malmequer.

Outra espécie também muito estimada ali, e que se desenvolvia em proporções desmarcadas, sem perder nenhuma das suas mimosas características de formas e colorido, era a hortênsia.

Usavam muito os pintores da Renascença, especialmente os venezianos, meter um preto entre os personagens que figuravam nas suas composições: dava a nota exótica. É curioso que dos quadros que conservo na memória,

do movimento das ruas em muitas cidades, há sempre algum onde figura um preto. Do Porto, igualmente. Não é o João Chagas, como se poderá supor: foi lá que o conheci. Era um preto anónimo e retinto, que passava orgulhoso e balouçado como um camelo, levando à cabeça um vaso onde florescia a mais docemente rósea das hortênsias...

No capítulo das flores vem a pelo falar de mulheres. Ali as há, entre o povo de pé descalço, que rivalizam com as mais airoas e lindas do mundo inteiro. Bem lançadas, a cinta fina, o seio farto, e uma tez de flor de estufa, onde o sol não faz moossa, embora expostas como andam às intempéries.

Que aroma me lembra o Porto? Pois que de cada cidade minha conhecida conservo uma recordação olfativa, que nunca mais se esvai. O heliotropo, morno e lento, e quase nada cantado como a fala da sua gente. Morno, lento e cantado! Serão tais propriedades adequadas aos perfumes? E porque não? Pensem na rescendência quase explosiva da tangerina, quando se lhe rompe a casca, e o trabalho das violetas, para denunciar a sua presença numa sala mal fechada, e perpetuar a sua lembrança, embalsamando tudo quanto nela se contém, para quando murchem e as deitem fora...

Deambulando passei pela capela dos Pestanas e parei para contemplar as duas figuras góticas da fachada, executadas (e compostas) pelo Soares dos Reis. Aquela falsa ingenuidade, o pastichado ao primitivo, apesar do artístico arranjo das roupagens, lembram o estilo literário do Herculano nos seus romances da Idade Média — que também nalgumas passagens se salvam, quando as vestimentas são de boa linguagem corrente portuguesa.

Era a hora em que os museus costumam estar abertos, e isso me decidi a ir até àquele que leva o nome do Mestre, a rever a sua obra-prima: *O Desterrado*.

Na desordem inconcebível desse museu, que ocupa uma imensa galeria onde há de tudo aos montões, com a distribuição e seleção que o mar põe nos objetos atirados à praia depois de um naufrágio, lá estava com efeito o *Desterrado*, olhando para tudo aquilo com um bom ar de naufragado.

Talvez demasiado frágil no aspeto e demasiado estudada em certos detalhes; acentuadamente romântica na atitude, na expressão do rosto e até no arranjo dos cabelos, a figura do «Desterrado» é uma obra-prima da estatuária moderna, e a melhor saída do cinzel de artista português desde

os recuados tempos do Machado de Castro. Mas as costas e os braços, com serem «trabalhados» até ao máximo, nada perderam em graça e em vida; e o efeito geral tem enorme importância pelo que sugere, mau grado o convencionalismo de que não se libertou totalmente: é uma obra moça, de profunda emoção estética, que o espectador gostosamente partilha. O pior é terem-lhe posto aquela restrita, apertada etiqueta: o «Desterrado», tornando necessário um esforço, que não está ao alcance de toda a gente, para o levar a generalizações mais altas, isentas de carácter episódico, anedótico. Porém as grandes, as genuínas obras de arte não são para toda a gente.

Entre as pinturas modernas que ali se exibem, figuram: uma grande paisagem francesa de Silva Porto, paisagem de rio, serena e idílica, porém de um colorido tão vibrante como ele nunca ultrapassou nos seus trabalhos posteriores; um quadro mitológico do Marques de Oliveira (*Céfalo e Procris* julgo se intitula e contém trechos de nu tratados com ternura no seu belo realismo), que é ainda de todas as composições que ele acabou a mais interessante; uma infinidade de estudos do malogrado artista Pousão: paisagens, figuras, naturezas-mortas, em todos revelando prodigiosa habilidade, uma justeza, um rigor de mancha que não excluem, antes lhe aumentam, a sedução. Entre os desenhos desse Pousão ficou-me na memória o de uma mulher de costas, à pena, desenho «gordo» que dá a ilusão de uma gravura a água-forte, no que o género produziu de melhor.

Também ali estão as provas de concurso do Soares dos Reis, e extasiem-me diante dum pequeno baixo-relevo, tão elegante como certos desenhos do Prud'hon, de que tem, de resto, o aristocrático sabor.

Na sala onde se conservam as «academias», reparei nuns quadrozitos em *pochade* de um tal Vizela (cujo destino ignoro) que nunca saíra do Porto, e mostra bem patentes as disposições de um grande pintor, até, coisa raríssima, na composição!

Se o Museu Soares dos Reis dá a imagem completa da desordem, o Museu Municipal não lhe fica atrás na imagem da salsada e compressão. Ali há, em duas ou três pequenas salas, obra pictórica dos últimos séculos, que chegava para ornar as paredes de todo um Escorial. O diabo que lhe descubra os primores, entre tanta «côdea» malíssima¹.

¹ Refiro-me ao que era no século passado, pois, sob a direção do ilustre escritor Júlio Brandão, tudo se acomodou e dispôs com arte em melhor local, embora ainda muito acanhado.

Pessimamente disposto entrei na Misericórdia, por descargo de consciência, para ver a afamada *Fons vitae* que me deixou frio como gelo. É um quadro que ganhava muito — relevem-me a heresia — se fosse distribuído aos retalhos, cortado aos metros, pelos diferentes museus do país...

Eu considero o pintor Marques de Oliveira um grande impressionista, que nada perde à comparação dos maiores da escola francesa, os Sisley, os Pissarro, os Monet. Ninguém entre nós (nem mesmo o Silva Porto) o igualou na notação rápida e definitiva de certos efeitos de luz; tudo quanto lhe saía, ao primeiro jato, do pincel era de uma realidade, de uma graça, de uma frescura a cuja poesia ninguém ficava insensível. Mas que Deus o livrasse de tentar «acabar»: era fiasco certo. Isto na paisagem. Imagine-se agora o que seria na figura, que não pode ficar eternamente em *pochade*, e ter-se-á uma ideia dos tormentos que passei, indo com ele à Bolsa ver os seus quadros alegóricos, aos quais ainda em cima, na sala onde estão, falta espaço suficiente para serem olhados à devida distância. E tive de os gabar! Detive-me, naturalmente, a encarar o trabalho que deviam ter dado ao autor e que ele declarou ter sido colossal.

O edifício da Bolsa foi obra também de um amigo meu, de temperamento bastante azedo, e mediana envergadura artística. Ainda assim conseguiu acomodar-lhe dentro uma escadaria que honrava qualquer arquiteto de génio. Chamava-se Soller (de origem espanhola) e pertencera à geração do Soares dos Reis e Marques de Oliveira, de quem fora contemporâneo na escola de Belas-Artes em Paris.

A visita à Igreja de S. Francisco, próximo da Bolsa, desforrou-me cabalmente de todas as minhas reservas estéticas: ali pude admirar sem restrições. Eu não sei se existe obra que se lhe equipare e que assim deslumbre e fascine. Refiro-me ao interior do templo, porque a parte externa mal apresenta, aqui ou ali, uma rosácea ou um capitel de coluna, vestígios da sua origem bizantina, que inspire interesse.

O interior não tem estilo académico; é do barroco mais fantástico e fantasista que jamais se imaginou; barroco europeu, exacerbado pela visão dos pagodes indianos. Não tem estilo mas levanta e desenvolve a orquestração perfeita do seu admirável conjunto: é uma gruta imensa, toda cavada em oiro puro, como a teria sonhado um Salomão para receber

a Rainha de Sabá. Mas oiro que não encandeia, e cujo brilho o tempo amaciou.

Para que lhe não falte o complemento bárbaro, o ídolo monstruoso, surge-nos à entrada um S. Francisco de pedra, atarracado, disforme, infantilino, de ar ofegante e que nos mira bestialmente com os olhos estoirados. Chamam-lhe as raparigas «o alcoviteiro», por usarem depositar-lhes nas cavidades da escultura as cartas de namoro...

Para contraste a tão grande e variado deboche de espiras, ramagens, e arcos doirados, as linhas severíssimas, o ermo do sítio, e a melancolia de granito de Leça do Bailio, onde fomos de passeio.

Mas Leça do Bailio pede variações, com muita erudição histórica e arqueológica, as quais não caberiam nesta fugitiva resenha de reminiscências, mesmo quando eu me sentisse com alento para as ensaiar...

No entanto uma recordação bem viva: a linda lápide de bronze, de que o Soares dos Reis publicou na *Arte Portuguesa* o desenho, e tem um sabor gótico tão raro entre nós em obras daquele género.

Mas a propósito: haverá ainda com vida algum curioso-amador, que se lembre do que foi essa revista, a *Arte Portuguesa*, e o movimento de propaganda estética que se propunha fomentar? Por ela é que os nossos mais cultos patrícios souberam que nós tivéramos no século XVII um escultor de génio, Manuel Pereira, cuja obra completa a Espanha possui.

E desse impulso artístico, ainda, que eu saiba, muito mal estudado, dirigido pela inquebrantável vontade e fé do Soares dos Reis, é que saiu (nele se formou) um escultor de preciosos dotes, admirável na criação de imagens líricas, poderoso na fixação de movimentos harmoniosos, no qual quase ninguém fala e que no entanto persiste em trabalhar e produzir: o Tomás Costa. A sua *Eva* e o seu *Dançarino*, que me não deixarão mentir, figuram com honra no Museu de Arte Contemporânea, a par do que o Mestre Soares dos Reis deixou de melhor; ali até parece que se completam, segundo me dizia um notável artista inglês que encontrei em Londres, frescamente regressado de Portugal. Entretanto, felizmente, não nos têm faltado escultores, como esses dois, de verdadeiro talento, embora nenhum repetisse ainda o milagre do *Desterrado*...

Remate desta curta passagem pelo Porto, há quarenta anos:

Na estação, à despedida, encontro-me com o Bruno e o Luís Botelho. Estava também o Marques de Oliveira, que ia para Guimarães com todo o aparelho pictórico. Perto da estação apareceu-me o Torquato Pinheiro, que me abraçou com excessiva efusão (à sua maneira). O Torquato era um oficial de infantaria, amador de pintura, que eu conheci em casa do João de Deus, e andava bastante ligado ao grupo artístico do Porto. Antes de embarcar ainda houve tempo de «trocar impressões», como se dizia então.

Refiro-me com entusiasmo ao interior de S. Francisco, à riqueza do seu colorido, aos efeitos por vezes bárbaros mas sempre mágicos, prestigiosos, daquela profusão de oiro velho. Descrevo o que observara na capela-mor, onde os reflexos das cortinas carmesim, nos arabescos e entalhes cosidos em oiro, os aqueciam de tons tão inesperados e fortes como se os estivéssemos vendo através de uma fogueira; e dentro dela ardia um grande rubi, com toda a gama das cintilações sanguíneas, a única vela que a alumia.

Não lhes serviram nem quadraram as minhas jaculatórias, e soltaram a palavra «rococó», em coro, como anátema implacável contra os grosseiros enfeites que encobriam ou deturpavam o encanto ideal das linhas góticas.

Observei-lhes que hoje, como sempre, o pitoresco não reside na pureza do estilo, nem das linhas, mas na conflagração das cores, ou nas suas harmonias. Que o arqueólogo, o sábio, é que se obstina correndo atrás do gótico puro, ou do bizantino sem bastardia, ocupação de resto inútil, vã, porque não há gótico puro, nem bizantino sem mescla. Que o que salva a obra de arte em todos os estilos é a vida, o movimento, que se traduz na graça, na simplicidade, no vigor, na invenção, na elegância, na variedade infinita com que os artistas nos revelam a natureza; que uma árvore qualquer, sem estilo algum, pode ser mais rica de cor, mais pitoresca, em certos momentos da sua vegetação, e na incidência especial de um sol oblíquo, do que o Ticiano da capela Pesaro. Uma obra de arte, onde entra o sol e a luz expande os seus tesouros, é filha querida da natureza, e pode atingir a beleza suprema embora lhe falte o estilo (como eu andava então saturado das teorias realistas!). Mas a ouvi-los a terra toda estava retalhada em estilos, e quando eles se não descobrem a culpa é da natureza e nunca do artista. Assim ao bom Torquato já não servia,

para um quadro sequer, o Mosteiro de Leça do Bailio: pequeno, acanhado, sem primeiro plano; intransportável para a Tela. Adverti que por esse caminho seria necessário refazer o universo consoante as ideias de cada *rapin*, de modo que as coisas se pusessem nos planos cómodos, e nas perspectivas que mais lhe simplificassem a obra, como ele pretendia executar.

Mudando de assunto aludi ao claustro da Sé, que lembra o de S. Zeno de Verona, pela disposição das colunas geminadas sustentando a fina arcaria ogival: é elegante e melancólico...

O excelente Torquato, com aplauso geral, nem me deixou acabar, ansioso por salientar a indigência das minhas predileções. Colunas como aquelas eram frequentíssimas em Portugal: citou vários monumentos com ar depreciativo, como se a repetição de uma coisa bela, três ou quatro vezes no mesmo país, lhe tirasse por completo o mérito. Muito timidamente observei que ao menos ali havia estilo, por que ele almejava, e, com as diferenças de luz e composições arquitetónicas, talvez dessem motivos para quadros...

— Não, não — retorquiu vivamente —, fora de certas disposições de terreno e de certas regras que o artista deve estritamente observar, não há assuntos dignos de um bom quadro, e... — o sinal da partida cortou-lhe a palavra.

Não era um esteta consumado, o Torquato, e os quadros que deixou pouco valem; mas que primoroso rapaz, que leal camarada, que coração de oiro!... e que salsada a minha, dele e de todos, nesta pseudodiscussão artística, típica daqueles tempos remotos, e por isso mesmo, a título de curiosidade, aqui rememorada.

Bougie, outubro de 1931

BRAGA E O BOM JESUS

O João de Deus, que tinha decidida habilidade para desenhar (e foi realmente pena que a não cultivasse), descobrira o modo mais característico — dizia ele — de representar uma rua de Braga: punha de um lado uma fila de anafados sacerdotes e do outro as respetivas amas, não menos gordas, dando cada uma delas de mamar a dois rechonchudos meninos de peito.

Esta forma simbólica de conceber a Roma lusitana impressionara-me para sempre, e a convivência com um rapaz bracarense, extraordinariamente inteligente, devoto e egoísta, que me descrevia a sua terra como autêntico paraíso de belezas naturais, artísticas e espirituais, não conseguira desfazer ou borrar na minha imaginação aquele primitivo *cliché*.

E, no entanto, o meu amigo, que parecia não ter amor senão a si próprio (e ao dinheiro), falava da sua terra, e das místicas visões que ela provocava, em termos tão certos, seguros e concludentes, que me deixavam abalado, considerando quase milagre aquela fé ou crença, em temperamento assim regelado e ávido.

A experiência da vida explicou-me, até certo ponto, o facto que eu julgava insólito. Todo o encanto que dimana das nótulas sentimentais de certos egoístas, emocionados pelos mil aspetos da natureza — tanto mais excitantes quanto melhor se reportam ao cenário familiar da sua existência —, é ainda ultrapassado pela forma como interpretam as paisagens celestes, sempre numa linguagem sem exaltações ridículas, mas aguda, penetrante, limpa de toda a eloquência daninha...

Todavia, entrei em Braga algo «desconfiado», mas nada tardou que me não sentisse à vontade naquela miniatura da cidade papal, onde realmente os eclesiásticos abundam, mas de aparência afável, as amas vivem no recato dos gineceus, as numerosíssimas igrejas estão pejadas de curiosidades de toda a ordem, inclusive a artística, e para em tudo imitar o seu modelo não há, por assim dizer, rua ou praça onde não cante uma bica de água, em asseados chafarizes, que, por não terem o valor estético das fantasiosas e monumentais fontes romanas, nem por isso lhes são inferiores em frescura e utilidade.

Com tudo isto, alguns jardins vastos e bem tratados, e a paisagem que a cerca, viridente e luminosa, que muito lembra a verde e católica Erim.

Já no caminho esta semelhança me acudira, sobretudo num trecho vizinho à cidade, de pequenos prados relvosos, talhados em esquadria, onde uma ou outra grande árvore isolada parece esperar a «sua vez», com o característico aspeto de dignidade das árvores irlandesas...

Em suma: horas depois da minha chegada à sede do primado das Espanhas (Toledo que se marimbe!) já eu lhe palmilhava as ruas, confiado e familiar, quase esquecido das malévolas informações que a seu respeito colhera. Ao inverso, era como o elogio excessivo de uma ação passada a que não ligamos já importância; dir-se-ia a continuação de uma ressonância que só nos importuna.

Há fotografias de aspeto inverosímil, ou tão repassadas de poética mentira, que sobem à altura de belíssimas obras de arte. Sem querer ir tão longe, pareceu-me que em Braga não faltavam assuntos para algum razoável fotógrafo arranjar um álbum que a classificasse entre as mais curiosas cidades da península.

Não sei de nenhuma outra assim rica em monumentos arquitetónicos (igrejas, naturalmente) onde os estilos andam tão misturados; é uma autêntica salada; mas porque em todas essas igrejas, salvo exceções raríssimas, os mesmos variados estilos se encontrem representados, dando conjuntos de linhas e formas que se aparentam, fica-nos a impressão de que ali reina um estilo à parte, a que poderíamos chamar bracarense. E mais de uma vez, no decurso das minhas viagens, especialmente pelo Sul de Itália, tentando filiar certas amálgamas, produzidas pelos caprichos e fantasias dos conquistadores, das revoluções e dos terremotos, era à Roma lusitana que a memória recorria para lhes descobrir os legítimos afins.

Mas quantos detalhes graciosos, quantos formosos trechos, quantos trabalhos de arte pura naqueles montões de moldes incongruentes!

Basta a Sé para que não seja possível esquecer jamais, sob o ponto de vista estético, essa terra que a natureza cumulou de atributos raros.

Vamos lá ver o que a retentiva ainda me faculta sobre os mimos da sede arquiiepiscopal.

Algumas portas de madeira negra, ébano, pau-preto ou madeira do Brasil, com aplicações de metal, em vulto ou rendilhadas, e o desenho de um gosto e complicação árabes.

No altar da capela do Santíssimo, o frontal, que se descobre abaixando uma espécie de tampa, representa, esculpida, a Igreja marchando contra os heresiarcas (glosa do sacristão) em madeira colorida. A liberdade da composição, as figuras, o movimento, a cor, tudo concorre para lhe dar vida. É obra da decadência, observou o mesmo sacristão meu cicerone, cujos curiosos comentários correm parelhas com as riquezas do templo.

Interessantíssimo, no seu aspeto de joia ampliada, o túmulo doirado de um filho de D. João I, que está à direita da entrada principal. O dosel, também de bronze, ferve em arabescos de estilo oriental.

A pia batismal, no gosto pisano.

Uma obra capital, pela perfeição da escultura, e que não sei se outra haverá no país que a sobreleve: o retábulo do altar-mor.

Dois coros: o baixo, que, na sua composição, revela as melhores intenções flamejantes, mas não aquecerá ninguém; e o alto, sem estilo, nem fé, nem senso comum, luxuoso disparate que nunca mais se olvida, rematando nas pinturas do teto, que lhe completam lindamente a tonalidade. Nessa gruta de conto fantástico guarda-se a mais preciosa das joias, de que é o digno escrínio: um facistol de bronze, rococó descabelado.

A entrada principal da Sé faz-se por um vestíbulo ou *loggia* de três arcos, fechados por grades de ferro batido que rematam numa loucura de enfeites e que certamente são, no género, a obra mais rara e surpreendente que existe em Portugal. Lembram as que se encontram no claustro da Catedral de Barcelona e são, porventura, de alguns mesmos artistas que ali trabalharam. A Espanha é o país mais rico do mundo em produções desta sorte, nem a Itália se lhe comparando; e parece estranho que, apesar da vizinhança, elas sejam tão escassas e pobres no nosso país. Sobre os arcos, em nichos góticos, apareciam umas toscas figuras, primitivamente coloridas, e agora levemente rosadas, nota deliciosa, intraduzível, a remoçar

aquele conjunto elegante e decrépito. Mas existirá ainda essa grade prodigiosa? Ela estava já tão ferrugenta e malcuidada!

Por todo o país os sacristães e cicerones aludem, com rancor, às depredações vandálicas praticadas nos monumentos religiosos pelos franceses, durante as invasões napoleónicas. E então no que toca à rapinagem de objetos preciosos causa dó ouvi-los. É curioso, porém, observar em que progressão constante esses roubos sobem de importância na direção do Norte. Em Alcobaça lançaram a unha às melhores alfaias; na Batalha andou por vinte e cinco arrobas de metal precioso que arrebanharam; em Coimbra... Mas agora Braga é que importa. Assegurou-me o sacristão, ao mostrar o tesouro da Sé, que passaram de trinta carros, cheinhos de ouro e prata, os que os mesmos insaciáveis pilhas dali levaram. Permiti-me observar-lhe que, por ser dia do Coração de Jesus, talvez o seu justo ressentimento o inclinasse ao exagero. Jurou-me que não... No entanto, o tesouro da Sé é ainda muito rico e aconselho a quem passar por Braga que o não deixe de visitar.

Mas a propósito releva notar, com vista aos leitores crédulos e ingénuos (ainda os há) que isto não é guia oficial, nem privado, e lhes não deve, portanto, inspirar cega confiança, caso o queiram utilizar nas suas digressões pelo país. São meras reminiscências, algumas de mais de meio século. E esta observação é tanto mais necessária quanto é certo que, por esse motivo, o capítulo sobre Évora me valeu uma das mais bonitas descomposturas que tenho apanhado até hoje. Nesse artigo (que foi publicado na *Atlântida*), para acentuar a autenticidade e cor local (traça inocente e bastante usada), pus-me a numerar, de fantasia, alguns quadros do museu, a que me referi. Logo calhou que um jovem e sentencioso assinante da *Atlântida* fosse a Évora, levando o meu artigo, para cotejar com as minhas as suas impressões, e naturalmente não conseguiu atinar, pela numeração, com nenhum dos quadros a que aludo. *Inde irae...* e justificadas, confesso.

Fui de «americano» ao Bom Jesus em dia em que os carros descarrilavam a cada instante. Um cavalheiro de aparência respeitável observou-me que isto sucedia raras vezes; outro companheiro, padre, impaciente (ia dizer missa), jurou que sempre que tomava o «americano» acontecia a mesma coisa; um «popular» irascível afirmou que descarrilava da mesma maneira, na semana, nos domingos e dias santos de guarda, e puseram-se os três de acordo para dizer mal do Governo...

O Bom Jesus é um sítio paradisíaco, superior, na disposição da paisagem, na abundância e variedade da vegetação, no canto das aves e das fontes, aos mais famosos santuários da Itália (incluindo Madona di S. Lucca, em Bolonha), que se encarrapitam em cerros agudos e têm as suas vias-sacras ladeadas de capelas onde se representa, com figuras mais ou menos grotescas, a Paixão de Cristo.

Duas amplíssimas escadarias monumentais, de magnífico efeito, levam ao adro da igreja, no qual se ergue uma estátua equestre de cavaleiro romano: Longuinhos. Não é, decerto, uma obra-prima; bem longe disso; porém, casa-se à arquitetura e ao ambiente do recinto: preenche cabalmente a sua função ornamental, decorativa. Nas linhas gerais (ó sacrilégio) lembra o Colleoni de Verrocchio... em caricatura atenuada.

Mas muito melhor do que o Longuinhos era uma velhinha, já dobrada para o chão, como compasso que se fecha, o xale amplo e rojeiro, e as duas mãos no cabo de um imenso guarda-sol, com o qual batia grandes pancadas no lajedo, ritmado o passo miúdo e titubeante, entrando e saindo da igreja não sei quantas vezes, tomando ares de prelado de farsa com seu báculo de entrudo...

O que eu andei, ri e cantei nesse dia próspero, e quantos versos recitei que nem suspeitava que soubesse! Por fim, cansado, estendi-me sobre uma mesa de granito, em clareira que abria no mais umbroso e cerrado da mata.

Já meio adormecido, descerrando os olhos, ao subtil ruído de muito leves passos que julguei ouvir, vejo um pequeno carcunda acaranguejado, de ar irónico, sair do arvoredado, com sua guitarra a tiracolo, e obliquamente caminhar para onde eu estava.

Como o acolhesse entre surpreendido e benévolo, deu dois passos de ator que entra em cena, e, depois de se firmar bem no chão, saúda-me com duas profundas chapeladas, arma a guitarra e desata a tocar e a cantar o fado. Um garoto dos seus doze anos rompe de trás de uma árvore e, com voz de soprano bem entoada, alterna com o carcunda.

(Aqui uma curta, mas incendida tirada lírica! Delicioso fado, estro português da cadência árabe, com rendilhados da Alhambra a florir, molhados, no doirado das cordas de metal. Ó burlesco carcunda, que mundo de impressões encantadoras, de fundas sensações ardentes, me não acordaste na alma!)

Este carcunda de sorriso irónico tangia uma guitarra em forma de viola, com as cavilhas firmes numa espécie de lira que lhe servia de braço. A sua giba, aguda, regular, piramidal, nascia-lhe exatamente dos rins; era uma corcova de perfeição rara: parecia feita de encomenda. Com o largo e roto chapéu de feltro no alto da cabeça lembrava um grotesco de Velázquez.

A música atraiu grande número de raparigas, trajando à moda minhota: de cores garridas, as cintas finas como que soltas no volumoso amontoado das saias, as quais, mesmo nas mais novinhas, nas crianças, lhes caem até aos pés. Uma coleção de barros coloridos e animados.

Puseram-se a bailar a «chula», dança passeada, sem grandes variações, mas ondulosa e obrigada a uma especial modulação rítmica no movimento dos quadris, que é caracteristicamente oriental. Todas elas levavam na mão direita um farto ramo de mimosas floridas, que seguravam com certo ar hierático, sobretudo as pequeninas, que andavam com o passo dos anjos nas procissões.

Árvores, carcunda e raparigas, quanto lhes agradeço a todos a hora encantadora que espontânea e carinhosamente me proporcionastes, compadecidos talvez da minha bem patente melancolia (eu levava nesse tempo a máscara de príncipe enfastiado), que a piedosa Braga e os seus incansáveis sinos, embora alegres, refinavam. Razão plausível, pelo ar humilde do carcunda, ao acercar-se e ao retirar-se, e pela recusa das raparigas em receber a modesta espórtula que lhes oferecia para comprar arregueifas...

Na madrugada seguinte voltei ao Bom Jesus, a pé, para assistir ao nascer do Sol. Subi a «Via-Sacra» já na meia obscuridade do crepúsculo. Ao chegar ao cimo do monte, após a ascensão penosa, abria-se diante de mim uma imensa campina, um mar de claridade, cujo fundo parecia entrever-se nítida e minuciosamente. Mera ilusão: efeito exclusivo do nevoeiro, que se acamara sobre a terra, a um terço de altura do monte. O Sol apareceu subitamente, sem resplendor nem cromatismos: uma grande brasa que se acabava de consumir. Vinha do poente um rebanho de nuvens pequenas que pareciam deslizar por detrás do vidro do céu, realizando o que eu sempre julgara pura fantasia nos quadros do Guardi.

Hoje, mais do que nunca, sinto pena de me ter falhado o espetáculo que buscava naquele prodigioso cenário. Como o descreveria eu agora?

As imagens que a visão direta desperta têm um tom altamente pitoresco, mas cru. Para alcançar o sentido poético, fácil de exteriorizar, transmitindo a emoção ao leitor, precisam ser largamente decantadas na alma, pela saudade e... pelo tempo.

Bougie, janeiro de 1932

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

COIMBRA

Coimbra é ainda hoje a mais gentil, poética e embevecedora cidade portuguesa, mas não foi nem o seu panorama artístico, nem o lírico, nem o lendário, que me entreteve o pensamento durante a tarde inteira da minha chegada, quando a visitei como turista quase vinte anos depois de a ter deixado como estudante. Todo eu me afoguei em recordações exclusivamente pessoais e subjetivas.

Passara ali sete anos seguidos, dos dez aos dezassete, sendo os primeiros cinco no seminário, que estava então muito na moda, e era frequentado pelos filhos da melhor gente do reino cujo espírito intransigentemente reacionário não preferia Campolide.

Foi no Seminário de Coimbra que conheci inúmeros rapazes que depois ocuparam situações de grande relevo na vida pública. Um deles, por exemplo, o José Relvas, estava ao meu lado na aula de latinidade, mas esse só o vim a encontrar volvidos trinta e cinco anos, feito ministro das Finanças da República.

Sete anos de Coimbra, e justamente aqueles durante os quais se recolhem ilusões para toda a vida, e se entrevê o futuro em ridentíssimas promessas! Mas conservara o sentimento de que esses anos haviam sido de puro martírio, e nunca a eles me reportava, mesmo intimamente, sem que uma opressão vaga, porém real, me anuviasse a alma.

A sombra dos inquisitoriais «Malaguetas», dos «Patagónias» refilões, dos «Coelhos» maníacos projetava-se indelevelmente sobre aquela época da

minha vida, toldando quantas recordações boas lhe pertenciam, de mocidade inocente e sonhadora, ou de fantasia balbuciante e ingênua.

Preferia esquecer tudo a lembrar os imaginários ou verídicos tormentos pedagógicos, a bárbara autoridade dos mestres, a regulamentação deprimente de estudos ressequidos e para mim, sempre, despídos de interesse quando feitos com violência. E a lembrança de Coimbra sumira-se-me, aninhando-se no menos frequentado escaninho da memória; e se por acaso lá tocava nunca me decidira a remodelar essas impressões filhas de um espírito infantil, e tinha, injustamente, esses sete anos na conta dos piores da minha existência.

Para cúmulo, o remate desse período fora uma extensíssima carta a meu pai, em que eu me dava ares byronianos e para explicar a cabulice até citava o célebre verso do Musset:

Je suis venu trop tard dans un siècle trop vieux,

e quando o teor dessa carta me acudia ao pensamento ainda sentia afogarem-se-me as faces de vergonha. Criancices!...

Voltava a Coimbra quase sem ligação alguma com esse remoto e confuso passado, e foi com fundíssima surpresa que senti o coração palpitar-me de alegria quando (detalhe mínimo), atravessada a ponte do caminho de ferro, eu vi, como outrora, os ramos dos salgueiros espanejarem as vidraças dos vagões. A cidade avistava-se airosa, em pirâmide, coroada pelas acasteladas construções da universidade, e de repente *revi*, como se nela entrasse, a «estrada da Beira» do meu tempo, as suas ínsuas marginais, os pomares de laranjeiras e, com o relevo que só a presença dá, as suas sebes vivas de sabugueiros e roseiras de musgo.

Entreí em Coimbra sem consciência segura de que já lá tivesse estado, mas com estranho alvoroço, como se adivinhasse próximo algum prazer muito intenso, e súbito se me rejuvenesceu a alma julgando sentir a fragrância, esquecida, das tílias em flor — as belas árvores que sombreavam, noutro tempo, o portão do seminário. E ali logo perto, o Convento das Ursulinas, e os seus meses de maio (o mês de Maria) na igreja repleta de flores e de lindas, mimosas meninas...

Em tal disposição de espírito a vista não busca em volta de nós mais do que formas evocativas: a desculpa, o pretexto para ir desencantar no passado as emoções esquecidas, apagadas. Nesse passado mergulhei a tarde

toda, e vi-o surgir muito outro do que, superficialmente, me figurava sempre, limpo de preocupações caturras, reconstituindo-se, a cada passo que dava pela cidade, ou à beira do rio, nos aspetos das ruas e da paisagem que a memória reconhecía, e aonde me transportava pelo alvorecer da minha alma, tão diferente do que depois se tornara.

Vi-me no primeiro dia da chegada ao seminário e renovou-se a impressão de grandeza que o edifício me produzira; impressão extravagante que prevaleceu pela vida fora, apesar de tudo, reduzindo o Escorial a modesto eremitério, servindo-me de comparação depreciativa para os mais esplêndidos monumentos, amesquinhando até as fabulosas proporções do «palácio da justiça» de Bruxelas, o qual, por ser apoucado na sua grandeza imensa, tem dentro para isso razões mais fortes...

Logo, a primeira semana de saudades, lavada em lágrimas que a minha própria imagem no espelho fazia rebentar, e que não diminuía de intensidade mesmo depois de tomada a ingénua resolução de voltar para a parede esse espelho importuno e triste, onde a minha cara me lembrava outras de expressão bem mais doce mas parecidas.

Não; não se descreve a surpresa quase desvairada que se apossou de mim, repentinamente, à evidência de me achar em Coimbra; acudiam-me as comparações e as recordações mais estrambóticas: Leeuwarden com 37 graus de frio; Orleansville com 64 de calor à sombra; a desamparada plataforma da grande pirâmide; as infindáveis e tenebrosas catacumbas de Sussa; tudo o que não lembraria ao diabo!...

E *in continenti* (o que jamais me sucedera) uma exultação de vaidade pela minha precoce entrada na universidade, tão celebrada pelos amigos da família como invejada pelos seus inimigos.

Sentia-me ridículo e feliz...

Com os rapazes que passavam e me miravam entre agressivos, curiosos e petulantes, como a um bicho raro, nos seus grupos me parecia que eu ia também; e eu era o desconhecido, o estrangeiro, para mim mesmo. Até mal resistia a cumprimentar os lentes que encontrava, fáceis de reconhecer pelo ar conchudo e de importância consagrada que os distinguia.

Mas eu andava pelas ruas da cidade meio sonâmbulo e sem consciência nítida do que fazia; duas vezes passei pela Sé Velha e por Santa Cruz, monumentos muito da minha predileção, e quase que lhes não olhei para as fachadas. Para fora de Coimbra é que a imaginação me impelia: eram os arredores, os passeios pelo campo em comunidade de «formigões» (como

chamavam os seminaristas), às quintas e domingos, e depois, já livre do seminário, a exploração do Choupal, as excursões a pé a Condeixa, ao Buçaco, a Lorvão, por todos os sítios onde havia árvores e água corrente. E por pouco não fui experimentar se ainda poderia repetir a proeza de outro tempo: ir acender o cigarro na lanterna do guarda da ponte da Portela, gastando uma hora justa, da Ponte Nova até lá e regresso ao ponto de partida...

Um companheiro casual de viagem, africano da zona tórrida, mas falando com o mais simpático dos sotaques brasileiros, aconselhou-me a que fosse para o Hotel dos Caminhos de Ferro, o qual, recentemente remodelado, rivalizava com o melhor que se «via lá fora».

O que esse nome esquecido evocou de variadas e inocentes cenas do começo da minha boémia! Pouco depois da sua inauguração eu fora ali cear com o Chico Lavradio, o companheiro de sempre, e como nos faltavam uns seis tostões para pagar a conta o patrão recusou-nos crédito, e eu fiquei de reféns enquanto o Chico ia «bater mato» à busca de quem lhes emprestasse. Passava já da meia-noite, o que tornava difícil a resolução do caso por se encontrarem dormindo os nossos amigos pacatos com quem poderíamos contar, e eu calculei logo que haveria demora para algumas horas. Assim foi. Felizmente tinha boa provisão de charutos e nessa tarde comprara a *Little Dorrit* do Dickens, em cuja leitura me embebi enlevado: era o primeiro livro que lia daquele autor. De quando em quando o amo, ou algum dos criados, vinha mostrar-me aos hóspedes que recolhiam, como exemplo da extravagância académica.

Quando o Chico chegou, quase manhã, o porteiro, morto de sono, recebeu-o muito mal, o que ia originando ainda em cima uma cena de pancada, porque o meu companheiro, embora franzino, era extremamente conflituoso e por dá cá aquela palha ferrava um par de bofetadas fosse em quem fosse...

A recordação desse lance desviou-me do Hotel dos Caminhos de Ferro; tolice, pois talvez ali não me esperasse a vérmina que noutro hotel venerável pelas suas velhas tradições académicas, onde fui parar, me impediu de pregar olho a noite inteira.

Levantei-me tarde, à hora do almoço, mas os comensais compensaram-me da noite má que levava: eram na maioria irrequietos rapazes simpáticos, e os três que me ficavam fronteiros particularmente interessantes, pelo aspeto e pelo que diziam, com evidentes pretensões *baudelairianas* no

olhar, na gravata, no penteado, na composição da fisionomia, em suma. Num deles, o mais graciosamente afetado, de sorriso encantador e não sei que expressão infantil no movimento dos lábios, reconheci o modelo de um busto de poeta, obra do Tomás Costa, que eu vira exposto na livraria do Manuel Gomes, ao Chiado: o António Nobre.

Referiam-se especialmente a uma excursão feita na véspera ao Convento de Tentúgal, onde o poeta se gabava de ter uma freira que era sua namorada...

Mas esse nome, Tentúgal, rasgou subitamente outra janela que dava para o meu passado coimbrão, e durante o dia inteiro a ela fiquei assomado. Comendo pastéis de Tentúgal, regados por *grog*s de genebra (da composição de um misterioso emigrado político espanhol, que tinha ao Arco de Almedina um café onde se não encontrava vivalma), é que eu saboreara as melhores páginas do *Reisebilder*, que fora a descoberta capital da minha vida. Atrás do Heine vieram o Nerval e o Poe...

Todo embebido na rememoração lenta dessas enlevadoras páginas, dessas horas feiticeiras, vagueei ao acaso pelas ruas e subúrbios da cidade, sem dar atenção alguma ao que via, salvo o pôr do sol, que pareceu arranjado a propósito para não perturbar a atmosfera de sonho em que mergulhara. Contemplei-o da ponte.

Ainda tenho nos olhos a fumarada de púrpura que enchia o céu, durante o crepúsculo, para os lados do Choupal, e na limpidez do rio os reflexos dessa cor, entre as imagens nítidas do arvoredo e das poucas nuvens nacaradas que avançavam vagarosamente decompondo a luz (fenómeno raríssimo àquela hora) em fugazes resplendores de arco-íris.

Com a noite, porém, caí um pouco em mim: eu não viera a Coimbra para lhe correr as ruas e mais nada. Trazia na mente rever algumas obras de arte que ainda recordava e de que depois lera o elogio em artigos e livros. Deitei-me resolvido a encetar no dia seguinte a clássica peregrinação pelas igrejas, começando na Sé Velha, cujo interior, pelo recheio dos azulejos hispano-árabes, esmaltados, se me figurava ainda qual gruta riquíssima de conto fantástico. Até as colunas eram forradas de azulejos, e rematando esses finos cilindros preciosos fulgiam os capitéis bizantinos cosidos em oiro. E nesse tesoiro avultava, magnífico, o retábulo da capela-mor, cheio de figuras coloridas, com o grupo central, a Ascensão da Virgem, de tão místico sentimento; mas incomparável, nas alturas, em dossel, no vazio das linhas góticas que fecham a ogiva, o Cristo, entre os dois

ladrões, debatendo-se nas torturas da agonia, suspensos no fundo de oiro vermelho.

E em contraste com essa dolorosa maravilha, se ainda lá estariam, nos nichos laterais, dois «cancanistas» do pior *barroco*, substitutos prováveis das imagens primitivas que se harmonizavam com o estilo do retábulo. Uma dessas imagens, eu ia jurar, era de uma Nossa Senhora, atirada para um canto escuro — envergonhada da sua gravidez —, que aponta para o volume do ventre abençoado na mais casta e ingénua das atitudes...

Pensando em tudo isto mas já duvidoso da sua realidade (o tempo não basta para minar ou baldar a memória mais fiel?) me deixei adormecer e logo me assaltou um sonho que me não largou até manhã, e que eu recomeçava ou continuava das várias vezes que acordei. Passeando na cerca de Santa Cruz todos os caminhos que tomava iam dar ao poético lago, fechado em cedros, que era das coisas mais belas e melancólicas de que conservava lembrança, e aí, ao cabo de alguns minutos, levantava-se da água a mais estranha, prodigiosa, brilhante composição arquitetónica que possível seria conceber. Com todo o ar de um pagode chinês, suspenso nas bordas do lago por arcos de laca rubra, subia em corpos sobrepostos de desenho variadíssimo, formando pirâmide, até altura tão grande que não permitia distinguir-lhe o vértice...

Despertei convencido de que, se não vira exatamente esse monumento portentoso, outro de igual estilo ou jaez existia em Coimbra, que contemplara a preceito, e pus-me na rua de manhã cedo, decidido a procurá-lo.

Mas entrei primeiro na Sé Velha, onde uma jolda de pedreiros andava arrancando os azulejos, para não sei que absurda restauração, e sem querer saber de mais nada saí e fui direito à Igreja de Santa Cruz, antegozando as suas perspectivas internas, com os complicados e colossais armatostes, de tão espetaculosa traça, que devem comemorar os nomes dos dois primeiros reis de Portugal, e com o púlpito atufado de figurinhas, que, não sei porquê, me sugeria sempre a absurda ampliação da pedra de um anel de gigante... Tudo em obras!, e de modo tal que não era permitida a entrada a quem não andasse trabalhando nelas. Com estes dois reveses desisti de mais visitas a monumentos e encaminhei-me para a cerca do Convento dos Frades Crúzios, à busca do quimérico pagode.

Na velhíssima cerca esperava-me outra deceção, mas de que eu era o principal causador. Dir-se-ia que julgava obrigatório que Coimbra inteira

permanecesse imutável nos seus mínimos detalhes, tal como eu a deixara, aguardando o meu regresso, e qualquer mudança ou transformação quase me parecia uma ofensa pessoal. Bem ou mal, a recôndita cerca, transfigurada em parque, fora franqueada ao público. Um desacato!...

Aquela hora a concorrência era pouquíssima, salvo de vendedores ambulantes de manjar-branco e arrufadas, que eu provei para renovar impressões de outros tempos e me souberam a farelo...

Mas o facto é que a cerca, desordenada em parque, perdera o seu misterioso encanto monástico, sem ter ainda atingido as galas de composição profana. Difícil me foi dar com o lago, o qual, ou porque aguardasse o seu turno de aformoseamento, ou por qualquer outro motivo, estava completamente abandonado, meio entulhado já, e as ramadas dos cedros que o cercavam, formando parede, decerto havia muitos anos que não eram aparadas, e, secas em parte, embargavam a passagem e obscureciam o ar.

Que diferença do lago que eu deixara, mas sobretudo daquele que me aparecera em sonhos, coberto pelo fantástico pagode chinês...

E esse pagode, onde estaria ele? Era indubitável que existia, e que eu nele entrara. Não seria faustoso como o da visão noturna, mas graciosíssimo nas suas linhas harmoniosas e aéreas, refletindo-se no espelho da água parada. Era impossível que obra semelhante fosse vítima da aliás louvável mania edílica dos melhoramentos.

Apossara-se de mim uma verdadeira obsessão; já me não importava com as igrejas, as obras de arte, a paisagem e os seus sítios idílicos, a Quinta das Lágrimas, os Penedos da Saudade e da Meditação. Tudo isso se desvanecera e desaparecera da cena; mas o «pagode chinês»? Tinha forçosamente de o achar e jurava que não sairia de Coimbra sem o tornar a ver...

Cismando no caso me sentei num espaçoso banco de alvenaria, ao qual pouco tardou que se não acolhesse também o grupo composto de um cavalheiro e três senhoras ainda novas, com quem eu me cruzara já várias vezes nas ruas do parque. Chamara-me especialmente a atenção o aspeto do homem. Pernas curtas e arcadas, com desmarcados quadris, o tronco por assim dizer em pirâmide, sustendo a cabeça pequenina, de faces enrugadas, imberbes, glabras, e os olhos oblíquos. Todo ele tinha não sei o quê de caricatura oriental.

Tomaram lugar, ele na extremidade do banco oposta àquela onde eu me encontrava, e as senhoras entre nós dois; porém, antes de se assentar,

muito urbanamente pediu-me licença, ajuntando: «Não queremos incomodar; veja Vossa Excelência se espera alguém», e isto de tal modo afável que logo encetámos conversa.

Lembrei-me então de lhe perguntar se era de Coimbra:

— Filhote e aqui criado — acudiu com evidente orgulho e pela resposta resolvi pedir-lhe informações acerca do que buscava. Fi-lo com certos rodeios, sentindo de repente o que havia de cómico, de ridículo, na minha obstinação.

Dadas algumas explicações sumárias ajuntei:

— Que quer Vossa Excelência, meteu-se-me na cabeça, desde que cheguei a Coimbra, rever esse pequeno monumento e não desisto.

— Mas como era exatamente a sua forma?

— Piramidal: em corpos arcados e sobrepostos, lembrando um «pagode chinês»...

Mal acabava de proferir esta designação e já o meu interlocutor se fizera branco de cal e logo vermelho como um tomate, levantando-se arrebatadamente e caminhando para mim de chapéu de chuva em riste.

— O cavalheiro insulta-me... e tem que me dar satisfação completa... cabal... — vociferava ele gaguejando. Mas as senhoras, que se haviam levantado ao mesmo tempo, cercavam-no, agarrando-o pelo fato e brandando:

— Não faça caso, papá... Deixe esse grande malcriado... Que mariola!... — e lá o levaram, aparentemente com grande custo.

Eu estava estupefacto!

Embora muito curta, a cena não escapara a um grupo de estudantes que passava e parou para assistir ao desfecho.

— Olha o «pagode chinês» — bradavam eles —, o que daria no miolo do «pagode chinês»...

Percebi então que era a alcunha do pobre homem e desculpei-o. Para mim, porém, não encontrava desculpa plausível: vir a Coimbra procurar um pagode chinês! E sem mais reflexões resolvi partir nessa mesma noite, o que fiz.

Para o compartimento do vagão onde embarquei entrou um sujeito de venerável aparência, que teve carinhosa despedida na estação. Devia ser, pensei, personagem importante e companheiro pouco agradável. Mas apenas o comboio se pôs em marcha logo se mostrou expansivo, e fez-me a sua apresentação. Era lente jubilado.

Perante tão patente cordialidade deu-me a consciência não sei que rebate irreprimível, exigindo confissão, e contei-lhe por miúdos o meu acesso de loucura (que outra coisa não supunha ter sido) imaginando um monumento que nunca existira, e encarniçando-me em o descobrir.

— Nisso é que me parece estar enganado — atalhou o meu companheiro. — Não será tão rico e formoso como lhe apareceu em sonhos, mas há no claustro da Igreja de Santa Cruz um armatoste, erguido sobre o tanque e inspirado evidentemente na arquitetura do Celeste Império...

— E eu que não pude lá entrar por causa das obras — clamava, arrepelando-me quase, e já com desejos de voltar para trás.

— Não se lamente; asseguro-lhe que nada vale e se o tivesse descoberto falhava o encontro do «pagode chinês», que é a passagem mais rara do conto. O «pagode chinês»! Conheço-o muitíssimo bem, é alfaiate e dos melhores de Coimbra... Mas perde a cabeça se o chamam pela alcunha. Tem um colega e rival, que também destempera quando lhe gritam: «Ó Sá dá cá o olho»... Brincadeiras da rapaziada académica...

Bougie, maio, 1932

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

LAGOS

As manobras quase periódicas das esquadras inglesas na baía de Lagos produziam sempre grande animação nesse canto da província, atraindo inúmeros visitantes, na maior parte curiosos de contemplar a prova «material» do poderio da nossa velha aliada. E sob esse ponto de vista o espetáculo era realmente majestoso; porém sob o ponto de vista estético deixava muito a desejar, e ficava-se com pena de não poder assistir já à reunião de número equivalente das antigas naus, com os seus altíssimos e pomposos castelos da popa e o velame todo pando. Os navios do tipo do *Bulwark* ainda tinham uma tal ou qual harmonia: todos sapudos mas armando, ao longe, em redes de linhas quase delicadas, nos petrechos que atulham o convés; mas os do tipo do *Good Hope*, em cortes férreos, ângulos e arestas como gumes, sem nenhuma casta de elegância, ainda agravavam a brutalidade do aspeto com o renque estúpido das suas quatro enormíssimas chaminés.

Por ocasião da visita da esquadra inglesa em agosto de 903, eu fui também passar um dia a Lagos, convidado pelo meu amigo o Dr. Corte Real, que exercia clínica em Portimão mas era natural daquela cidade, onde a sua família residia. Como de costume em todos os meus passeios dessa época, acompanhava-me um catalão obeso e jovial, de saudosa memória, com apelidos de ressonância heráldica (o pai era ferreiro), Don Luís Bordas y Marimon, negociante de cortiça e já meio algarvio pelos seus largos anos de permanência na província e a afeição real que lhe dedicava.

Fomos por terra e chegámos a Lagos às 10 horas, apeando-nos junto à casa dos pais do Corte Real, no alto da cidade e já fora dela, ao lado de um forte, com vista para a baía. Casa de quinta, espaçosa, dividida em amplos aposentos, sem grande ornamentação, nem mobiliário além das cadeiras e canapés de palhinha, como é corrente no Algarve, mas onde eu reparei, logo à entrada, nuns ramalhetes de flores feitas de pedras duras, jade, lápis e cornalina, trazidas da China por um antepassado que foi governador de Macau, e estavam dispostas sobre tremós, dentro de redomas. Na vasta sala nua, onde a luz jorrava pelas janelas escancaradas, esses ramalhetes tomavam extraordinária importância: dir-se-iam vegetações submarinas, transportadas para um aquário. Com a ausência e o tempo foram-me crescendo na imaginação, e hoje represento-as de proporções e cores fabulosas...

Das janelas descobria-se a baía inteira, com o mar nesse dia todo ele do azul esverdeado e leitoso de certas turquesas; e os monstros, em intermináveis filas, que compunham a esquadra, graças à posição do Sol negrejavam como se fossem feitos de antracite.

Excursão à Ponta da Piedade. Caminho estreito e arenoso, entre sebes de cornicabra por onde assomam com frequência as pás das figueiras da Barbaria, ali muito definhadas pela exposição e violência dos ventos reinantes. No extremo da terra firme levantaram uma capela, cuja cúpula caiada se arredonda no anil do céu com todo o aspeto de um oratório de marabuto africano.

Ao longo da Ponta da Piedade, e depois cercando-a, crescem do mar inúmeras rochas acasteladas, algumas ligadas por arcos naturais, e dispostas em torno de pátios onde a água se faz transparente como esmeralda líquida; descobrem-se furnas alumeadas a arcos-íris que refletem as suas cores pelas profundezas desiguais do mar cristalino, ali como que semeado de pegos. A água conserva-se, até onde a vista alcança, no mesmo tom de turquesa molhada, e o corte perfeito da penha de Sagres, perpendicular, retíssimo, acaba no horizonte a linha da costa.

Almoçámos pantagruelicamente numa propriedade do Corte Real, também à beira-mar, com vinhos finos do tempo dos franceses e a variedade de doces de que Lagos possui a deliciosa especialidade, voltando à cidade às 2 horas. Com o rodar do Sol os monstros da esquadra volveram à sua cor verdadeira: o cinzento.

Era intenção nossa ir a bordo da nau almirante, nesse dia franqueada ao público, mas o vento, que é de travessia, refrescou de tal maneira que alvoroçou o mar, e como nem todos sejam marinheiros experimentados desistimos de pôr o almoço em risco de ir para os peixes; corajosamente ficámos em terra.

Para passar o tempo vamos ver as curiosidades da cidade, começando pela famosa Igreja de Santo António, que pertence agora à administração militar.

Tem uma só nave, de belíssimas proporções, toda ela revestida de talha dourada em excelente estado de conservação e terminando numa cornija de florões que se armam à volta de anjinhos nus e alvos como marfim. O altar, em retábulo com sofríveis imagens, ocupa inteiramente a parede do fundo, entre colunas torcidas, fechando num semicírculo de fantástica ornamentação. O rodapé, que terá um metro de alto, é de azulejos, imitando balaústres, em azul e branco; na sua simplicidade, nobre e elegante, não destoa do efeito geral, e como que lhe corrige o aspeto de bárbara sumptuosidade, própria de outras célebres composições do barroco nacional.

Dali descemos, pelo lado direito da fortaleza (que também visitámos) à Praia da Solaria, onde embarca e desembarca, em incessante contradação, a gente da esquadra. Num pontão em declive, que entra por água dentro, puseram *rails* e uma zorra para facilitar o acesso à praia, ali defendida por cachopos aflorando em semicírculo, que não permitem varar os botes na areia. As canoas a vapor rebocam os botes atochados de marujada até à linha dos cachopos e despejam-nos no pontão entre salseiradas de água, pois o mar cada vez está mais picado.

O movimento na praia é contínuo e intenso: soldados de artilharia de uniformes e capacetes brancos; marinheiros de fardamento azul, simples, elegante e bem talhado; oficiais à paisana; e os malteses das comedorias enroupados de linho sujo; os primeiros hirtos e desdenhosos; os segundos engomados e escovados como se saíssem das mãos do alfaiate; os oficiais em flanelas cinzentas de turista; e os últimos com o seu ar calabrês de cabilas em traje europeu, carregando sacos de batatas e canastras de fruta.

Sentados num penedo assistíamos ao pitoresco espetáculo, quando aparece um homem gritando que na praia próxima caíra um inglês «com a bebedeira» e estava todo ensanguentado. Fui ver. O acesso à outra praia

é já trabalhoso porque a maré invadiu a areia, sendo preciso passar sobre recifes molhados e ouriçados de bicos. Entre os rochedos encontro um rapaz, que não teria vinte anos, feito num molho e a cara a escorrer sangue. É um guarda-marinha, forte e feio, com quem eu me cruzara ao sair da igreja, e que ia então acompanhado por outro camarada com feições de menina, cujo contraste me impressionara. Levavam ambos toalhas felpudas, sem dúvida à busca de sítio próprio para tomar banho.

Poucas vezes tenho visto cabeleira tão farta e tupida como a do ferido: parecia uma carapinha loira; e no alto da cabeça estava toda empastada de excrementos. Sobre o olho direito via-se-lhe um golpe enorme por onde sangrava com abundância, e ao mesmo tempo deitava sangue pelo nariz e pelos ouvidos.

Uns marujos portugueses, que acudiram ao sítio do desastre, sentaram-no na areia, mas ele, embora não estivesse desmaiado, não sustinha a cabeça, que vacilava de um modo estranho; a atonia do olhar era completa, e por momentos todo o corpo se lhe estorcia em convulsões que desfecavam em vômitos secos.

O cachopo onde caíra tinha o feitio de uma alcachofra aberta, e foi com pasmo que soubemos que se despenhara sobre ele de toda a altura da rocha, por onde passa o caminho da cidade, e não morrera logo. Então compreendi a gravidade do caso: caíra da altura de dez metros; e mandei à procura do Corte Real, que fora visitar uma velha tia. Entretanto, como ele parecesse mais animado, perguntei-lhe se sentia alguma coisa no peito, nas pernas, ou nos braços, a que respondia: «Não, só na cabeça.» Mas ou porque estivesse sob a impressão que me deixara o anunciador do desastre, ou por qualquer outra razão parva, também lhe perguntei: «Se tinha bebido», o que ainda hoje me pesa com pena e com vergonha. A sua resposta, que mal se ouviu e era negativa, acompanhou-a de uma dolorosa expressão do rosto, que nunca mais se me apagou na memória...

Ao mesmo tempo que chegava o Corte Real, aparecia o guarda-marinha com feições de menina (que eu encontrara horas antes), acompanhado de marujos ingleses, para levar o ferido para bordo. Contou-me então como se dera o desastre: o companheiro corra para apanhar o chapéu, levado por uma rajada de vento, e caíra. Pertenciam ambos ao *Good Hope*.

O Corte Real julga que o ferimento seja mortal, e pela hemorragia nasal e auricular diagnostica fratura na base do crânio. Admira-se, como todos nós, de que não tivesse esmigalhado o crânio, morrendo logo, e atribui

o milagre à espessura da carapinha e à camada de bosta que lhe amortecera o choque... pondo-lhe um penso natural; e ajunta: «que em casos tais é melhor não lhe mexer»; por isso não propusera a sua imediata intervenção.

Voltámos à praia da zorra e ali ficámos uma hora ou mais, a assistir ao movimento que recrudescia. Lembra-me, ainda, dum bote do *Victorious* com três marujos que pareciam tirados do mesmo molde: altos, nervosos, ruivos, e o perfil duma regularidade de cunho antigo. Aquele que, metido na água, segurava o bote tinha no peito dos pés curiosas tatuagens: desenhos de pássaros que estendiam as asas de modo a envolver-lhos completamente. E o mais esquisito é que, com o refranger da água, as asas pareciam arfar: um Mercúrio gorado, talvez...

Demos uma derradeira volta pela cidade, e já noite fechada fomos a casa do Corte Real agradecer e despedir-nos; ali nos esperava uma lauta ceia a que fizemos honra (o bom lusitano é comilão insaciável!), apesar dos despropósitos do almoço, cujos excessos ainda reclamavam prudência.

Da sala de jantar via-se toda a esquadra iluminada e em tal disposição que sugeria o panorama noturno duma grande cidade como Lisboa; achada a comparação pusemo-nos a procurar as luzes do Aterro, as ondulações de Santa Catarina e das Chagas, e tal era o efeito da perspectiva que chegámos às alturas do Castelo, da Graça e da Senhora do Monte...

Na praça havia música e lá fomos dar infinitas voltas à roda do coreto, até que, já muito cansados, embarcámos na clássica e trepidante carrinha algarvia, regressando a Portimão perto da madrugada.

O leitor que, porventura, teve paciência bastante para levar ao fim este capítulo perguntará talvez o que me induziu a escrevê-lo, assim tão falho de interesse.

Eu me explico.

Vindo de Ruão para Argel, em setembro último, no vapor *Ange Schiaffino*, amanheceu-nos no Cabo de S. Vicente, e tão perto de terra firme o dobrámos que estivemos, por assim dizer, à fala com a gente do farol. Depois, rente com a rocha de Sagres, descobrimos toda a baía de Lagos, com os vultos multicores da Ponta da Piedade e o caiado casario da cidade. O dia estava deslumbrante e, enquanto tivemos à vista a costa do Algarve, não me largaram a lembrança da minha visita a Lagos e as horas luminosas

que ali passara. Prometi a mim mesmo recordá-las escrevendo o que me ficara de memória, pois para saborear (e liquidar) recordações nada há como escrevê-las. Chegou hoje o ensejo e fi-lo com indizível prazer, que nem mesmo o desastre do guarda-marinha empanava, porque escapou (ou não fosse ele inglês) e a quem tive o gosto de ver, são como um pero de Monchique, durante a minha missão diplomática em Londres.

Bougie, janeiro, 1933

I

Em novo meu pai estreitou relações de amizade com o célebre Frère-Orban, que depois foi várias vezes ministro dos Estrangeiros, e numa destas ocasiões, estando meu pai já fixo em Portimão, sua terra natal, nomeou-o cônsul da Bélgica, criando expressamente para esse fim um consulado com jurisdição em todo o Algarve.

Não se pode dizer que a mercê lhe inspirasse extraordinária gratidão, nem que o desempenho das suas funções fosse exemplar; raro respondia às reclamações e instruções burocráticas do ministério, e foi-me sempre motivo de admiração que não o demitissem. (Verdade seja que, salvando o visto nalguma carta de saúde, o movimento do consulado era nulo, desde que acabara a navegação à vela entre a Bélgica e o Algarve.) O facto, porém, é que morreu cônsul da Bélgica, após mais de meio século de suposto exercício, durante o qual conheceu diferentes ministros belgas em Lisboa, e entre eles o Verhaeghe de Naeyer, a quem me apresentou numa visita que fez a Portimão e de quem fui depois amigo, embora houvesse entre nós grande diferença de idade.

Eu não tinha então por costume demorar-me em Lisboa mais do que alguns dias, quando era obrigado a passar por lá, mas em 1895, ano dos festejos antoninos de famosa memória, ali fiquei vários meses seguidos e

por intermédio dos Verhaeghe relatei-me com o corpo diplomático, o qual, como sucede frequentemente nas capitais de segunda ordem e pouca importância, compunha-se de gente ociosa e mexeriqueira mas interessante. Esses meses ficaram-me na lembrança como uma das fases mais características da minha vida de boémio, e poderia intitular-se de «boémia diplomática», embora eu não pertencesse à «carreira». A eles me vou referir neste capítulo dos meus *Regressos*, sentindo não o poder fazer com a liberdade que teria se o redigisse daqui a cem anos, mas apesar de muito velho não me faltam contemporâneos de então, ou filhos e netos dos mesmos, que se alcachofrariam — e ofenderiam — à mínima alusão que não fosse encomiástica...

Limitar-me-ei pois a recordar algumas cenas e quadros leves dessa época, apontando-os como se fossem extraídos de um diário (que nunca existiu) e pondo-lhe, datas cuja rigorosa exatidão não garanto, mas que muito se devem aproximar das verdadeiras.

Isto, porém, pouco importa ao leitor, e a mim ainda menos, que só busco o prazer de lembrar inocentes passagens da minha vida e os atores que nelas figuraram...

PRIMEIROS PASSOS

Maio, 10

Fui jantar a casa dos Verhaeghe de Naeyer, que vivem no palácio dos marqueses de Abrantes, ocupando grande parte do edifício onde também está instalada a chancelaria.

Apresentação de George Della Faille, secretário e único funcionário da legação, o qual, de um loiro desenxabido, esgrouviado, nariz adunco, é todo ele a antítese de Adónis (oxalá nunca leia estas linhas); mas o ar distinto, a voz simpática, e o quer que seja de singularmente atraente na leal e pura transparência azul do olhar. (Insisto nestes detalhes para atenuar a primeira impressão e porque pela vida fora a nossa amizade criou indestrutíveis raízes.)

Madame Verhaeghe era uma grega delgadinha, de olhos e cabelos negros, inquietadora, embora já muito no declive dos trinta anos.

Receberam-me num grande salão onde os móveis e tecidos chineses dominavam, mas o conjunto de perfeito arranjo e puro Luís XV.

Madame Verhaeghe voltava de um passeio ao Alfeite, na companhia do secretário; houvera não sei que episódio grotesco (no qual o cocheiro que ali os conduzira desempenhara o papel importante) que Madame Verhaeghe contava com volubilidade e que eu mal percebi, todo atento à graça dos seus gestos. No calor da narrativa os olhos negros incendiavam-se e os fios sumptuosos dos seus dentes brilhavam por entre os lábios rubros e húmidos.

Madame Verhaeghe tinha o nariz grande, de finíssimo desenho, mas com as narinas móveis e sensuais. Era o único indício de voluptuosidade naquele rosto de circassiana; o corpo franzino podia ser de uma elegante virgem púbere.

Veste cor de malva pálido, com rendas creme, o antebraço nu e o decote discreto. As rendas, conjugadas às abundantes pregas do vestido levíssimo, ondeiam com os movimentos do corpo, dando-lhe uma extraordinária gracilidade, uma fluidez vaporosa. Desculpa-se por ter chegado tarde e bate com as mãos rosadas — artificialmente! — nos molhos dos cabelos negros de onde se soltam as madeixas rebeldes. Os cabelos de Madame Verhaeghe são tenebrosos e as unhas das mãos caem neles como folhas de rosa em tinta de nanquim.

Vamos jantar. Sala ainda chinesa, mas de estilo moderno; serviço de porcelana «azul-régio». Cozinha excelente.

Madame Verhaeghe encarece o encanto do céu meridional e dá de comer, no seu próprio prato, a um gato maltês que finge não estimar. Histórias de gatos. Eu lembro que o Stéphane Mallarmé todas as manhãs doirava certo sítio do seu gato preto. O nome do poeta não é surpresa para Madame Verhaeghe, que fala do *Après-midi d'Un Faune* com entusiasmo e o sotaque feiticeiro de certas americanas muito bonitas e amimadas.

Voltámos ao salão para tomar café. Pergunto a Madame Verhaeghe se fuma (costume raro ainda então entre as senhoras), o que produz na «assembleia» o melhor efeito possível, efeito mundano de atrevimento «correto»... Conversa-se de quê? Coisas vagas, sem sentido nem ligação. Anunciam o encarregado de negócios da Suécia, diplomata com o feitiço de Guilherme da Alemanha, 1.º Imperador. Alto, apático, feições presas nas duas escovas de piaçá das fartas suíças. Monsieur Verhaeghe faz a apresentação. Diz o meu nome ao sueco, que estendeu a mão; eu espero

para estender a minha que me digam o seu nome, mas o ministro belga esqueceu-se de o dizer, ou não o disse de propósito, e eu fico-me de mão quieta. Madame Verhaeghe repara na situação e acode:

— O conde de Cronhielm...

mas ao tempo o diplomata, nervoso de esperar que eu lhe estendesse a mão, recolhera a sua, sentando-se logo no canapé, ao lado de Madame Verhaeghe. Pareceu-me que ele tivera um leve encolher de ombros, o quer que fosse significativo de: «Ora esta, e eu a esperar que este cavalheiro de nada me estendesse a mão.» *In petto* prometi fazer-lhe o mesmo à despedida.

Conversou-se novamente. Houve mudança de ministro de negócios estrangeiros na Bélgica, o que ocasionou uma revista dos ministros passados e dos que provavelmente ainda o serão.

Eu conto algumas anedotas sem excessivo sal, mas que decidem o diplomata sueco a mirar-me com mais atenção. Fala-se de Gabriele d'Annunzio, de cujas obras Madame Verhaeghe é leitora assídua, mas julga que *L'Enfant de Volupté* é livro de inconfessável leitura. Refere que o secretário do nuncio de S.S. lhe dissera ter conhecimento perfeito do Annunzio, que fora seu condiscípulo, e ela estouvadamente lhe perguntou se lera *L'Enfant de Volupté*. O padre corou com ar de quem lera e observou que depois de tomar ordens não tornara a ler romances, mas ouvia dizer que *L'Enfant de Volupté* era precisamente a história do próprio Gabriel d'Annunzio.

Duas vezes já o ministro da Bélgica lembrara a necessidade de contemplar certos planetas (os sete planetas do sistema solar?), então visíveis todos, por exceção raríssima, a olho nu. Decide-se a ir buscar o *Ciel*, do Flammarion, e fomos todos para a sacada (que dá sobre o Aterro ou, melhor, sobre o jardim do palácio com vista para o Tejo) examinar o céu.

Madame Verhaeghe faz *blagues* acerca dos astros e dos astrólogos, e fica na varanda com o diplomata sueco, a estudar as estrelas, enquanto nós outros recolhemos ao salão. O ministro diz-me maravilhas do Algarve e das impressões que ali colhera. Pergunto-lhe se sai de noite.

Estava meio decidido a sair, como é costume seu todas as noites, mas teme que o diplomata sueco se não resolva a despedir-se...

Despeço-me eu, com sinceros agradecimentos a Madame Verhaeghe. O diplomata sueco esboça o gesto de me estender a mão, porém eu atalhei com um seco cumprimento de cabeça.

Pergunto a Madame Verhaeghe se tinha dia certo para receber visitas.

Não tem, mas eu poderei vir sempre que quiser, porém ou muito cedo ou depois do passeio diário que os médicos lhe prescrevem. (Isto deixa-me todo ancho.) Breve partirá para o Buçaco e o marido para Felgueiras.

O secretário belga acompanha-me até à porta da rua e antes de nos separarmos combinámos um próximo encontro.

Todos, afinal, muito agradáveis, sem durezas de engomados, de uma naturalíssima e amável lhaneza, justificando plenamente o conceito do Sr. Borghi (ilustre monógrafo do Dante e porteiro do Hotel Internacional, onde eu paro), que tinha os ministros da Bélgica na conta da mais perfeita personificação da delicadeza.

II

Maio, 13

Em casa do João de Deus, onde passei ontem a tarde, soube que o irmão, o padre Espírito Santo, era agora secretário particular do patriarca, de quem são ainda parentes. E a propósito o João de Deus contou, em termos pitorescos, a visita que o prelado lhe fez após a do Rei, quando este o agradeceu com a grã-cruz de Santiago.

— Imagine Vossemecê as mulheres desta casa, vendo entrar coberto de púrpura esse imenso cardeal Neto; parecia uma fogueira ambulante para a qual elas corriam, loucas como borboletas atraídas pela chama... — O João de Deus está no último período de degenerescência cardíaca; sofre de constantes ataques de dispneia, tudo o cansa e irrita, mas de quando em quando ainda lhe acodem lampejos da graça irónica em que era incomparável. Vê-se, porém, que já pouca vida lhe resta. Essa impressão entristeceu-me profundamente, e mais reforçou o desejo que tinha de ouvir o padre Espírito Santo acerca do que os médicos pensam a tal respeito.

Fui procurá-lo hoje, de manhã cedo, a S. Vicente, que está em obras — estas medonhas obras que invadiram agora as igrejas de Lisboa, como preparo ao centenário antonino, e as deixam horrorosamente lambidas e envernizadas, com vidrinhos azul-ferrete, amarelo-limão e vermelho-rubi, em xadrez nas janelas.

Subi escadas e percorri corredores sem fim, cujas paredes estão forradas de interessantíssimos panos de azulejos (representando assuntos sagrados e profanos), até chegar ao quarto, escritório, ou o que seja, onde encontrei o Espírito Santo, tal qual o deixei há anos, a tocar viola. O mesmo sorriso triste, a mesma cabeleira farta e eriçada, a mesma batina púida, mostrando pelos numerosos rasgões a camisola vermelha.

Recebeu-me com o seu habitual acolhimento, que, amável como é, tem não sei o quê de ausente e desviado. Declarou-me de chofre que não se entendia com o patriarca e com o irmão cada vez menos: «São dois loucos bafejados pela Providência com os mais preciosos dotes, mas absolutamente falhos de senso prático.» — E foi tudo quanto pude apurar do estado do João de Deus, a quem o Espírito Santo atribui, exclusivamente, o agravamento da própria doença... Em suma: o mesmíssimo Espírito Santo de sempre, e, pelo pouco que contou da sua vida, querendo provar que sacrificava ao patriarca tudo quanto lhe resta de energia, saúde e tempo, como fizera ao irmão nas fases críticas da *Cartilha Maternal*.

— Sou um autêntico escravo; o patriarca não me deixa um instante livre. Hoje é exceção porque vai à Sé dizer missa; ainda assim se quisesse sair não podia...

Nisto bateram à porta e entrou um fâmulos do patriarca, com um recado para que o Espírito Santo lhe fosse falar sem demora.

— Diga a Sua Eminência que vou mudar de batina e não tardo nada. — Apenas o fâmulos saiu: — É o que vê; não tenho um momento de meu... E ainda se fosse para alguma coisa importante, mas estou certo de que se trata de ninharias...

E, acomodando-se na cadeira, pôs a viola ao peito, recomeçando os complicados arpejos, enquanto eu lançava para a bacia do Tejo um olhar embaciado e melancólico. Das janelas do aposento goza-se um maravilhoso panorama.

A manhã risonha, luminosa — jubilosa — era típica de maio em Lisboa. Soavam por todos os lados os garganteados pregões das varinas e por todos os lados, à roda de S. Vicente, se multiplicavam as tumultuosas perspectivas do casario correndo para o Tejo. Por ali divaguei, embevecido, talvez uma hora, dando tempo a que principiasse a missa na Sé, à qual resolvera assistir por me ter dito o Espírito Santo que era de grande

instrumental, composta por autor português e muito gabada. Ele porém ainda a não ouvira.

La aquecendo a temperatura, de modo que a entrada na Sé me produziu a mais deliciosa sensação de frescura. Não sucedeu outro tanto com a música a grande instrumental, por onde rugia a espaços um órgão desafinado. Música de cavalinhos com passagens de zarzuela frouxa. E a «representação» na capela-mor, mau grado a presença do cardeal-patriarca, corria a trouxe-mouxe, sem ordem, elegância, ou dignidade. Depressa me enfastiei e recolhi ao hotel.

O dia, sem dúvida, era-me dedicado por alguma divindade musical (de segunda ordem), pois (além da viola do Espírito Santo e as ressonâncias da Sé), findo o jantar, deparou-se-me à esquina do Rossio o simpático maestro Ciríaco Cardoso, que eu conheci e tratei bastante no Porto.

Nesse tempo feliz o Joaquim Coimbra, o Queirós Veloso e eu andávamos apaixonados por três atrizes chamadas respetivamente Palmira, Delmira e Belmira, o que nos levou a publicar um jornal em louvor dos nossos ídolos (o *Gil Vicente*, lindamente impresso e de que saíram alguns números), inspirando ao Ciríaco a composição de um hino cómico, que intitulou «das Iras» e foi pena que ficasse inédito.

Fomos festejar o encontro ao *Leão d'Oiro*, com libações de cerveja e recordações do passado, e como eu, ainda encandeado pelas visões resplandecentes da manhã, encarecesse os aspetos de Lisboa, ele perguntou-me se nunca vira o pátio do Torel à luz da Lua, e sobre a minha resposta negativa para lá me arrastou com ares misteriosos, de quem vai desvendar um verdadeiro tesoiro.

Entrando-se pelo lado do Campo de Sant'Ana, o escoamento dos edifícios, que descem precipitada e irregularmente pelo monte, direito à Avenida, produz, na verdade, uma visão estranha, caótica, empolgante: uma visão de terremoto; porém mais quimérico ainda o lado fronteiro com os ciclópicos, desmedidos panos amuralhados de S. Pedro de Alcântara e a eflorescência aérea das ruínas do Carmo. O luar jorrava em cascatas, por entre sombras impenetráveis e negras como tinta de escrever: perfeitas águas-fortes do Piranesi ampliadas e com os claros prateados e doirados.

À volta falámos da música. Aludo com certo despeito à missa cantada que na minha ingenuidade julgara audível. O Ciríaco acha insuportável

a música de igreja, opinião que não partilho e a propósito refiro-me a uma estupenda missa, que ouvi na Catedral de Anvers, atribuída ao nosso padre Guerreiro, célebre mestre de capela dos Filipes. Precisamente numas conferências recentes, feitas em Madrid, o Pedrell exalta o valor desse padre Guerreiro ao ponto de o apresentar como um dos precursores de Wagner. Isto não comove o Ciríaco, e gaguejando um pouco, sem se explicar de modo claro, reforça o seu anátema à música de capela. Mas louva a música espanhola em detrimento da francesa (vinda à balha não sei porquê) e conclui perentoriamente: «Os franceses não têm música nem músicos.» Objetei-lhe com o Bizet, o Saint-Saëns, o Vincent d'Indy e sobretudo o Berlioz. Torce o nariz (o que nele é gesto frequente e bem visível) sentenciando: «A música de Berlioz não é grande coisa.»

Perguntei-lhe se já ouvira executar numa boa orquestra alguma obra importante do Berlioz. Respondeu afirmativamente: «*A Danação de Fausto*, em Paris, mas não precisava de a ouvir tocar para a apreciar devidamente.» Citei-lhe o Reyer, que só depois de ouvir bem executada a música de Berlioz (*Os Troianos*) é que lhe medira a grandeza. — O Reyer é uma cabeça oca, assevera o Ciríaco, e desenvolve-se numa extensa tirada (também gaguejada) acerca da «grande arte».

— Ciríaco amigo, Vossemecê parece-me que se vai deixando atrasar — observei em tom de troça. — Faltava só trazer para aqui a «grande arte»...

Obtemperou, mas de mau humor: — Quem é que se não atrasa em Portugal a respeito do que é moda? Depois falta-nos o faro e a invenção que na ausência do faro forjam um arsenal de mentiras com que se assombra o público...

Em suma: apesar da parcialidade acintosa, é tal o exagero com que os franceses decantam a excelência de tudo quanto lhes pertence e rebaixam o alheio, que não sabe mal, mesmo a quem os estima e admira tanto como eu, ouvir alguém que os deprima...

O Ciríaco deve partir depois de amanhã para o Rio de Janeiro.

O jornalista Francisco Carrelhas também é meu conhecido do Porto, onde se estreou colaborando na *Folha Nova*. Fez depois caminho por outras gazetas, vindo finalmente para Lisboa contratado pelo *Repórter*, na sua fase áurea, redigir-lhe o noticiário.

É um rapaz arguto e lido, pondo uma pontinha de «preciosidade» em tudo quanto diz ou escreve, mas com espírito e queda para o cómico,

de que usa e abusa sem causticar demasiado. Algo cicioso, sempre de rabona e calças curtas, os grandes pés triangulares como ferros de engomar, e o chapéu afadistado com dois ou três buracos maldisfarçados em dobras complicadas.

Fui procurá-lo, como havíamos combinado, ao *Jornal do Comércio*, a cuja redação pertence agora.

Encontrei ali o Eduardo Burnay (que não via desde Coimbra), gordo e nédio, o busto cada vez mais à Franklin, e que me pespegou uma dissertação colonial a propósito da entrevista do Stanley ao Alphonse Daudet, publicada no *Figaro*. Para civilizar a África o Stanley e o Eduardo Burnay querem caminhos de ferro e mais caminhos de ferro. Toma-se indispensável e urgente (para todos) assegurar a paz com o domínio do «forte», dando incremento ao progresso graças às vias férreas. Para ambos a civilização consiste em descobrir e explorar minas de ouro e carvão, apañar o cautchu e edificar igrejas. E ambos citam o Shakespeare...

Com o Carrelhas fui dar fundo ao Martinho, onde conversámos largamente de tudo e de todos, mas bordando arabescos, um para o outro, na trama gostosa das nossas próprias apologias.

Já passava da meia-noite apresentou-me ao poeta António Nobre, ao caricaturista Celso Hermínio, e a diversos anónimos e aspirantes mínimos a literatos, que abancavam a nosso lado na companhia do Gomes Leal.

O Celso Hermínio tem a aparência de um excelente e inofensivo rapaz, de grandes olhos ingénuos, sem sombra de malícia, que indicarão tudo menos o caricaturista.

António Nobre pouca ou nenhuma diferença faz de quando o vi no Hotel Mondego em Coimbra; porém a expressão fisionómica é agora de desencantada amargura. Veste de negro e usa uma abotoadura de camisa feita de grandes cabeças de pregos de ferro batido, semelhantes àquelas que é costume pôr nas imagens do Senhor crucificado.

Largando os outros apresentados, com ele seguimos até à Tabacaria Mónaco, onde o proprietário, o Sr. Cruz, dormente e pálido como massa de pão cru, nos recebeu festivamente, estendendo-nos as suas estranhas mãos cujos dedos parecem bananas.

O encontro com o Nobre (cujos versos admiro deveras) acendeu um lindo e brilhante fogo de vistas, de elogios e disparates literários: loucuras inocentes de onde nenhum mal vem ao mundo. Ele tomou o último americano que o leva a penates (*York House*, Janelas Verdes, 32 — o «House»

dito com o *h* profundamente aspirado) e eu com o Carrelhas deambulámos pela cidade deserta, filosofando até que nasceu o Sol.

III

Maio, 15

Fui ontem à Biblioteca Nacional seriam $\frac{3}{4}$ para as 12. Disse-me, no vestíbulo, um empregado de importância (talvez porteiro-mor) que só abre das 12 às 4. Esperei e fui reparando nas outras pessoas que também esperavam. Na minha frente um tipo rechonchudo, encostado à parede, sorria insaciavelmente; outro passeava com ar abstrato de profunda meditação; outro, sentado num tamborete, segurava os artelhos com as mãos cheias de anéis; um padre de aldeia, cerimonioso e negro, inquiria acerca do paradeiro de não sei que personagem, e todo se desfazia em exclamações de surpresa porque ninguém sabia quem fosse; outro cavalheiro de verdes anos, ao mesmo tempo altivo e desavergonhado, chalaceava, com ar condescendente, para o porteiro-mor e a grotesca criatura que deve ser seu ajudante. O da minha frente, sem deixar de sorrir, atirava bolinhas de papel mastigado a quem passava ao seu alcance, etc.

Entretanto acudiam-me à memória, com importuna insistência, certos pormenores de uns meses que eu frequentara essa biblioteca, aos dezassete anos, mal com a família e o mundo inteiro, alimentado a pão e queijo, lendo todos os filósofos em série cronológica, fumando cigarros da Baía enrolados em folhas de milho e com tabaco que parecia pólvora, e quando para lá ia os encontros diários, infalíveis, na Calçada de S. Francisco, com o popular duque de Ávila e Bolama, sempre de cachene de xadrez branco e preto, a quem eu não conhecia pessoalmente mas que cumprimentava em tom de afetada reverência:

— Senhor duque.

E ele muito cerimonioso e digno replicava:

— Excelentíssimo senhor.

Soou meio-dia; abriram-se as portas da biblioteca, e deram-me uma senha impressa na qual vi que o leitor devia escrever nela os títulos dos livros que desejava e os correspondentes números do catálogo. Eu procurava

uma tradução das *Mil e Uma Noites* e a *Vida de Guzmán de Alfarache*. Achei no catálogo a primeira, mas quando investigava acerca da segunda acercou-se-me um empregado coxo para me dizer, com modos bruscos, que não era permitido aos leitores consultar o catálogo: os empregados é que o faziam, para lá procurar as obras pedidas. «Porque» — acrescentou jocoso — «de que serviriam os empregados então?»

Observei-lhe que não dispensava o catálogo e, não obtendo o consentimento do tirano, escrevi na senha: «que em vista de me ser declarado por um empregado que era proibido consultar o catálogo, desistia das minhas projetadas investigações na Biblioteca Nacional» e vim-me embora.

Mas eu tinha necessidade de rever certa passagem do *Guzmán de Alfarache* e voltei hoje à biblioteca; porém antes de me sentar dirigi-me ao «presidente» da sala de leitura, cavalheiro de respeitável aspeto — cabelo sal e pimenta, bigode grisalho anteriormente loiro ou alourado (hei de indagar quem seja) —, e narrei-lhe o que se passara ontem com o empregado impertinente. O «presidente» esclareceu que, por haver no catálogo partes ainda não reunidas em volume, só era permitido aos visitantes consultar aquelas já definitivamente encadernadas, e logo, como eu lhe dissesse qual fora a minha pretensão, ele próprio, sorridente e amável quanto humanamente possível, se pôs a procurar no catálogo o *Guzmán de Alfarache*. Mas bem o buscava ele, inutilmente, nos catálogos de romances, da literatura e da história — por eu lhe dizer que a obra se intitulava *Vida, etc. de Guzmán de Alfarache* —, até que lhe ocorreu investigar a paternidade da obra (que eu de propósito não revelara) encontrando-a no nome do autor, Mateo Alemán. Era para ver o ar vitorioso com que celebrou o achado — ele já começava a suar —, mas eu é que tive de esperar mais de uma hora que me trouxessem o livro; julgo que a minha queixa de ontem indispôs comigo toda a empregadagem subalterna do estabelecimento.

Mas para que refiro eu este episódio, todo ele falho de interesse? Para mostrar que as coisas em Lisboa não correm neste capítulo — como em tantos outros — melhor do que em muitas capitais estrangeiras. Todavia há evidente progresso sobre o caso célebre e clássico das «obras de Sócrates»...

De tarde fui visitar a minha querida amiga de infância, D.^a Sara da Mota Marques. Encontro-a na sua nova casa, construída com todas as comodidades modernas, mas talvez excedente de luxo lusitano — ou, melhor,

alfacinha —, muito ouropel, complicados estuques, e móveis flamantes. A mãe, a Sr.^a D.^a Guilhermina, inalterável apesar da avançadíssima idade; apenas levemente mais morena, na moldura da farta e crespa cabeleira nevada; mas de aparência tão moça! Era uma cara que eu desejaria retratar se fosse pintor.

D.^a Sara, com umas discretas rosas de carmim nas faces, o olhar de míope um pouco desvairado, e o penteado Luís XIV que lhe completa o carácter decorativo da fisionomia.

No decorrer da conversa vem à balha um caso agora muito comentado em Lisboa, de que o João de Deus já me falara: o péssimo efeito que causara a frase atribuída ao Viana da Mota: «que na colónia portuguesa de Paris ninguém era digno de lhe lambar as solas das botas». D.^a Sara afirma que ele escrevera aquilo, textualmente, em carta ao Xavier de Carvalho. Abafei como pude a verosimilhança de semelhante desabafo, porque a minha admiração e interesse pelo grande artista vai aumentando sempre, e agora especialmente (o motivo é fraco mas real) desde que ele frequenta em Paris a casa dos meus melhores amigos, os irmãos Holman.

À noite passei sozinho e, parando na Mónaco, encostado ao escaparate de um vidraceiro vizinho, entretive-me a escutar o que diziam alguns literatos ali dispostos em grupo. Um deles, de nariz rosado, pôs-se a explicar o que era a «abelha-mestra», com excessiva dificuldade de elocução e prodigiosos esforços para encontrar vocábulos apropriados. Os ouvintes reagem, ruidosamente, às supostas fantasias do conto, mas por fim acomodaram-se e escutaram paciente e respeitosa.

Na Rua do Tesouro Velho encontrei o Jorge Della Faille. Entrámos na Cervejaria Jansen e abancámos no terraço. O Della Faille é de Anvers, terra que eu conheço quase tão bem como a da minha própria naturalidade, e eu tivera ensejo de ver ali o pai, o conde Della Faille, senador, num baile dado pelo governador da província, o barão Ozy. Além disso conhecia-lhe perfeitamente a casa de habitação, ao pé da Igreja de S. Jacques (tão cheia, esta, de recordações portuguesas) e apelidada casa de Santo Inácio por ter sido ali, segundo reza a tradição, que endireitaram a perna quebrada de Santo Inácio de Loiola (quebrando-lha outra vez), que ficara torta do primeiro conserto. A fachada da casa, enegrecida pelos anos e pelo clima (e a que religiosamente conservam a *patine*), é triste

mas harmoniosa e nobre, nas linhas puras da Renascença neoclássica flamenga.

Mas eu conservo em Anvers amigos que também o eram seus, e alguns até parentes, com quem participei plenamente da planturosa e sensual vida belga, que para um rapaz não sofre comparação com a melhor do mundo inteiro. De recordação em recordação chegámos às confidências sentimentais; mulheres havia ali que a ambos nos tinham prodigalizado as delícias dos seus corpos admiráveis; isso nos ligou ainda mais e ao cabo de duas horas já nos tuteávamos como se fôssemos camaradas de velha data. Separámo-nos com a promessa de continuar em Lisboa a vida que levaríamos se estivéssemos em Anvers, ficando de ir jantar juntos amanhã a alguma tasca pitoresca onde se comessem pratos nacionais. Aprazámos o encontro para o «Aquário dos imbecis», que assim chamam ao café instalado debaixo do Hotel Internacional (onde eu paro) e pertencente à mesma empresa.

Enquanto conversávamos fui observando o que se passava no terraço. Pouca gente havia, mas assim mesmo causava admiração o silêncio sepulcral que ali reinava a espaços. Somente alguns ingleses, na companhia de um judeu marroquino (crânio de pássaro, olhos esbugalhados e nariz de anzol), riam por vezes, mas discretamente. Vários brasileiros, em mesa próxima da nossa, encareciam as grandezas pátrias, a meia-voz, na sua linguagem confeitada, «enervada», com vocábulos de excessiva «preciosidade». Com eles estava um jovem de Lamego (de Lamego pelo ardor com que celebrava os presuntos dessa origem), cara de... freira, tentando incessantemente, com a palma da mão alvíssima, a face, o beijo, o queixo, à busca de uma barba não só ausente, mas claramente remissa em aparecer.

Porém a figura sensacional foi de um alemão que se levantou de um sombrio recanto, e titubeando atravessou o terraço, direito à saída. Alto, corpulento, rosto quadrado, bigodeira farta, ostentava nas faces e testa um tal xadrez de pústulas carmim e bistre, que, retratado, bem poderia servir para reclamo de algum produto farmacêutico: «antes de o tomar». O Della Faille conhecia-o de vista, sabia quem era e pretendia que a sua presença atalhava o leite, mas a ele, especialmente, desgostava-o da cerveja.

VII²

Junho, 3

O Della Faille veio jantar comigo e depois fomos a S. Carlos ouvir música (na sala de concertos), cujo programa, à semelhança de tantíssimos outros, europeus e ultramarinos, compreendia uma sonata de Beethoven, um trio do Mendelssohn e um quarteto de Brahms, tudo muito agradavelmente executado. Apresentei o Della Faille a vários devotos de Euterpe, meus conhecidos, ali presentes e fui cumprimentar D.^a Sara, que toda de *bianco vestita* (e essa cor pulcra aumentava-lhe consideravelmente o volume) dava receção na primeira fila, com a condessa de Proença-a-Velha ao lado.

Muito «afável», D.^a Sara disse-me que estivera ontem para me convidar a assistir, em sua casa, ao ensaio de uma ópera em que atualmente «trabalha» com um grupo de amadores, mas temendo enfastiar-me não se atreveu a fazê-lo. Isto, e várias outras biscoas irónicas, saíam-lhe como lição estudada, e ajuntou: «Que eu, habituado a ouvir os Paderewski e as Nilson, decerto não poderia tolerar esta parvalheira...» Estive para lhe responder que assim era, mas contive-me, porque lhe tenho amizade, admiro-lhe o talento, e o tom quente, carinhoso da sua voz encanta-me. O que lhe falta é polimento...

Mais comedida em tudo — miudinha e vaporosa — a condessa de Proença-a-Velha comenta benevolmente a execução dos concertistas, exalta o génio de Beethoven, e convida-me para o seu serão musical de amanhã, o que eu aceito com prazer.

Junho, 4

Sarau em casa dos condes de Proença-a-Velha.

Quando entrei ao salão pouca gente havia: só duas senhoras, no meio da casa, junto ao piano, e vários cavalheiros de casaca e *smoking*. Apresentação

² Manteve-se a numeração indicada pelo Autor para as primeiras edições. (*N. de E.*)

dos cavalheiros, entre os quais estavam: o irmão do dono da casa, o poeta Luís Osório, pequeno e grave, já quase sem olhos, de sumidos que lhe andam nas profundíssimas órbitas; um fulano Soares, que foi professor de qualquer coisa e agora estuda medicina; um rapaz altíssimo e magríssimo, cujo nome começa por Tomás Pizarro, mas com tal enfiada de apelidos que nunca acaba; etc.

Sentado ao piano o meu antigo conhecido Sr. Sarti, que é mestre de canto de D.^a Sara e da condessa e também o foi de minhas irmãs.

Pouco tardou que não chegasse o resto dos convidados: um irmão do Serpa Pimentel (Eduardo e esposa); o Manuel de Arriaga e filha; o Teófilo Braga; outros irmãos do Serpa Pimentel; e o barão das Areias não sei de quê, com o qual terminaram as apresentações.

Apareceu mais tarde uma florescente menina, de aspeto algo campestre, tocando piano a primor, e acompanhando o papá, que tangia rebeca ainda com maior perfeição.

Fez-se música, desesperadamente, até quase de madrugada. A condessa cantou: tem a voz infantil, mas bem timbrada e mimosa; desconfio, porém, que «il signore Sarti» não a aproveita como devia.

D.^a Sara também cantou, com o seu vozeirão, que a desusada ressonância da sala engrossa, por vezes intensamente dramático e empolgante, mesmo no vulgar reportório (Tosti e quejandos), onde o desbarata.

Houve um flautista extraordinário, exímio, prodigioso, o Sr. Ferreira Cardoso, e um quarteto ainda mais extraordinário (no sentido oposto) executado por D.^a Sara, a condessa e os irmãos Fernandes (?), os quais nem por se apresentarem ridiculamente foram menos generosos em fífias.

Como extra ao programa do concerto, em preito ao autor (e porventura para meu especial regalo), D.^a Sara gorjeou uma «grande valsa cantada», composição «del maestro Sarti» e por ele dedicada à executante: o êxito foi tremendo. Porém a grande valsa cantada é talvez ainda mais vazia do que a calvíssima cabeça (Itália do Norte) «del signore Sarti»...

A fresca menina Magalhães (rosa de abril, rebento de lilás, etc.) tocou no piano umas complicadíssimas coisas com demasiado, inverosímil sangue-frio.

O Luís Osório, muito rogado, recitou «Jesus te valha» (poesia da sua antiga lavra) com esquisita, consumada arte. O poeta anda triste, desanimado, à míngua de incentivos (louvores nas gazetas) que lhe acendam a inspiração, e embora eu lhe «pedisse muito» que desistisse da fatal

resolução, publicamente tomada, de morrer para as musas, não me quis atender...

À saída, na saleta que servia de vestiário, dois convidados, conspícuos e severos, referiam-se à missa mandada celebrar nos «Paulistas» pela mocidade católica, em ação de graças pelos nossos feitos de armas em Moçambique. As alusões revestiam um tom misterioso, sibilino, cujo verdadeiro sentido me escapava. Por acaso, atraído pela multidão de gente bem-posta que para lá se encaminhava, eu entrara na igreja quando começava o sermão. O templo é alegre e estava repleto de fiéis pouco atentos, irrequietos, buliçosos, e embora o pregador falasse com voz forte, estrídula (e antipática), do meu lugar pouco ou nada se percebia, salvo uma frase, várias vezes repetida, que parecia constituir o tema da oração: «Não se iludam com a nossa inconsequente decadência.» O que os comentadores do vestiário ajuntavam a este tema dir-se-ia conter terríveis ameaças de extermínio aos livres-pensadores...

Ao atravessar o Rossio, a caminho do hotel, encontrei o Abel Botelho, que parecia ali colhido de surpresa. (Que diabo estudava ele, solitário, no Rossio, às quatro da madrugada? O seguimento ao *Barão de Lavos*?) Conversámos até dia claro. O Abel escreve agora no *Repórter* e anda interessadíssimo na política, mas o que mais o preocupava (e ofendia) naquele momento eram as ovações ruidosas que a rapaziada escolar prodigalizava ao Hilário, o qual viera expressamente de Coimbra para cantar o seu fado no espetáculo de amanhã no Coliseu, em benefício de um estudante pobre e tuberculoso que vai tratar-se na Suíça. Essas aclamações enfureciam-no. «Reputações sem o mínimo fundamento sólido» — clamava amargamente. — «Ora o senhor Hilário! É o que nos faltava: o senhor Hilário e o seu fado!»

Cansado e morto de sono não protestei, embora ache que compor um fado bonito vale mais do que engendrar infundáveis romances enfadonhos.

IX

Junho, 9

Por indicação «protetora» do Fialho, ou por bisbilhotice do Carrelhas, espalhou-se entre os literatos que eu trago na mala um manuscrito de

singular importância, despertando, nalguns autores consagrados, curiosidade — já invejosa — de verificar o que ele vale. E, o que ainda é mais extraordinário: redobrado interesse por conhecer a maravilha da parte dessa multidão de jovens talentos, mais ou menos inéditos, que tortulham por todos os lados, e dos quais o menor não se trocava pelo Dante, Platão ou Aristóteles. Raro é aquele com quem falo que não alude à obra-prima. Já me consideram colega de respeito. Mas isto é típico de Lisboa, onde há literatos de nomeada, que nunca publicaram — nem escreveram — uma só linha...

E como eu tenha andado pelos ferros-velhos à busca de colchas de linho bordadas a seda (almandras) e umas vezes por outras compre algum objeto antigo, arranjei, também, fama de colecionador perito, julgando muita gente que o meu quarto, no hotel, está transformado em museu.

Exemplos de bojo (que o são igualmente da frequência e facilidade com que se topa toda a gente nesta abençoada terra):

Encontrei na Avenida o Luís Osório, acompanhado por um rapaz de óculos, barba rala e sorriso de parada: o Alfredo Mesquita. Ambos aludiram logo aos *bibelots* e ao livro e, como passássemos diante do hotel, instaram pela leitura dum capítulo. A obra, que ainda não está completa, é uma colheita de amostras a que tenciono chamar *Inventário de Junho*.

Li-lhes o trecho «Agripina», que o Luís Osório louvou com entusiasmo e o Mesquita elogiou entre dentes. Em câmbio, o poeta (logo que o Mesquita saiu) desabafou por confidências trágicas: tudo angústias e tormentos com as agruras ou a indiferença da crítica. Atirei-me, também, com unhas e dentes, à crítica, que nunca me fez mal, e separámo-nos em excelentes termos, satisfeitíssimos um do outro.

Ao sair do hotel dei com o Jorge O'Neill: *bibelots*, *bibelots*. Prometi patentear-lhos mais tarde, quando tivesse algum digno de exposição. Ele mostrou grandíssimo empenho em conhecer o António Nobre (cujas poesias o Oliveira Martins leu a Madame O'Neill em serões sucessivos) e agradecer-me-ia imenso se lho levasse um dia a casa.

Apenas nos separámos surge o António Nobre: literatura e *bibelots*. Li-lhe (que farsa!) a amostra que mais quadra ao seu temperamento lacrimoso: «O Meu Grande Amigo Tomás». Conveio em que o levaria a casa do Jorge O'Neill, que é hoje proprietário do jornal *Repórter*, onde o Nobre gostaria de publicar «certas novidades destinadas a alvoroçar o país». Como devemos jantar juntos domingo, talvez o leve lá nessa noite.

O caso de Oscar Wilde e a sua condenação continuam na berra pelo jornalismo francês e nas conversações alfacinhas.

Em artigo de fundo o *Figaro*, sob o título de «Um Precursor de Oscar Wilde» e assinado Albert Bataille, refere-se minuciosamente ao trabalho do Wilde acerca de Thomas Griffiths Wainwright, célebre falsário e envenenador inglês, o qual foi (diz o Bataille), à imagem do Wilde, «um dilettante de coisas deliciosas, grande artista, pintor, crítico de arte, etc.». O Wilde faz dele um estudo cerrado, sem revoltas moralizadoras, o que ofende o gosto francês, na pessoa do velho cronista dos tribunais que é o Bataille, hermeticamente fechado à compreensão de semelhante comédia estética.

O Wilde leva o desaforo até fazer a narração dos envenenamentos do Wainwright sem a mínima mostra de comoção ou pena, e conclui declarando «que a moral de cada um nada tem que ver com o valor artístico da sua prosa». Depois esclarece: «Thomas Wainwright ainda está muito perto de nós, para o podermos julgar com a imparcialidade com que o faríamos se se tratasse de algum personagem da Renascença ou da antiga Roma.»

Esse Thomas Wainwright foi condenado em 1837 a degredo, por toda a vida, para Van Diemen, onde morreu na companhia dum gato que adorava. Frascário, assassino e falsário, crimes de que ninguém culpou o Wilde nem por sombras, só um francês poderia encontrar-lhes paridade, e esse francês devia necessariamente possuir a experiência ganha em quarenta anos de cronista dos horrores do crime. No *Echo de Paris* o Anatole France relata as façanhas do poeta François Villon na arte de matar e roubar; se pensará o Bataille que este foi também precursor do Wilde?

À noite outro concerto, no salão de S. Carlos, com o Rey Colaço e o Hussla, que interpretam bem pobremente o adágio da *Sonata a Kreutzer*. Ali, um desses amigos que sabem da vida de toda a gente informou-me de que o Magalhães Lima, com quem desejo falar, é infalível das onze em diante na cervejaria da Trindade. Lá fui, a essa cervejaria, que é um dos sítios mais simpáticos e amenos de Lisboa, sobretudo no verão, graças às suas frescas abóbadas e aos seus lindos panos de azulejos. Com efeito o Magalhães Lima lá estava na companhia do Dr. Levy, amigo de meu irmão (e a quem o Fialho já falara a meu respeito), semita de feições regularíssimas, distinto

nas maneiras e dizeres, mas demasiadamente obcecado pelas recordações duma recente viagem a Londres.

O Magalhães Lima, que eu deixara no inverno em Paris, cada vez mais apóstolo, e mais internacional; e até me pareceu mais loiro e com o azul dos olhos mais transparente...

X

Junho, 14

É um verdadeiro enigma o modo como se mantém o café do Hotel Internacional, conhecido geralmente pelo «Aquário dos imbecis». Os frequentadores, que são pouco numerosos, nada tomam: vão lá para conversar e ver a gente que passa a caminho da Avenida.

Um exemplo bem frisante: uma vez ouvi o barão da Regaleira dizer ao criado: «Olha, Paco, se alguém procurar por mim diz que não tardo nada; vou ali a casa tomar café e já volto...» Um freguês fixo, e invariável nas bebidas fortes, complicadas e caras, é o grandíssimo borrachão do encarregado de negócios da Rússia, mas esse nunca paga coisa alguma, nem mesmo a conta do hotel, onde ocupa há mais de um ano um belíssimo aposento.

Nisto pensava eu, muito repimpado em cómodo cadeirão, à porta do «aquário», esperando pelo Fialho, a quem dera *rendez-vous*, quando ele me aparece mais enfeitado do que uma noiva de aldeia. O que ele trazia na gravata não era alfinete mas um autêntico broche; a abotoadura do colete de vidro colorido; e a cadeia do relógio toda resplandecente de pedraria falsa.

A abordagem foi algo penosa. Não resisti a perguntar-lhe se eram aquelas as joias com que a Emília das Neves representara *Joana a Louca*, e ele, todo abespinhado, faz menção de se ir embora. Mas serenei-o como pude e ficou. Passámos o dia juntos, alegres e descuidados como sucedia há dez anos; ele, despido de pompas literárias, estava singularmente feliz nos seus ditos, e eu ri de gosto vezes sem conto.

Às onze da noite, encontro com o António Nobre e o seu cortejo de jovens aspirantes a sacerdotes de Polímnia. Levo-os a todos ao alcoice da

Rua da Prata (da «Barbuda»), para lhes mostrar a formosa descoberta, que ali fiz, da verdadeira imagem de Vénus que leva o nome cristão de Rosália, e enquanto lhe vou inventariar novamente os encantos, ficam os vates a «fazer sala», resistindo às solicitações das hetairas. Todas elas tomam, muito a sério e respeitosa, o António Nobre por padre, o que o lisonjeia e lhe facilita a resistência...

Ceamos no «Carpinteiro», a tasca pitoresca — e imunda — (instalada por detrás do teatro de D.^a Maria) agora predileta da boémia alfacinha.

Depois, para findar a noite subo com o Fialho ao adro da Senhora do Monte; paisagem aérea cosida em constelações que, do azul-celeste, pareciam refletir-se no azul mais denso em que a cidade e o Tejo se envolviam...

Junho, 16

António Nobre, com o Silva Pinto, e o habitual séquito de literatos incipientes vieram jantar comigo no hotel. Durante as duas horas que durou a refeição, bem regada de Colares, e depois uma hora de café casado à aguardente de cana, o Silva Pinto não deixou falar ninguém. Debalde o António Nobre tentou, por várias vezes, dizer uns versos (do poema «O Regresso do Moço Anrique») inspirados a noite passada pelo ruído do vento no claustro da «York House» («House» com *h* cada vez mais profundamente aspirado). Nada conseguia cortar a palavra ao Silva Pinto (nem mesmo com a boca cheia), e então quando ele começou a narrar (imaginativamente e com fantástica seriedade) a história das suas desavenças e reconciliações com o Camilo, a mínima interrupção parecia ofendê-lo e exasperava-o. E o que dizia era deveras interessante, sobretudo na passagem do seu primeiro encontro com o Mestre, quando ele, na companhia do seu *alter ego*, o Narciso de Lacerda (que procurava editor para um livro de versos), foi ao Hotel do Louvre, no Porto, implorar o favor de o recomendar ao Chardron. Isto depois de o ter insultado e caluniado de todos os modos e feitios, de conta própria e alheia.

O Silva Pinto desenhou, modelou, levantou a figura do Júpiter tonante da nossa literatura, com grande brilho e vigor, ficando-me alguns quadros na memória como se eu mesmo os tivesse visto. Mas o inicial, a receção que lhe fez o Camilo, e a maneira como ele, durante alguns minutos de silêncio, assestou a luneta defumada sobre os dois inseparáveis...!

A evocação deste vulto colossal açambarcou-me o espírito, e para nele poder pensar livremente desisti de levar o Nobre a casa de O'Neill, desenhencilhei-me da trupe impertinente, e pus-me a deambular sozinho, pela noite fora.

Eu vira o Camilo algumas vezes, no Porto, e sempre na Rua de Santo António, que ele descia à mesma hora em que eu subia em busca do almoço. Que fotografia sem retoques poderia jamais substituir convenientemente a imagem que dele guardo na lembrança! O aspeto era melancólico, mau grado à sua afetação de ostensiva altivez. Bem apumado ainda, no sobretudo de gola de astracã cingido ao corpo; o chapéu de coco cilíndrico e aba larga; o rosto coberto de negros sinais da varíola; a infalível luneta defumada ocultando o olhar; e as mãos finas, dissecadas, já com manchas de pano da velhice...

Nessa época da minha insolente mocidade (teria pouco mais de vinte anos), ardente zolanista, vituperador acérrimo do romantismo, estava longe de poder apreciar as obras-primas do Mestre, porém via-o figurar no decurso do século, manejando a sua implacável e contundente sintaxe, qual outra clava de Hércules polida e dourada, e inclinava-me com respeito perante o seu altíssimo espírito. Mas que pena de lhe não ter falado, de o não ter ouvido... e agora, quando estava nisto, de repente, para cúmulo da confusão e despeito, o Camilo da Rua de Santo António encarnava-se obstinadamente nas linhas ridículas do duque de Ávila e Bolama, com quem tempos antes eu me cruzava diariamente, no caminho da biblioteca, glorioso no seu cachené escocês, cumprimentando para a direita e para a esquerda, ao qual já me referi num capítulo anterior...

E vou-me deitar sem conseguir varrer da mente a molesta substituição...

XII

Junho, 20

Vou visitar Madame Verhaeghe e encontro lá o «diplomata do Vigia», assim alcunhado graças à assiduidade com que frequenta aquela popular casa de pasto. Calvo, nariz adunco, e excessivo monóculo, metido nas peles saídas da arcada ocular como a lente de estranho tentáculo; um dente

solitário caído sobre o lábio inferior, e tão ar de diplomata que eu, antes de lhe saber a identidade, quando o topava no «Vigia» já o tinha nessa conta...

É o conde de Cranneville, encarregado dos negócios da Áustria, e casado com uma senhora magríssima, quase esquelética, e sempre espalhafatosamente vestida, que o Della Faille corteja com denodado ardor.

Madame Verhaeghe amabilíssima, risonha, expansiva. Aproveito o ensejo para pedir que me permita apresentar-lhe um destes dias o poeta António Nobre, que anda morto por lhe beijar as mãos. Ela, porém, protesta. Está farta de poetas, e alude a um tal Oliveira Soares, que a perseguiu metricamente, implacavelmente, sem piedade, durante meses...

O conde de Cranneville, mal informado, julga conhecer o Nobre, e diz que deve ser um vate que ele ouviu ultimamente, em casa da condessa de Vila Real, recitando uma poesia onde se despiam todas as mulheres (em imaginação) «como todos nós fazemos».

— O quê, Cranneville, então não há mulher que escape a essa prova, e é costume despir todas as mulheres que se encontram?

— Decerto.

— E todos os homens fazem o mesmo?

— Todos.

— Pobre condessa de Cranneville!... — (*cara do conde a engolir em seco*).

Satisfeita com o malicioso — embora inofensivo — desfecho da passagem, autorizou-me a apresentar-lhe o Nobre quando quisesse, despediu o Cranneville, e convidou-me a acompanhá-la a Belém, onde resolvera ir nessa tarde. A carruagem estava já esperando à porta quando eu cheguei.

Pelo caminho foi-me pedindo alguns esclarecimentos acerca da arquitetura manuelina e do Mosteiro dos Jerónimos; felizmente eu tinha de memória uma pequena preleção sobre esse tema, ouvida anos atrás a um especialista no assunto, e saí-me do mau passo quase com ares de erudito.

Entrámos na igreja e Madame Verhaeghe notou logo o excesso de ornamentações e feitiços das colunas, em contraste com a nudez das paredes que parecem de fortaleza. Observou que o conjunto não produzia a impressão majestosa das naves góticas, nem da requintada elegância dos templos da Renascença. Descobriu duas imagens preciosas: um S. Sebastião gracioso como um efebo grego, e uma virgem de loiça, com o manto estrelado e o Menino Jesus ao colo. Ambas as esculturas seriam italianas, aventou. Extasiou-se perante o traçado da sacristia, que lembra uma palmeira

de jardim, de tronco baixo e ramagem larga, e comparou-a com a de Westminster, inspirada numa palmeira de tâmaras, de tronco alto e ramagem curta. Dali fomos para o claustro, e enfeitados, calados, lá ficámos até anoitecer...

Depois de jantar encontrei o Silva Pinto, que me acolheu festivo e jubiloso, pois estava precisamente pensando em mim para irmos provar uma aguardente de medronho, de que lhe diziam maravilhas, chegada havia pouco de Monchique, especialidade de um taberneiro «seu amigo», estabelecido para os lados de Santa Clara. Fomos por Alfama. A aguardente tinha realmente um flavor esquisito; prestámos-lhe as honras devidas, mas não ficámos só por ali: visitámos «outras capelas», deambulando quase até manhã. Durante esse tempo todo, o Silva Pinto só falou de literatura, começando pelo seu assunto predileto: o Camilo, e a esse respeito ocorreu-lhe esta curiosa observação.

— O que concorreu para afastar simpatias da obra do Mestre foi a forma de escrever adotada por alguns figurões que se intitulavam seus discípulos, forma que se poderia classificar «ponta e mola de borracha»; vieram à praça pública com arreganhos de quem tivesse alentos para manejar a clava do gigante (que nem força tinham para erguer do solo) e toda a sua arte consistiu em fazer esgares ferozes, que sublinhavam frases envenenadas apenas pela inveja ou pela ignorância e por conseguinte inofensivas.

Após esta crítica, onde eu divisei traços autobiográficos (quem mais do que o Silva Pinto pretendeu ser discípulo legítimo de Camilo?), divagando, entre mil acertos e desacertos, sentenciei:

— Sucede com alguns livros, recomendados por pessoas cujo gosto merece absoluta confiança, que, ao começar pelo prólogo, o leitor inadvertido e irritado fecha, exclamando: basta de asneiras em estilo córneo!, e só passado tempo descobre que o prólogo não era do autor do livro, mas do senhor Sousa Monteiro, a quem incumbe quase oficialmente prefaciá-lo tudo quanto vibre a nota académica ou coisa equivalente...

Estava (não sei porquê) furioso com o Fialho e comentava:

— É dessas criaturas que não podem aparecer sozinhas, mas, à semelhança das primas-donas aplaudidas, precisam sempre de alguém que as traga pela mão, dizendo (enquanto elas todas se desnalgam): aqui está a nossa Fialhini de Almeidini...

Referindo-se ao Garrett:

— O principal florão da sua coroa de glória foi ter desencantado o génio da Emília das Neves. Génio incontestável e dominador, junto à beleza plástica perfeita, indiscutível, que permitia chamar-lhe com assentimento geral «a linda Emília», nos cartazes que anunciavam as peças em que figurava...

XIII

Junho, 25

Um dos principais números dos festejos antoninos é o bazar do Terreiro do Paço, cujas barracas o enchem quase todo. A que cerca o monumento de D. José é enorme e ostenta prémios apetecíveis. Clero, nobreza e burguesia, sob a direção de um comité seleta, diligente e cuidadoso, trabalharam afanosamente para lhe dar o máximo relevo, mas o êxito é fraco. Fui lá esta noite; escassa concorrência e essa mesma, na maioria, de mirones: ninguém compra.

Dirijo-me para a barraca da duquesa de Palmela, onde está a Rainha D.^a Amélia, cercada de damas da corte, todas elas imóveis, de mãos cruzadas, a olharem o povo que passa. Aproximo-me e peço um manjeriço à Rainha, que me traz vários para escolher. Tomo um de meio tostão, dou uma nota de cinco mil réis para pagar, e peço o troco, quando verosimilmente todas aquelas damas supunham que era oferta. Grande reboição no interior da barraca para arranjar troco e eu... impassível.

Depois de receber o troco das mãos da Rainha (que são lindas) beijou-as respeitosamente e peço um cravo de papel.

— Espere lá que lhe vou escolher um que tenha um verso bonito — diz a soberana, sorrindo, com o sotaque afrancesado, mas gentil. E feita a escolha, entrega-mo por trinta réis. Aceito, pago os trinta réis, e de novo lhe beijo as mãos, porém mais demoradamente, com visível gosto.

No povo que assiste à cena há um murmúrio de desgosto, e nos olhos das damas da corte transparece a indignação.

Peço outro e outro cravo, repetindo de cada vez o beija-mão. Por fim a Rainha (para recompensar o bom freguês) oferece-me uma alcachofra

e eu despeço-me com um beijo ainda mais prolongado. O povo abre alas para me deixar passar e nele há quem me julgue um desavergonhado bajulador; as damas da corte respiram de alívio e olham-me com desdém; a Rainha sorri com ar ao mesmo tempo indulgente e intrigado...

Junho, 26

Convidei o Verhaeghe, a mulher e o Della Faille para jantar, e assistir da janela do meu quarto à passagem do cortejo cívico, de que se diziam maravilhas. Em honra de Madame Verhaeghe enfeitei o quarto com «almandras» e enchi-o de flores. Tanto ela como o marido estavam de excelente humor. O Della Faille, algo rígido e protocolar, enfiado numa sobrecasaca cinzento-clara, produz sensação.

O cortejo foi longo, mal composto e as simbólicas figuras femininas tresandavam a bordel. Dirigindo tudo aquilo, o conde de Burnay, qual chefe de orquestra, multiplicava-se, agitando no ar, em vez de batuta, um par de enormes luvas amarelas. Incontestável fiasco...

Durante o cortejo Madame Verhaeghe instava com o marido e o Della Faille para que fossem passear e nos deixassem sozinhos; isto com uma pontinha de tão acentuada travessura infantil que todos nós ríamos, inclusive o marido.

Ao começo do jantar, e a propósito já não sei de quê, referi a célebre anedota (que eles ignoravam) da marquesa de Richelieu, violentada num bosque por um salteador, e exclamando, involuntariamente, no acume espasmódico: «Ah!, beau voleur... Ah!, charmant voleur...» Isto nos pôs a todos muito à vontade e os casos que se contaram em seguida não foram menos frescos do que este...

Depois de jantar fomos tomar café no salão, onde já estavam reunidos numerosos hóspedes, e assistimos à cena habitual, provocada por um deles, que se colou à campainha até que o *maitre d'hôtel*, sempre tardo e remisso, apareceu, furioso como toiro desembolado e vociferando: «Voulez-vous finir de sonner, nom de Dieu?...» Vimos jeitos de se pegarem de facto. O serviço deixa muito a desejar; o *maitre d'hôtel* arvorou-se em tirano e nem caso faz do próprio diretor. Todos os hóspedes juram não passar por Paris sem ir à Companhia dos *Wagons-Lits* apresentar queixa, mas eu espero que entretanto algum luso valente se encarregará de lhe amachucar as ventas.

Para terminar a noite passeio na Avenida, durante uma boa hora, e depois subimos ao Largo das Duas Igrejas, onde Madame Verhaeghe tomou o elevador da Estrela.

XIV

Junho, 27

Volto ao bazar do Terreiro do Paço e estava comprando bilhetes à condessa de Proença-a-Velha quando chegaram as Majestades. Aproximo-me do lugar onde a Rainha se instala; reconhece-me logo e, oferecendo-me sortes, observa: «Já anteontem tinha comprado, não é verdade?»

Disse-lhe que sim, acrescentando, em francês, que fizera com a alcaçofra uma sorte para que a Rainha fosse feliz. Ela fixa-me de relance, com um clarão de surpresa no olhar, e agradece. Pergunto-lhe se se diverte. «Comme ça, comme ça...» — responde.

Compro-lhe bilhetes e apanho uma data de prémios que realmente me estorvam; abandoná-los seria descortês e ridículo; porém, carregar com tudo aquilo para casa...

Enquanto falávamos el-Rei aproximou-se, com ar de quem queria também conversa, mas o oficial às ordens, que é do Algarve e casado com uma parenta minha, segreda-lhe qualquer coisa que o faz hesitar e logo retroceder. Disse-lhe (soube-o pouco depois) que eu era um republicano assanhado.

Eu trouxe da Rainha uma impressão de funda simpatia, com laivos de pena por não poder ou não me resolver a cultivar relações onde entrevia momentos encantadores.

Junho, 28

Janto com o Nobre em «York House» e depois, passeando, encontrámo-nos no pátio do «Internacional» com o Eduardo Perestrelo, rapaz magro, loiro, olhos azuis, afetando na expressão a ternura meridional e nutriendo por Madame Verhaeghe uma paixão desenfreada. Apresento-lhe o Nobre

e ele apresenta-me o Baltasar Cabral, mocinho de olhos espertos, bigodinho preto e untado, e um falso ar romântico, tal como convém ao amante oficial de «uma senhora da nossa primeira sociedade».

Esperamos a saída dos Verhaeghe, que jantaram no hotel com vários amigos, e então houve um sarilho de apresentações: o Nobre aos Verhaeghe; minha à condessa de Cranneville, com quem devo jantar amanhã no «Bragança», a convite do Della Faille, etc.

Depois fui, com o Nobre, ao Terreiro do Paço, onde se organizava, entre chufas e insultos dos populares, o tão decantado cortejo de homenagem à Rainha, e volto à Avenida, no alto da qual a corte aguardava a chegada do cortejo... que nunca chegou. Foi-se dispersando pelo caminho, graças à hostilidade do público, e às zaragatas que daí derivaram, sem falar na timidez ou cobardia dos indivíduos angariados para realizar a homenagem.

Na tribuna ocupada pela corte, a pobre D.^a Amélia, com ar consternado, avultava como gigante entre pigmeus dando bordos de galera errante, pano todo fora, mas sem rumo certo. Para cúmulo do desaforo apareceu um bêbedo, que se pôs diante da tribuna a ensarilhar as armas de S. Francisco, e logo a corte, assim despedida, tomou o caminho das Necessidades.

Pensando nos dissabores de D.^a Amélia eu sentia apertar-se-me o coração; e realmente inspirou-me dó...

A noite terminou com a apresentação do Nobre ao Fialho, e embora aquele ainda estivesse ressentido pela forma como o outro zombara da mocidade poética da sua geração, portaram-se ambos bizarramente, trocando gabos e louvores de toda a espécie...

Junho, 29

Encontro o Perestrelo no «Aquário dos imbecis». A ouvi-lo portou-se como um herói a noite passada, quando os populares detiveram o trem onde ele ia com as filhas do general Queirós. Na refrega quebrou-se-lhe a badine.

Deveras simpático, o Perestrelo; tem uma aparência de mocidade, rara nesta juventude alfacinha, e é sem dúvida o que seduz Madame Verhaeghe, pois quanto a inteligência, espírito, cultura... Ou será acaso que eu o aprecie já com ressaibos de rival?...

Jantámos juntos no «Bragança», com os Verhaeghes e os Cranneilles, a convite do Della Faille e do conde sueco Cronhielm; jantar desboto, ultradiplomático na insipidez.

Tomado o café, saímos de trem a dar voltas pela Avenida. Tudo profundamente calmo. Eu e o Cronhielm tomámos assento em frente das senhoras. A condessa de Cranneville, cujo chapéu scandalizou o público pelas dimensões e os enfeites, não cessa de fumar cigarrilhas de *maryland* e toda ela se desarma nos gestos e visagens de donzela desejosa, suportáveis talvez vinte anos atrás. Os movimentos automáticos do Cronhielm assombram; dir-se-ia que a cabeça é postiça, de tal modo e tão livremente ela gira no círculo do colarinho...

XV

Junho, 30

A agitação popular que lavra em Lisboa com intensidade tomou francamente o carácter anticlerical, embora as colunas da Igreja teimem em dar-lhe intuítos meramente político-republicanos. Os padres, onde quer que seja que apareçam, são apupados e corridos, e já não se atrevem a sair à rua de capa e batina. Porém basta que lhes descubram indícios eclesiásticos, como o completo barbeado, para os perseguirem com chufas, seguidas de pancadaria, se protestam ou recalcitram e o lugar se presta a que impunemente lhes «toquem a pavana». Foi o que sucedeu há uma semana ao excelente Paco, o criado do «Aquário dos imbecis», que andava sempre primorosamente escanhoado, à maneira espanhola, e apanhou tal calor que dias depois já se lhe divisavam duas muito bem-talhadas e largas suíças incipientes.

Para a procissão de hoje vaticinavam-se acontecimentos graves, mas ruas e praças, no seu anunciado percurso, estavam atulhadas de gente que não dava mostras de maus propósitos, antes parecia despreocupada e alegre.

Eu fiquei-me à espera no Largo de Camões (que estava cercado de cavalaria municipal) em frente à varanda do teatro de D.^a Maria, onde a corte aguardava também, com a Rainha na dianteira. Positivamente, D.^a Amélia fascina-me e não me farto de a ver...

De repente rompe no Rossio uma gritaria infernal e o povo em turbilhões invade o Largo de Camões; a cavalaria avança para os rechaçar, provocando terror pânico; a Rainha, que trapeja, na varanda, como vela solta ao vento, faz sinais desesperados para conter os destemidos guerreiros; eu acolho-me à única porta que está aberta, no prédio fronteiro ao Café Suíço, e sou levado, pela multidão espavorida, quase nos ares, até ao último andar... Quando as coisas serenaram ouvem-se gemidos e gritos dilacerantes, de criaturas espezinhadas que não conseguem levantar-se. Uma desgraçada velha, a quem outra madama enfiara o tacão da bota pela boca, é levada meia morta para o hospital.

Tudo isto porque, ao entrar a procissão no Rossio, do alto das janelas do primeiro prédio, caiu uma chuva de prospetos vermelhos... para a próxima «corrida» de toiros.

À noite fogos de artifício no Tejo, que «resultaram» esplêndidos. É espetáculo de que me não farto, e esse gozei-o em condições especialíssimas, na Rocha do Conde de Óbidos, levantando os olhos de quando em quando para o terraço do palácio, onde a Rainha, iluminada, se movia multicolor, tal outra Loïe Fuller ampliada. A seu lado aparecia, sumia-se e reaparecia a forma grácil de Madame Verhaeghe.

A caminho do hotel, na Mónaco, deparou-se-me o Marcelino Mesquita, que eu não via há anos. Acolhimento cordial e logo a má-língua com dissertação literária no ramo teatral. Chegou da Alhandra esta tarde e já sabia, pelo Fialho, que eu estava em Lisboa.

— O Fialho afirmou que tu pareces cada vez mais cosmopolita, estrangeirado. Repliquei-lhe que o achava a ele cosmopolita e estrangeirado como ninguém, embora nunca tivesse saído do reino e fosse provinciano da gema. Está enfartado de leituras francesas, que lhe deturpam a visão das coisas reais que se passam na vida portuguesa, e se delinea ou esboça qualquer carácter nacional fá-lo sem verdade alguma, e sai-lhe infalivelmente embuçado em roupas importadas. No outro dia, confiando-me o plano de um drama que projeta escrever — (então é que percebi o motivo desta recrudescência de aversão ao Fialho: o Marcelino odeia todos os competidores dramáticos, mesmo aqueles que ainda estão no ovo) —, encarecia o desgosto sofrido pela protagonista a quem o marido declara que entre os dois se acabou «tudo quanto diz respeito ao amor». A mulher portuguesa, batizada,

casada, e mãe de família, não é suscetível de profundo desgosto perante semelhante declaração (se lha fazem, o que também é inverosímil): ou se resigna religiosamente, ou vai consolar-se com a criada e bisbilhota, enquanto toma o seu chazinho e torradas, com muita manteiga flamenga, que lhe são suficiente confortativo nos transe mais aflitivos. Os maridos tão-pouco dizem a sério que tudo está acabado em matéria de amor, sentimento de pouca dura nos casais portugueses legalmente cimentados. Porque o amor, na família constituída, assenta principalmente no desejo, na ambição de que todos os seus membros trabalhem e concorram para o bem-estar geral que o chefe substancia. No nosso país o pai de família *arranja-se* sem pensar na mulher, que é fator desprezível nos movimentos da fortuna, e sem grandes canseiras no que toca ao futuro dos filhos. À mulher, por seu turno, falta o conhecimento da vida social; é um ser à parte; nem confinada absolutamente na clausura do gineceu, nem apta ou capaz de se guiar com norte pelas encruzilhadas do convívio mundano...

Esta insossa e desconchavada arenga (que me surpreendeu no romântico Marcelino, e por fastidiosa não reproduzo na íntegra) felizmente não empanou a impressão deslumbrante que eu trouxera dos fogos de vista, e vou-me deitar esperançado em que os verei ainda em sonhos...

XX

Junho, 14

O António Nobre atingiu o último grau do lirismo... insuportável. Por dá cá aquela palha pespega-me trechos do *Só*, que já parecem algo cediços. Mas o pior, ainda, são as passagens do poema que atualmente congemina, e deverá intitular-se «O Regresso do Moço Anrique». O tom cavo, cheio de intenções sibilinas, com que ele diz: «O regresso do moço Anrique!» E uns versos do poema, que repete amiúdo, com os olhos fixos no infinito, e um soluço abafado? Trata-se duma nau, que traz especiarias não sei donde:

*e vinha à consignação
da firma comercial
Alves & Companhia...*

Estava-me ele secando com «O Regresso do Moço Anrique» quando eu descobro, no *Diário de Notícias*, que chegara ao Tejo um navio de guerra turco, vindo de Kiel, onde fora assistir à inauguração do canal e ali se socorrera do comandante do nosso *Adamastor* para o livrar de apuros de dinheiro. Li a notícia ao Nobre. «E» — acrescento — «se nós fôssemos visitar a nau turca, enquanto não chega o moço Anrique?» Fomos. É um velho calhambeque de rodas, cujo aspeto bélico não excede em imponência o dos vapores de Cacilhas.

Somos muito bem recebidos; quase festivamente. Na ausência do comandante é o «tenente-fotógrafo» (será este posto exclusivo da marinha turca?) quem nos faz as honras do navio, mostrando-nos todos os cantos e recantos. Depois oferece-nos uma colação, com grande variedade de bolos; café, que bebemos à moda oriental, e *chartreuse* à ocidental, quero dizer: muito de ambos os líquidos. Despedimo-nos encantados; o Nobre quase ressuma alegria...

Jantar na Legação da Bélgica, a que assistem os Cranneville. Narro a visita ao navio turco e as senhoras convidam-se para ir lá amanhã, com o Della Faille e comigo. O Cranneville esquiva-se. «Não haverá bolos a bordo que cheguem para tanta gente» — diz ele. A mulher felicita-se: «Ainda bem que não vás: tu és o tipo do desmancha-prazeres. O que não farão os turcos, quando virem senhoras, para nos regalar?...»

Julho, 15

A *toilette* com que apareceu hoje a condessa de Cranneville, destinada, sem dúvida, a embasbacar a tripulação do navio turco, já não era espartilhafatosa, mas puramente escandalosa. E o mais estranho é que Madame Verhaeghe tão-pouco se apresentou vestida com a simplicidade elegante que lhe é habitual. Seria por obediência a algum preceito muçulmano? Embora grego de origem e religião, o pai de Madame Verhaeghe era paxá e ocupava um posto elevado na corte, em Constantinopla, cidade onde a filha nasceu e foi educada, podendo, sem ofensa, atribuir-se-lhe algum dos predicados do *coquetismo* de gineceu.

Quando íamos a cerca de duzentos metros do navio reconheci o «tenente-fotógrafo», o qual, armado de binóculo, seguia os movimentos do nosso bote, e pouco tardou que, obedecendo evidentemente a ordens

suas, os marujos não içassem a escada de bordo; e logo todos desapareceram, ficando visível no tombadilho apenas a sentinela.

Surpreendido, mas longe de perceber o verdadeiro sentido destas manobras, comecei a fazer sinais para que baixassem a escada, e, quando estávamos à fala, bradei, em tom imperioso, pelo «tenente-fotógrafo», porém debalde. O silêncio a bordo era profundo e a sentinela nem mesmo parecia dar pela nossa presença. Despeitado, redobrei a gritaria, e com tal força e insistência que o «tenente-fotógrafo» foi obrigado a aparecer, e de muito má catadura perguntou-me o que desejávamos.

— Visitar o navio, está claro — respondi prontamente.

Ele então, em voz algo sumida, mas bem perceptível, redarguiu:

— É proibido receber a bordo mulheres de má vida.

E voltou-nos as costas.

— O que é que ele diz? — exclamou Madame Verhaeghe estupefacta; e eu, olhando com afetada atenção para a *toilette* da condessa, repeti, fria e lentamente, o que o tenente dissera...

Quase sol-posto apareceu-me no hotel o Cranneville todo assanhado, pedindo que o informasse exatamente do que se passara. Repeti-lho, ajuntando que eu tivera o bom senso de não consentir que as senhoras revelassem a sua qualidade e identidade, como a princípio queriam, e isso permitia esquecer totalmente o sucesso, sendo pois inútil pensar em esforços, e ainda menos pelas vias diplomáticas, como ele ameaçava.

O Cranneville é a personificação da insolência; teve inúmeros duelos, e em Budapeste tornou-se célebre por matar um judeu (metendo-lhe a espada pela boca), o qual recusava ceder-lhe o lugar na retrete. Porém, desde que fomos juntos à feira de Belém, e eu tive a sorte, numa barraca de tiro, de acertar, já não sei quantas vezes de seguida, na cabeça de um prego, ao passo que ele nunca deu no alvo, trata-me com assinalado respeito, e escuta-me atenciosamente. Fácil me foi, portanto, dissuadi-lo de dar seguimento ao incidente. Jantámos juntos e levámos a noite, até manhã, a correr os três *b*: barracas, botequins e bordéis. Na cervejaria da Trindade, o Cranneville, já bastante bêbedo, para estontear o gerente, desvenda-lhe o seu incógnito sem produzir grande impressão. O gerente é boêmio e apresenta-nos a mulher, criatura loira e lunar, com uma testa de requeijão.

Julho, 21

Vou sozinho a Algés ver a tourada e no caminho, num carro *Jacinto*, travo relações com a menina Emília da Luz, que se me sentou nos joelhos à falta de lugar mais cómodo. É uma figurinha de Sèvres, pequenina, bem-feita; a fina ossatura suficientemente estofada de carne cor-de-rosa; lindíssimos dentes; olhos e cabelo quase do mesmo castanho alourado. Traz companheira: uma espécie de «Madre Celestina» de meia-idade, cuja presença não repugna. Pago-lhes a entrada na tourada, levo-as a jantar numa tasca à beira do rio. Muitos contactos durante a refeição (que foi servida — lentamente) e mais ainda, em seguida, num banco do Jardim de Algés.

Emília da Luz possui um dos predicados mais raros e apreciáveis que podem concorrer no sexo frágil: cheira naturalmente bem; a pele, as suas secreções exalam leves perfumes delicados, que desejaríamos conservar nos dedos para sempre... Mora no Largo dos Canos (no Largo dos Canos não habitam «infelizes»; é logo ao pé, na Rua dos Canos, que elas se encontram, observa a «Madre Celestina»), mas por enquanto não me pode receber na sua casa. Combinamos um passeio e jantar para amanhã, na feira de Belém, e quando as ia levar ao «americano» acho-me envolvido pelo séquito do António Nobre. Apresento-lhes (em francês) a Emília da Luz com o título de Princesa de Bagdad (viajando incógnita) e o Nobre beija-lhe respeitosa e a mão...

Julho, 22

Ou porque lhe não tenha dado indicações precisas sobre o local do nosso encontro, ou por outro qualquer motivo desconhecido, a «Princesa de Bagdad» faltou. Para me consolar junto sardinhas assadas, com salada de pepino e tomates, na tasca mais popular da feira. Próximo à minha mesa e refastelando-se com igual iguaria, estavam duas ínfimas atrizes, com um mocinho que pedia tudo, atroando os ares com os seus clamores e logo com os seus berreiros, pelas repetidas rodas de açoites que apanhava.

Apareceu depois um estafado cabotino horripilante, pondo-se todos a maldizer, com inesperada graça, de quantos artistas e empresários trabalham na feira; isto no mais arrastado tom alfacinha, por vezes gíria chula, e as línguas sempre empapadas de peçonha.

Ia-as escutando com certo gosto, que se quadrava bem ao das sardinhas, quando vem dar comigo o Sr. Joaquim Patrício, algarvio, natural de Estômbar, rolheiro e cantor de igrejas. Ofereço-lhe de comer, que aceita, pedindo lulas e vinho, a que se atirou vorazmente, sem que isso o estorvasse de me contar a sua vida. Em Lisboa ganhava mais, como é natural: nos grandes centros apreciava-se melhor o verdadeiro mérito, embora o não retribuíssem convenientemente nas grandes festas religiosas a que «prestava o seu concurso». E assim por diante, enfático e maçador, repetindo sempre as mesmas coisas. Deixei-o com dificuldade.

Ao sair da tasca achei-me numa roda de caras conhecidas, que me acolhem afavelmente: são rolheiros, meus patrícios, que trabalham agora nas fábricas de Belém e Alcântara. Mais adiante outro cavalheiro de reluzente boné agalado mimoseia-me com a sua respeitosa e cerimoniosa barretada: é o barbeiro António Pardal, agora empregado no gás ou coisa que o valha. Um marujo para e exclama: «Ora viva o senhor Manuel Gomes...» — é o filho da Ti Teresa Barriga-Mole.

Entro na barraca dos «bonecos da cachamorrada» e apenas me sento lá vem outra vez o Sr. Patrício, mas com a família; tomam lugar a meu lado e entabulam conversa. Passados poucos instantes vem também cumprimentar-me a dona do estabelecimento: é uma megera de Ferragudo, que anda correndo as feiras de sociedade com a filha do Dr. Bastos, clínico portimonense hábil mas infeliz.

Outra vez na rua dou com o jovem e elegante Bitorres, que se oferece para me pilotar pelo «encantador labirinto da feira» (palavras suas); recuso, já de mau modo, e largo-o. Mas logo em seguida um moço negrucho e alentado estende-me a mão: «A sua bênção, meu padrinho» — é o filho da comadre Clara do Zé-Lindo... Em suma: o Algarve em peso. Ainda bem que a «Princesa de Bagdad» não andava comigo.

Mas verdadeira surpresa, se é que os encontros em Lisboa podem surpreender alguém, foi topar no «americano» com uma trupe de diplomatas, que me acolheram com ruidosas, festivas e algo avinhadas aclamações. Capitaneava o Cranneville, que anda iniciando o tímido Sr. de Bellow,

encarregado de negócios da Alemanha (ambos agora livres das esposas que abalaram para os seus respectivos países) nos mistérios da capital lusitana. Tinham-me procurado debalde por todos os cantos, e celebraram o meu encontro sobretudo porque desejavam que eu fosse apresentar o alemão a Madame Reis Torgal, a hospitaleira patroa do Bairro Alto, a qual eles indicavam ao ingénuo Bellow como sendo senhora de grande porte (embora caprichosa e fantasista) e parenta ainda do notável advogado do mesmo nome, a quem pertence o prédio que ele habita.

Lá fomos bater, e não se descrevem, nem se acreditam, as inverosímeis cenas a que deu lugar a apresentação do Bellow à Reis Torgal e às suas pupilas; os requebros cerimoniais do apresentado, até que um desbragado passo de cançã da patroa lhe abriu os olhos, mostrando a natureza do sítio onde o haviam trazido...

O alemão anda-se aperfeiçoando no uso da língua portuguesa, e para lhe proporcionar ensejo a conhecê-la melhor, ficámos de o levar num destes próximos dias ao Retiro dos Pacatos, cujo criado insulta, nos termos mais obscenos e injuriosos, qualquer comensal que lhe apareça de novo.

Deus me perdoe a enormidade, mas o cândido Bellow, que os colegas desfrutam, tem-me todo o ar de quem anda a chuchar com a tropa...

XXV

Agosto, 13

O Della Faille, o Perestrelo e eu fomos anteontem despedir os Verhaeghe, que partiram no vapor *Brésil*, das *Méssageries*, para Bordéus. Levámos-lhes flores escolhidas, à compita, mas julgo que as minhas, e assim mo deu a entender Madame Verhaeghe, excediam as dos meus concorrentes em frescura e beleza. (Quem sabe se não diria o mesmo a cada um deles.) Ela vai fazer a sua cura habitual em «Eaux-Bonnes». A pobrezinha não tem passado nada bem nas últimas semanas, e há dias sobreveio-lhe um daqueles furúnculos de mau carácter, a que é sujeita, obrigando-a a ficar de cama, onde foi operada pelo bom doutor «Féjan» (Feijão). Para a distrair, o Della Faille, o Perestrelo e eu revezámo-nos a fazer-lhe companhia. Sucedeu que numa ocasião em que a velha marquesa de Oldoïni a

foi ver, e o criado lhe estava explicando que a senhora não recebia visitas, eu cheguei e entrei livremente. À noite, em casa da condessa de Vila Real, a Oldoini comentava o caso dizendo «que Madame Verhaeghe quando estava na cama só recebia homens...»

Agosto, 17

Em 14 fui com o Della Faille à feira de Badajoz. Partida às 7 da noite e chegada às 8 da manhã seguinte, indo para o Hotel Central onde ficámos no mesmo quarto com o pintor Benarus e o jovem Pernes. As dimensões do quarto não davam largueza para uma pessoa só: estávamos como sardinha em tigela, o que não impediu o jovem Pernes de tomar ares de quem se enfeitava em desafogado e elegante gabinete.

Visita à catedral, cuja airosa torre coroada de ameias tem duas janelas do melhor «plateresco». O coro, espaçoso, e todo recamado de ornatos e figuras, é, além de gracioso, formosíssimo. Talvez não haja em Portugal outro que se lhe compare. — Nas capelas, algumas grades de ferro batido, caracteristicamente espanholas. — O claustro pitoresco, tendo os arcos fechados, até meia altura, com um entrançado de pedra caiada. — Na sacristia, várias pinturas que não são absolutamente desagradáveis.

Volta pela povoação. Na perspectiva do rio, a ponte de pedra, extensíssima, parece colear, mover-se, graças a não sei que irregularidades geométricas; e a porta principal da cidade, flanqueada de torreões, ergue-se com soberba castelhana.

A «corrida» com o Bombita e o Reverte, deveras emocionante. O Bombita engordou muito e arranjou uma cara de velha meretriz francesa.

À noite, na feira, morto de sono, sentado num banco desequilibrado, levei horas a ver circular o turbilhão de gente, e a ouvir a banda regimental de Elvas, que, figurava-se-me, só executava trechos onomatópicos: gritos de aves, uivos de feras, ressacas de oceano, estrépitos de locomotivas...

No dia seguinte torno à catedral, para ver a sala capitular, à qual se entra pelo claustro, a que está ligada por um corredor ou câmara estreita, onde, entre os alicerces de uma porta entaipada, jaz em lápide sepulcral de bronze uma truculenta figura de guerreiro, em baixo-relevo, obra excelente da Renascença italiana. A sala capitular toda forrada de tapeçarias preciosas. (É incalculável a riqueza da Espanha em tapeçarias; não há

aldeia nem vilório onde elas faltem nas igrejas, e algumas foram dádivas de portugueses mais ou menos ilustres.)

Clássica e inevitável romagem aos lupanares, incluindo uma casa «reservada» onde encontrámos numerosos lusos de aspeto mazorro, escutando, estupefactos, as *pamplinas* de um nadegudo maricão espanhol que, depois, cantou fados e dançou tangos. — «Corrida» ainda mais barulhenta e aplaudida do que na véspera.

A rua que leva da praça de toiros ao centro da cidade, toda enfeitada de vistosas meninas florindo nas sacadas. — Ao jantar encharquei-me de melão; mas que melão: divino ou diabólico?...

Deixo Badajoz com certa pena. Na estação, a donzela do restaurante, tipo completo de espanhola sensual — de mostrador —, sorri-me expressiva e langorosamente: é o inocente «convite à valsa» aos que partem e não voltam mais...

Chegámos a Lisboa hoje às 8 horas.

Agosto, 21 (no vapor do Barreiro)

Regresso a penates, pois não tarda que comece a campanha dos figos, em que tomo parte ativa.

Largo às 4½. A cidade vai-se afastando, toda talhada a machado pela violência dos ressaltos de luz nas sombras duras. Estranhamente alumada pelo sol oblíquo, ela foge e eu não a persigo com a minha saudade...

NOTA FINAL

Como já presumia nas breves palavras que antecedem estas recordações, evoquei cenas e imagens que se viessem a público melindrariam ainda muita gente; ora eu desejaria tudo menos provocar escândalo, e então à custa de pessoas a quem a fortuna deixou de sorrir. Feitas bem as contas concluí que nem a literatura nem a história perderiam coisa alguma com a supressão dessas passagens, e rasguei os capítulos que as continham. Perdoe-me o leitor se não satisfiz a curiosidade que porventura lhe agucei, com alguns lances que pareciam exigir continuação...

Bougie, outubro, 1933

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

A sua estada na capital da Galiza, onde foi professor assuntos da nossa literatura, recordou-me a semana que eu lá passei no século findo, em viagem de recreio. Impossibilitado de aceitar o seu convite para ali voltar e rever-lhe os tesouros artísticos, desforro-me, como é meu costume velho, evocando as já bastante apagadas reminiscências desses dias ditosos e fixando-as com tinta em papel. Salutar e agora muito útil exercício: o meu amigo julgará por esta minha tentativa o que haja de verdadeiro e sentido naquelas do mesmo género, mas de maior fôlego, a que me tenho abalançado... para exclusivo entretenimento próprio.

Que invejas eu não despertaria se me conhecessem melhor! Basta dizer que não tive, nesta minha já tão longa vida, uma hora de aborrecimento. Sofrimentos, desgostos, arrelias, sim; o tédio, o fastio do ocioso mandrião nunca experimentei. Tornava-se-me completa a felicidade apenas soltava da memória os espetáculos e quadros que ela ciosamente arquivara. Brincava com as imagens visuais como os filósofos (e esse deve ser o seu caso) jogam com as ideias abstratas... Calcule, com o que eu viajei e vi, o que devia andar arrecadado na minha fiel retentiva.

Vamos lá ver agora sozinho, nesta remota Bougie, de tão santas tradições muçulmanas, o que me acudirá à lembrança a respeito da católica e sagrada Santiago.

Repito: é um exercício proveitoso, porque além de me divertir até poderá dar o fecho (de que necessito) para o meu livro *Regressos*, o qual, embora

exclusivamente relativo a terras portuguesas, foi concebido e escrito com o mesmo espírito. De resto a Galiza e os galegos não estão, por tantos motivos, nos limites da nossa pátria?

Fiz a excursão à Galiza no mês de junho, partindo de Braga pela manhã de um dia tórrido, e chegando a Pontevedra, primeiro ponto de paragem, quase ao pôr do sol.

A paisagem que se desfrutava da linha férrea, e que não deve ter mudado, era monótona e algo tristonha, com as manchas de azebre dos extensos milharais, as matas de pinheiros escuros, e o mar, que a luz afumegada mal deixava distinguir, desvendando-se a espaços, leitoso, com leves e tenuíssimos reflexos cor-de-rosa.

Viana aparece-me incaracterística. Em Âncora, o afloramento de rochas negras, temeroso rebanho que foge para o mar e um mocho contempla do alto de uma cruz de pedra. Caminha, sem grande relevo mas cercada de aldeias pitorescas. Valença, embora fortificada, com o ar pachorrento, abacial, e logo Tuy, sem fortificações, porém coroada por um castelo atrevido, minaz, agressivo...

Em terras de Espanha a paisagem, sem variar muito da nossa nas culturas, alarga-se; ensancha-se, como lá dizem, depois de corrermos por um extensíssimo e formosíssimo vale fechado em montanhas que se sobrepõem umas às outras até mergulhar no azul esbatido do céu; amplia-se, quando entra às planícies alagadas pelas águas de Vigo, em linhas de uma grandeza indescritível. Porém um pouco rude por vezes, e sempre melancólica, impressão que a forma estranha dos inúmeros celeiros agrava. Cada casa das povoações por onde a linha passa tem ao lado esses celeiros de granito, com a forma de esquife, suspensos em pilastras e encimados por cruces da mesma pedra.

Na ria de Vigo uma ilha idílica atulhada de casario e verdura e outra, mais pequena, ideal refúgio para solitários, coberta de pinheiros-mansos.

A chegada de Pontevedra, embora tardia, ainda me deu, com o crepúsculo, uma hora de luz para correr pela cidade e entrar nas igrejas. A primeira, a «Peregrina»? de fachada convexa, elegante e sóbria, em estilo jesuítico, tinha no vestíbulo, servindo de pia de água benta, uma concha colossal, da América, mas de proporções tais como não recordo outra.

Próximo erguiam-se uns casarões, misto de templo e fortaleza, compreendendo um edifício de arquitetura regular e frontaria de pedra:

S. Francisco? Entrei por um portal bizantino coroado pela cruz de Malta. Nave imensa e irregular, alumada por uma só janela. Na capela-mor um estapafúrdio e luzente retábulo, dourado, e o cruzeiro atravancado de túmulos de granito, com figuras jacentes, de pés voltados para o altar. Tudo isto num jogo fantástico de grandes sombras em diversos tons.

Saí dali para me meter por um emaranhado de ruas (seguramente a parte mais velha da cidade) calçadas de lajes de granito; as casas assentes em colunas, formando galerias. Atravessei uma praça fechada em pequenas, quase humildes habitações, sem arquitetura especial, nem ornamentos além dos enormíssimos escudos de pedra que pompeiam à compita nas paredes (qual deles o mais soberbo e corpulento) e devem formar um capítulo de heráldica bem curioso.

Caminhando ao acaso vi, de repente, desenharem-se no céu umas rendas no género daquelas que encimam as paredes da Batalha. Pertenciam à Igreja de Santa Maria la Grande, na qual me pareceu descobrir alguns trechos do mais puro manuelino que conheço. A porta principal riquíssima, gorgolhando em figuras preciosas como é raro encontrar em Portugal, mesmo nos melhores monumentos. Dentro do templo a obscuridade já não permitia exames de qualquer espécie, mas ainda distingui, no vão da escada que dá para a torre, um crucifixo de dimensões gigantescas e expressão ferina; dois garotos, entre facécias galegas, preparavam a lamparina que o há de alumiar durante a noite.

Lindo, mas severo e triste, o panorama que se descobre do adro, abrangendo a ria estagnada e retratando a sombria montanha que, defronte, nos tapa a imensidade do céu, detrás da qual o Sol se põs.

Ao dia seguinte, de manhã, voltei às igrejas e ainda o que mais me impressionou foram os túmulos dos cavaleiros de Santiago, em S. Francisco. Uns deitados, outros ajoelhados; solitários ou com a mulher ao lado; figuras rudes em grosseira escultura; com larga ornamentação de caveiras e tibias; as armaduras e mantos levemente repassados de verde, do musgo que a humanidade ali cria e conserva; e banhando tudo uma inverosímil e delicadíssima cor de lilás, coada pela fresta gótica da parede.

Ficou-me de Pontevedra uma visão que se casa bem ao seu nome sonoro: o despertar de todos aqueles guerreiros, no dia de juízo, e a sua ânsia por despegar das paredes os tais escudos ciclópicos, a fim de comparecerem perante o Padre Eterno levando patentes os seus títulos de glória...

Depois do almoço embarquei na diligência que vai, ou ia, a Carril, onde se tomava o comboio para Santiago. Abrandara o calor, o que permitiu assentar-me no «pescante» (tejadilho) para nada perder da paisagem, que é simples e nobre, por todo o extensíssimo e fertilíssimo vale que a estrada segue, entre montanhas altas de recortes airosos. Pelo caminho topa-se a cada passo com os cruzeiros de granito, tendo de um lado o crucifixo e do outro lado uma tosca *pietà*: e hieráticos, hirtos, pegados à coluna, dois santos vestidos de romeiros.

Ao pé de Carril está Vila Garcia à beira do lago que o mar aí forma (oculta a entrada por montanhas), rival vitorioso da baía de Lagos para as manobras das esquadras inglesas.

A curiosidade principal do sítio é uma aglomeração de velhas construções pitorescas, compreendendo igreja, convento e castelo, este de ameias agudíssimas e ornado de brasões desmedidos. A povoação toda ressuma alegria, e não lhe faltam jardins onde abundavam os malvaíscos do mais variado colorido, sobressaindo os brancos e alaranjados, combinação delicada e altamente decorativa.

Entrei em Santiago já tarde, e apenas escolhido o quarto na «Fonda suís a» saí em busca de uma procissão, cuja cauda ainda obrigara a parar o carro que me trouxe da estação.

O ruído que os sinos faziam era espantoso, e na variedade de timbres tão diferentes, agudos, graves, argentinos troava a espaços o estrondo de um deles, voz profundíssima e tímida que aturdiava deixando no ar uma vibração onde o som de todos os outros se apagava, como se fossem simples sinetas.

Na rua, logo aos primeiros passos, deparou-se-me um trecho de catedral, o da fachada romano-bizantina, chamada, se me não engano, da «Plateria». Não resisti à tentação de lhe dar a volta e de a atravessar de fuga. Que aglomeração de edifícios imensos, com altíssimas torres e portadas estupendas, num perímetro tão vasto que dentro dele até me pareceu que o Escorial dançaria à vontade! E uma escadaria de vinte degraus (que eu contei) e mais de cinquenta metros de largura... Mas tudo isto foi a correr, pois o meu empenho, naquele momento, estava em não perder o espetáculo da procissão que pouco devia tardar.

Nesse mesmo largo da Plateria, preparado para a receber, levantava-se uma espécie de altar cheio de flores, sob um dossel de damasco vermelho,

e as janelas dos velhíssimos prédios que o cercam, de tão característica e curiosa arquitetura, ornadas de colchas de cores vistosas e repletas de damas de bustos floridos.

A praça enchera-se de gente, onde o mulhério abundava vestido de cores garridas e enfeitado de rosas e cravos; multidão compacta que trepava pela escadaria até à dupla portada bizantina, formando uma movente alcatifa de tons brilhantes, em violento contraste com o sombrio granito das construções.

Os sinos redobravam os seus ruidosos, festivos, triunfais repiques ao aproximar-se a procissão, que se compunha de meia dúzia de pequenos andores levados às costas de rapazes seminaristas, e parou quando o último, com a imagem da Nossa Senhora, chegou em frente do altar. Aí rompeu a orquestra, executando um trecho de música sacra, em que a Espanha é riquíssima, acompanhada de coros. Vozes nasaladas mas agradáveis, e a irredutível cadência das cantigas populares. (Sempre me hão de lembrar as deliciosas malaguenhas que, em uma Quinta-Feira Santa, ouvi cantar, na Catedral de Valência, a dois cónegos, que as entoavam, incansável e apaixonadamente, em púlpitos fronteiros...)

Volta pela cidade antes de recolher ao hotel. Pouca animação pelas ruas principais, que se assemelham às do Norte de Itália, graças à abundância de arcadas, as quais são aqui mais variadas (do simples semicírculo à ogiva gótica e ao tímido arco sarraceno), assentando em colunas de toda a espécie e feitio.

Não faltam por esse mundo terras que vivem unicamente de uma igreja, de uma ruína, ou de algum monumento célebre, sendo difícil que o forasteiro consiga libertar-se da obcecação causada pelo reclamo que lhe fazem, e sucedendo até passar por ali sem olhar para mais nada. Em Santiago, as proporções e a riqueza artística da catedral são tais que açambarcam a atenção, e embora a cidade contenha outros edifícios importantes, é na catedral que quase exclusivamente pensamos, e todo o tempo nos parece perdido quando nos achamos longe dela. É possível que no decurso de uma longa estação as ideias mudem, e se consiga pensar noutra coisa, porém a semana que lá passei ainda hoje me parece que foi pouca para, mesmo muito pela rama, lhe gozar as maravilhas. Sucede que o hospital, e outros edifícios de assinalada estimação, exibindo

preciosidades arquitetônicas, estão na praça para onde se abre a portada principal da basílica e dela como que fazem parte.

Para acentuar ainda mais o valor social do gigantesco monumento, naquela pequena cidade pejada de conventos e tradições medievais, a totalidade dos festejos públicos, mesmo os profanos, com ele jogam. As procissões, que eram ali numerosas, lá iam sempre bater, e nas ruas que a avizinham, os pingos de cera, das velas dos fiéis, eram tantos que resistiam a todo o género de limpeza e davam-lhes um lustro especial.

Essa incomparável praça do hospital, de aqui a estou vendo: a fachada da catedral, de estilo fantasista mas soberbamente orquestrado; a frontaria do hospital, com aqueles pomposos brasões reais da casa de Áustria e a portada manuelina onde o gracioso bem se molda ao majestoso; a fachada das «Casas consistoreales» pesadas e sem estilo, mas com certo proveito decorativo para o conjunto da praça; o trecho do palácio, que ainda pertence à catedral, onde está a sala capitular, terminando numa elegantíssima galeria; e a portada românica, na qual se pressente o gótico, de um sabor raríssimo, que dá acesso à escola, dependência da universidade.

O interior do hospital merece particular menção. Tudo ali interessa. Nos dois claustros, entre os quais fica a sua capela ou igreja, há muitas portadas manuelinas que podiam ir para os Jerónimos. A igreja, cujo traçado é de perfeita cruz, separada do coro por uma grade de ferro batido, como só em Espanha as há, com mil detalhes esquisitos de cor e de desenho, rematando por três escudos reais de bronze lavrado, sustidos por uma águia negra; um púlpito octógono de madeira primorosamente esculpida; a capela-mor, que abrange os braços da cruz, ligada ao topo (antes de atingir o teto) por arcos largos, arrojados, de volta abatida, sustidos em pilares entalhados, cheios de figurinhas nos seus nichos rendados como favos de mel...

Não sei se ainda lá estará, na sacristia, uma cómoda de castanho, carcomida mas inteiramente recortada de medalhões e arabescos no melhor gosto da Renascença, e repleta de paramentos de fabulosa riqueza e consumada arte, com imagens de santos em vulto, bordados a ouro e prata e torçal de cores.

Mas voltemos à catedral, que é o que importa, e entremos pela portada principal, a que já aludi, para logo darmos com a sublime Puerta de la Glória, primitiva entrada que um estreito vestíbulo separa da moderna. Demasiado estreito, esse vestíbulo, impedindo focá-la, completamente, no

seu conjunto, o que é deveras lamentável, pois no género nada há, nem mesmo nas catedrais francesas, que a supere. Sublime no conjunto; prodigiosa nos detalhes, com essas rítmicas teorias de piedosas figuras, que apenas esboçam um gesto mas nas suas atitudes hieráticas vivem uma vida intensíssima. E os monstros que sustêm os feixes: de colunas, que dividem as três arcadas, raivosos, mordendo as mãos com que desespero!; são temerosos, infernais. Porém no meu juízo, a apoteose do remate, com aquele Cristo radiante, cercado de anjos, serafins, e beatos romeiros, que enchem o arco da abóbada, excede em realização ideal tudo quanto o homem tentou jamais trasladar do espírito para a pedra.

Como era habitual na época em que o executaram, todo o pórtico foi colorido, e ainda agora as figuras conservam na face a carnação quase perfeita; e melhor seria a conservação geral se os ingleses o não tivessem moldado em gesso, para obterem a estupenda reprodução que possuem em Londres no Museu de Kensington. Mas provavelmente não existiria já resquício de colorido, nem as figuras teriam permanecido assim intactas, se o «mau gosto» do século XVII as não houvesse protegido das intempéries, levantando a portada exterior. É caso ainda para repetir: «há males que vêm por bens».

A outra entrada da catedral, Puerta de la Plateria (?), no estilo românico, parece fundida em metal, não saindo os recortes da linha plana da superfície. Algumas colunas lembram, em ponto grande, certos dentes de elefante lavrados, que vinham da Índia, pela infinidade de entalhes ornamentais e figurinhas pasmadas.

O que mais surpreende nas catedrais espanholas é a incessante persistência de tantas gerações, com todas as modas e estilos, em vir piedosamente ornar-lhes o interior; nem um instante de pausa ou desfalecimento; umas após outras foram completando e aumentando a obra comum, enriquecendo o tesouro público para exaltação e glória da Fé. De modo que é fácil, em qualquer desses templos colossais, que seja em Burgos, Toledo, Barcelona ou Sevilha, estudar a história da arte através dos tempos católicos, em todas as suas manifestações, melhor do que nos mais famosos museus profanos. Livres dos terramotos que arrasaram tanta igreja notável em Portugal, e das revoluções populares que em França lhes limpavam o recheio, as catedrais espanholas arrecadam ainda hoje, por assim dizer, tudo quanto no decorrer dos séculos os fiéis lá depositaram, na esperança de abrir caminho para o céu e assinalar a sua passagem pela terra...

Como seria possível dar uma ideia aproximada das mil maravilhas que abarrotam a Catedral de Santiago (em cuja arquitetura domina o estilo românico mas ainda com rastos de bizantino) desde os pesados, graníticos túmulos dos primitivos cavaleiros, até aos arcos arrendados das composições góticas, e as eflorescências harmoniosas da Renascença; os retábulos desmedidos, povoados de toda a casta de figuras; as grades de bronze e de ferro batido e esmaltado; os armários e arcas esculpidas; as portas de ébano consteladas de pregos de oiro; os lustres de prata maciça, a par dos de Murano, feitos de flores delicadíssimas de vidro colorido, com reflexos de nácar; as imagens idealizadas e as cruamente realistas; os detalhes ricos e bárbaros; o amontoado do rococó exuberante, enfático, vazio, ao lado das linhas puras de um arco ogival ou árabe; e, mau grado a tanta manifestação de genuína idolatria, não sei que ambiente de sincera religiosidade, um desprendimento das misérias humanas, uma palpitante aspiração à bem-aventurança, que é raro sentir dentro das igrejas católicas. E a mais de tudo isto o cunho especial que o temperamento espanhol conseguiu imprimir a todas as revelações da arte, dando relevo e carácter ao que noutros países é charro e insosso.

Mas a lembrança que me ficou da capela-mor, regurgitando riquezas barbaramente acumuladas, com o orago (ia dizer o monstro) ao centro, recamado de pedraria, levanta clarões que encandeiam, como labaredas refletidas em espelho.

E numa capela próxima, revestida de mármore preciosíssimos, vejo ainda agora um pequeno S. Sebastião de jaspe, mais alvo que marfim, e indecente quanto pode ser, com nádegas e quadris de alentada matrona...

E veio o claustro de severo gótico ainda mal florido; a sala capitular forrada de alegres tapeçarias flamengas, reproduzindo cenas campestres prediletas do Teniers; e formando dossel um deslumbrante pano de brocado; e em lugar conspícuo um braseiro revestido de pau-preto e ornado com os emblemas da ordem, concha, bordão e cruces esquarteladas, que o sacristão afirma ser dádiva da nossa Rainha Santa Isabel; e para remate um colossal defumador de prata, que o mesmo informante diz que era indispensável para atenuar as recendências que exalavam os grupos de peregrinos...

Um dia, depois do almoço, querendo ver uma sala que me haviam gabado, e estando ausente o guarda principal, pedi a um subalterno que abrisse a porta. Respondeu-me que lhe era defeso, «por estar lá dentro o

cão». Um cão que se soltava de noite para guardar a igreja: que fera não seria!

A obrigatória visita ao tesouro da Sé, inestimável museu de joalheria que ocupa uma capela: baixos e altos-relevos em metais preciosos; cofres lindamente lavrados; custódias góticas em cujos arrendados estão presas, como em teias de aranha, dezenas de figurinhas; cruzeiros e santos de ouro e prata cravejados de pedras finas; e um Santiago leproso com bubões de esmeraldas do tamanho de avelãs; tudo numa profusão sem excessivo amontoado. Essa mesma capela encerra os túmulos de vários reis de Leão e Galiza, de simples composição (apenas uma estátua jacente, sem mais debuxos); entre eles uma tal Dona Beringuela, condessa de Barcelona, que figurava nos contos da minha ama.

Na manhã em que visitei o tesouro fiquei na igreja a ouvir a missa cantada, que foi precedida de uma vistosa procissão, percorrendo todas as naves ao som de cantochão, onde toava um baixo tão profundo e retumbante que a sua voz parecia surgir dos subterrâneos, ecoar nas capelas, e dar volta às abóbadas, voz em harmonia com o sino monstruoso a que já me referi.

Nesse dia houve a «esperada» aparição, que, mercê de Deus, nunca falta a quem frequenta os seus templos. Na passagem mais sugestiva da missa, quando o órgão soltava hinos gloriosos, uma senhora de suprema distinção veio como que deslizando lá do começo da nave e ajoelhou quase a meu lado. Nunca ave alguma poisou em terra mais levemente do que ela caiu sobre os joelhos, e ajeitando as pregas do vestido imobilizou-se numa extática atitude elegantíssima, de figura tumular... das que se veem em Veneza na Igreja de S. Giovanni e Paolo.

Quando saía do meu hotel raro era não parar diante da vitrine de um cerieiro vizinho, enlevado na fantasia, graça e delicadeza das velas que lá expunha, ornadas de tão mimosas pétalas como o espinho florido.

Uma recordação mais para terminar.

Na imensa, desconsolada Igreja de S. Francisco, cujo pórtico abre entre colunas de dimensões ciclópicas, porém maltalhadas, grotescas, barrigudas: ao som do órgão, coando tristemente na vastidão do frio templo, três padres resplandecentes de ouro vivo, saindo da capela-mor, seguidos de três lanternas de prata levadas por acólitos de opa vermelha, atravessam

gravemente a nave desolada e somem-se pela porta do claustro, rasgada no granito mas com moldura doirada, logo como que ciosamente fechada e trancada pelas mãos de um humilde irmão menor franciscano. No coro, as vozes espaçadas, com longas pausas, entoaram não sei que aflitivos, lamentosos cânticos...

A impressão panorâmica de Santiago vem-me da multiplicidade dos seus conventos, com altíssimas paredes de granito, verdadeiras muralhas de fortaleza ou de prisão, que incutiam pavor, e do contraste com a ridentíssima paisagem que os campos lhe armam em volta.

Quanto aos habitantes a minha visita foi curta demais para de algum modo os poder cultivar e descrever.

Findo o tema, acabado o exercício — e todo este livro é composto de temas e exercícios feitos de memória — só me resta saber se lhe agradou e quantos valores lhe mereceu...

Bougie, maio, 1933

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO



N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

ÍNDICE

| | |
|--|---|
| PREFÁCIO, <i>por</i> HELDER MACEDO..... | 5 |
|--|---|

REGRESSOS

| | |
|-----------------------------|-----|
| ÉVORA..... | 15 |
| ALCOBAÇA..... | 25 |
| SINTRA..... | 33 |
| A BATALHA..... | 41 |
| O MUSEU DOS COCHES..... | 49 |
| NO ALGARVE..... | 57 |
| NO PORTO (1893)..... | 69 |
| BRAGA E O BOM JESUS..... | 77 |
| COIMBRA..... | 85 |
| LAGOS..... | 95 |
| LISBOA (1895)..... | 101 |
| SANTIAGO DE COMPOSTELA..... | 139 |

MISCELÂNEA

| | |
|---------------------------------|-----|
| CARTA A ANTÓNIO PATRÍCIO..... | 153 |
| CARTA AO DR. AZEVEDO NEVES..... | 159 |

| | |
|--|-----|
| CARTA A VIANA DE CARVALHO | 165 |
| CARTA AO DR. F. MIRA. | 169 |
| CARTA AO DR. JOSÉ PONTES | 175 |
| CARTA A JOSÉ DE FIGUEIREDO. | 179 |
| CARTA A ANTÓNIO PATRÍCIO | 191 |
| CARTAS AO PINTOR SOUSA LOPES | 197 |
| CARTA A JOÃO DE BARROS | 203 |
| CARTA A VIANA DE CARVALHO | 217 |
| CARTA A VIANA DE CARVALHO | 223 |
| CARTA A VIANA DE CARVALHO | 229 |
| CARTA AO DR. F. MIRA. | 235 |
| PARA UM POETA PAGÃO | 241 |
| CARTA A VIANA DE CARVALHO | 245 |
| CARTA AO DR. HENRIQUE BASTOS | 249 |
| CARTA A ANTÓNIO PATRÍCIO | 253 |
| CARTA A JOÃO DE BARROS | 259 |
| CARTA A MANUEL MENDES | 263 |
| CARTA A ANTÓNIO SÉRGIO | 267 |
| CARTA A ANTÓNIO PATRÍCIO | 271 |
| CARTA A CÂMARA REYS | 277 |
| CARTA AO DR. JAIME CORTESÃO | 285 |
| CARTA A JOÃO DE BARROS | 289 |

CARNAVAL LITERÁRIO

| | |
|---|-----|
| ADVERTÊNCIA PRELIMINAR. | 295 |
| VARIAÇÕES SOBRE VELHÍSSIMOS TEMAS | 297 |
| FIGURAS E QUADROS DE POUCA MONTA | 323 |
| DE TUDO UM POUCO. | 353 |
| EM PLENO ABSURDO | 421 |

LONDRES MARAVILHOSA E OUTRAS PÁGINAS DISPERSAS

| | |
|---|-----|
| LONDRES MARAVILHOSA | 441 |
| DIÁLOGOS IMPERTINENTES | 455 |
| EXCERTO DE UM DISCURSO PRONUNCIADO EM FRANCÊS | 467 |
| APONTAMENTOS. | 471 |
| SOBRE A GÉNESE DE UM ROMANCE | 497 |
| FILOSOFIA DE TRAZER POR CASA. | 501 |
| NOTAS ENSARTADAS A MODO DE POSFÁCIO | 505 |

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

OBRAS DE MANUEL TEIXEIRA-GOMES

- Inventário de Junho*, 1.^a ed., Porto, Typographia de A. J. da Silva Teixeira, 1899; 2.^a ed., Lisboa, Livraria Classica Editora de A. M. Teixeira, 1918; 3.^a ed., ilustrada, Lisboa, Seara Nova, 1933; 4.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, 1958; 5.^a ed., com prefácio de Urbano Tavares Rodrigues, Lisboa, Bertrand Editora, 1984.
- Cartas sem Moral Nenhuma*, 1.^a ed., Lisboa, Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, 1903; 2.^a ed., Lisboa, Clássica Editora, 1912; 3.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1934; 4.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, [s. d.] (1958); 5.^a ed., Lisboa, Bertrand Editora, 1986.
- Agosto Azul*, 1.^a ed., Lisboa, Livraria Classica Editora de A. M. Teixeira, 1904; 2.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1930; 3.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, 1958; 4.^a ed., Lisboa, Bertrand Editora, 1984.
- Sabina Freire*, 1.^a ed., Lisboa, Livraria Classica Editora de A. M. Teixeira, 1905; 2.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1936; 3.^a ed. (com estudo crítico de Carlos Malheiro Dias), Lisboa, Portugália Editora, [s. d.] (1958); 4.^a ed., Lisboa Bertrand Editora, 1987.
- Desenhos e Anecdotas de João de Deus — Reprodução de Um Artigo da Revista Arte & Vida para Ser Vendida em Proveito da Associação das Escolas Moveis pelo Methodo João de Deus*, Lisboa, Livraria Classica Editora de A. M. Teixeira, 1907.
- Gente Singular*, 1.^a ed., Lisboa, Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira, 1909; 2.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1931; 3.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, [s. d.] (1958); 4.^a ed., Lisboa, Bertrand Editora, 1988.
- Cartas a Columbano*, 1.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1932; 2.^a ed. [com três retratos do autor por Columbano], Lisboa, Portugália Editora, [s. d.] (1957).
- Regressos*, 1.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1935; 2.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1935; 3.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, 1960; 4.^a ed., Lisboa, Bertrand Editora, 1991.
- Novelas Eróticas*, 1.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1935; 2.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, [s. d.] (1961).
- Miscelânea*, 1.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1937; 2.^a ed., vol. 1, Lisboa, Portugália Editora, Lisboa, [s. d.] (1959); 3.^a ed., Lisboa, Bertrand Editora, 1988.
- Maria Adelaide*, 1.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1938; 2.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, [s. d.] (1959); 3.^a ed., Lisboa, Bertrand Editora, 1986; 4.^a ed., Lisboa, Círculo de Leitores, 1986.

- Carnaval Literário*, 1.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1939; 2.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, 1960.
- Ana Rosa*, Lisboa, Seara Nova, 1941. [«Proémio» de Castelo Branco Chaves, escrito a 22 de outubro de 1941.]
- Londres Maravilhosa*, 1.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1942; 2.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, [s. d.] (1960).
- Correspondência I: Cartas para Políticos e Diplomatas*, 1.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, 1960.
- Correspondência II: Cartas para Políticos e Diplomatas*, 1.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, 1960.
- Sabina Freire, Comédie en Trois Actes*, Carlos Malheiro Dias (préface), Armand Guibert (traduction), Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, Presses Universitaires de France, 1971.
- Obras Completas I (Inventário de Junho — Cartas sem Moral Nenhuma — Agosto Azul)*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda/Câmara Municipal de Portimão, 2009.
- Obras Completas II (Gente Singular — Novelas Eróticas — Maria Adelaide)*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda/Câmara Municipal de Portimão, 2009.

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO



ISBN 978-972-27-3062-4



9 789722 730624

IMPRESA
NACIONAL

DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO: LITOGRAFIA COMERCIAL